

# iátrico

nº25

## PNEUMOTÓRAX

*Febre, hemoptise, dispneia e suores noturnos.  
A vida inteira que poderia ter sido e que não foi.  
Tosse, tosse, tosse.*

*Mandou chamar o médico:*

- Diga trinta e três.*
  - Trinta e três... trinta e três... trinta e três...*
  - Respire.*
- 
- O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.*
  - Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?*
  - Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.*

# Medicina e Poesia

# ÍNDICE

**3** **Iátrica ao leitor**  
A alma dos sanatórios

**4** **Medicina e poesia**  
Caminho para liberdade

**15** **Da elegia à endocrinologia**  
A poesia do dia a dia

**24** **Galeria poética**  
Uma seleção para guardar

**27** **Galeria musical**  
Dez canções para recordar

**32** **Pedro Almodóvar Caballero**  
Da série diretores mais populares

**36** **A lei hipocrática**  
O médico na era moderna

**38** **Ensaio de Aldous Huxley**  
Extensão inexplorada da mente humana

**54** **Leonardo da Vinci**  
O anatomista

**63** **Receita de Doutor**  
Trouxinha de Linguado

## Edições Anteriores

Confira as edições anteriores do Iátrico no site [www.crmpr.org.br](http://www.crmpr.org.br)

Esta edição é dedicada  
ao médico e à poesia.

## A CAPA

"A alegria é a  
prova dos nove"

Bandeira foi tuberculoso. Viveu em sanatórios aqui e na Europa. Conheceu por dentro a vida que poderia ter sido e que não foi; a

melancolia vivenciada e também artística do final do século XIX. Não à toa, conseguiu traduzir com a maior simplicidade o infortúnio de quem não tinha perspectiva, o semiviver. Mas, mudou o século e mudou Bandeira. Da tristeza para alegria, ou melhor, dotou-se de tristeza e alegria, binômio mais consentâneo com o humano que somos. E isso fica claro ao final do poema, quando apesar de nem ser possível o doloroso e paliativo pneumotórax, posiciona-se com dignidade diante da desgraça, ou seja, com música. Melodia que já antecipara no pontilhado que se segue a uma inspiração forçada, dando ponta musical à tragédia diagnóstica e à nesga de vida. Espaço que deve ser vivido sem autocomiseração, de preferência com "joie de vivre". A alegria como prova dos nove dos modernistas que estavam embrionários. A postura de quem é digno de seu tormento.



A edição 25 do Iátrico traz, nas páginas 69 e 70, a reprodução de mais dois painéis da coleção "Pioneiros da Medicina do Paraná", obra dos Médicos Isen Affonso da Costa e Carlos Ravazzani e que está exposta na Casa do Médico.

# iátrico

PUBLICAÇÃO CIENTÍFICO-CULTURAL DO CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO PARANÁ - EDIÇÃO Nº 25  
CRMPR – Rua Victorio Viezzer, 84 | Vista Alegre | Curitiba-PR | CEP 80810-340 | Fone: 41 3240-4026 | Email: [iatrico@crmpr.org.br](mailto:iatrico@crmpr.org.br) | Comissão de Comunicação: João Manuel Cardoso Martins, Miguel Ibraim Abboud Hanna Sobrinho (presidente do CRMPR), Gerson Zafalon Martins, Luiz Sallim Emed, Donizetti Dimer Giamberardino Filho, Hércio Bertolozzi Soares, Ehrenfried O. Wittig e Hernani Vieira | Editor-coordenador: João Manuel Cardoso Martins (Membro da Academia Paranaense de Medicina e Professor da PUCPR) | Jornalista Responsável: Hernani Vieira (CTRS 993/06/98v - SINDIJOR 816) | Projeto Gráfico e Diagramação: Upper Comunicação (41 3024-0674) | Impressão: Serzgraf (41 3026-9460) | Tiragem: 22.000 exemplares | Edição dezembro 2009.

# Iátrica ao leitor: a alma dos sanatórios

**Na virada do século dezenove para o vinte a** tuberculose ceifava vidas e produzia arte. Sanatórios, em geral, sítios de lúgubre desespero em face de doença que correspondia à atual AIDS, também produziam escassa arte. Mas de valor. Quem leu *A Montanha Mágica* de Thomas Mann, obra indispensável à cultura de qualquer médico – outra do mesmo autor é *Doutor Fausto* –, descobre um personagem, Hans Castorp, extraordinário em sua composição de personalidade dividida, às voltas com a moralidade da época e com o imponderável. Ao visitar um sobrinho no sanatório para tuberculosos acaba com o mesmo diagnóstico, um infiltrado. E aqui cabe o duplo

sentido. Mais do que a doença física, sua doença também é espiritual. Isso permite uma trajetória de educação e desenvolvimento espiritual nunca acabado, num meio de cultura dispar que vai do apolíneo ao dionísio, da honra à desonra, da sedução à repulsa. Do esperado, a morte; ao inesperado, a cura. A luta entre espírito e corpo. Mann e aquilo que melhor sabia fazer, a doença física como metáfora dos males da alma. A verdadeira prisão não sendo o sanatório, mas as próprias ideias dos personagens. Sua clausura estava na cristalização do espírito, e a libertação no embate entre ciência e religião. A solução, no amálgama das duas, por intermédio do amor. ■

**A tuberculose é a doença infecciosa que** mais matou até hoje. Problema não erradicado no mundo periférico, recrudescido no primeiro, via AIDS. Virou cultura mercê os artistas que matou ou que dela se apropriaram para defender seus medos ou infortúnios. Ou para glorificar o martírio ou heroísmo de seus amigos e conhecidos.

No Brasil se criou grande poesia tísica. Damos mos-

tra na capa deste número com o Pneumotórax de Manuel Bandeira, e a seguir com *Sanatório* de Ascânio Lopes. Neste, a sensibilidade do poeta descreve a inevitabilidade do sofrimento e sua analogia com um mundo sombrio que não controlamos, e termina brilhantemente com uma analogia de luta e força, a vítima mantendo sua dignidade. Com este tipo de poesia homenageamos sua intersecção com a Medicina. ■

**A vida vale pelo que é memorável. Um** encontro, uma música, um poema, um sabor, um flash que acenda um conceito imprevisto.

Tudo isto, sem qualquer pretensão, esta edição do *Iátrico* pretende lhe dar. O encontro da ciência e da arte, da medicina e da poesia. Músicas que você conhece sobejo e aprecia, ao lado de uma ou outra que serão verdadeiras surpresas, pérolas. Para isso "compusemos" *Other Thin-*

*gs*, trilha sonora que poderá ser ouvida em nosso sítio ("site"). Escolhemos alguns poemas de poetas brasileiros que poderão ser verdadeira iniciação a quem nunca deu bola para poesia. Para um sabor novo, algo que se possa experimentar e dizer: ficou. Ficou na memória agradável do tempo. Pois se a vida são momentos, queremos colaborar com um deles. Pequenos prazeres, que no todo da revista, pretendem ser um dos seus grandes momentos. ■

## Poesia tísica

## Momentos

## SANATÓRIO

Logo quando os corredores ficarem vazios,  
e todo sanatório adormecer,  
a febre dos tísicos entrará no meu quarto  
Trazida de manso pela mão da noite.

Então minha testa começará a arder,  
todo meu corpo magro sofrerá,  
e eu rolarei ansiado no leito  
com o peito oprimido e de garganta seca.

Lá fora haverá um vento mau  
e as árvores sacudidas darão medo.  
Ah! Os meus olhos brilharão, procurando  
a morte que quer entrar no meu quarto.

Os meus olhos brilharão como os da fera  
que defende a entrada de seu fojo.

**Ascânio Lopes,**  
Revista Verde, pág.12.

## NONECÁLOGO DE ABRAHAM LINCOLN

1. Não criarás a prosperidade se desestimulares a poupança;
2. Não fortalecerás os fracos se enfraqueceres os fortes;
3. Não ajudarás o assalariado se arruinares aqueles que o pagam;
4. Não estimularás a fraternidade humana se alimentares o ódio de classes;
5. Não ajudarás os pobres se eliminares os ricos;
6. Não poderás criar estabilidade permanente, baseada em dinheiro emprestado;
7. Não evitarás dificuldades se gastares mais do que ganhas;
8. Não fortalecerás a dignidade e o ânimo se subtraíres ao homem a iniciativa e a liberdade;
9. Não poderás ajudar os homens de maneira permanente se fizeres por eles aquilo que eles podem e devem fazer por si próprios.

# Medicina e Poesia

**Você está sozinho (a) em casa? Ótimo! É para que não o achem doido.** Então receba o fragmento poético de W.H.Auden e o declame alto e com a devida dicção: *"a crack in the tea cup opens a lane to the land of the dead"*. Note que é uma síntese dramática e perfeita formada por monossílabos e dissílabos com uma natureza granítica, perene, significando que a queda do Império Britânico (a fenda na xícara de chá) abriu caminho para as duas grandes guerras mundiais (a vereda para a terra dos mortos) com seu morticínio.

Mas não tem importância que não saiba o significado. Suspenda quaisquer dúvidas e concentre-se apenas na vivência poética, na apreciação estética das sílabas estalando na sua língua. Se levar jeito na entonação não há

como não se entregar sensorialmente, tal a força e harmonia sentidas. É poesia em sua melhor acepção. Ritmo e sonoridade a serviço do conteúdo. Um casamento perfeito, indissolúvel, entre música e significado. E mais: o conceito dando profundidade e a imagem extensão ao pensamento. Uma escalada para sentir o sublime. Não sentiu? Não escalou? Não se preocupe. Pelo menos abra-se a uma nova possibilidade de compreensão, essência da educação.

Admitamos, então, o brilho dos versos; convém perguntar: de onde vieram? Como Auden os produziu? Melhor chamar outro poeta para responder, Augusto dos Anjos. Em seu poema *Ideia* questiona: De onde ela vem?! E, no mesmo, responde: Vem da psicogenética e alta luta. Ufa,

que síntese! Sabia sem saber. Se antecipou à genética, deu voz à psicologia e, portanto, grandeza à imaginação, às percepções, às evocações e sentimentos. Mas deixou claro que o esforço e a disciplina são fundamentais, sua alta luta. Para alguns, como João Cabral de Melo Neto, era luta pura. Tanto que saía de seus poemas suando e de picareta na mão. Pessoalmente sou favorável ao binômio psicogenética e luta.

Ainda neste veio também convém saber se a poesia tem importância. E surpreenda-se, nenhuma. Além do encanto e do espanto, nada. Não serve para nada. Inútil como um inútil, diria outro poeta. Não serve a nada e a ninguém, só a si mesma. Por isso, individual, singular. Nisso reside sua grandeza. E seu interesse não é acanhado. Procura simplesmente absorver a alma inteira do interessado. Quando acontece essa apreciação estética estamos diante do sublime.

**"O POETA É UM LUTADOR. ESGRIME AS PALAVRAS ORA ACERTANDO-AS, ORA DESPERDIÇANDO-AS, PORQUE NUNCA APRENDE A ESCREVER. ESTÁ SEMPRE APRENDENDO, SEMPRE BUSCANDO AS PALAVRAS E AS FORMAS CERTAS, PARA QUE POSSAM TOCAR MENTES. ESPANTÁ-LAS COM A DIVERSIDADE HUMANA."**

Suponhamos que em face de um grande poema o mesmo não tenha absorvido seu espírito, ainda assim restará a mediação intelectual e crítica. Ou seja, palmilhar a beleza que outros lhe mostrarão decodificando a graça e o testemunho do poeta. Sua provocação, não seu ensinamento. E este, o poeta, quem é?

O poeta é um lutador. Esgrime as palavras ora acertando-as, ora desperdiçando-as, porque nunca aprende a escrever. Está sempre aprendendo, sempre buscando as palavras e as formas certas, para que possam tocar mentes. Espantá-las com a diversidade humana. Era o que pensava João Cabral e que Drummond colocou tão bem em seu poema *O lutador*: "Lutar com palavras/ É a luta mais vã./ Entanto lutamos/ mal rompe a manhã."

Ah, coitados de nós que simplesmente juntamos palavras vãs de ocasião e, por isso, raramente atingimos a essência dos outros, raramente acendemos um ponto luminoso, um brilho, em sua trajetória. Mas sempre nos consolam os acendedores de espírito. Aqueles que com uma

frase nos despertam da sonolência existencial, os poetas.

Agora, dileto leitor, você me pergunta: onde entra a Medicina nisso? Qual o ponto de encontro das duas artes? Certamente a linguagem. Mas, enquanto ciência, a Medicina é poética.

A ciência busca suas ideias no poço fundo das vivências não memorizadas "No rearranjo que o esquecimento promove na sedimentação dos saberes". E num átimo a conexão se faz, isto é, as ideias aparecem nas ocasiões mais insólitas. O pesquisador nunca está em férias. As ideias podem aparecer observando a natureza, dirigindo um veículo, assistindo um filme, até mesmo, pasme, fazendo amor. Intuir algo é captar e desvendar um enigma, pressentir sem o uso da razão. Perceber por meio dos sentidos. Um momento poético. Só depois a razão começa a trabalhar, e surge um palpite, ao qual chamamos hipótese, sobre o que possa ser uma verdade. Elaboramos uma previsão e montamos um método para buscar provas. Pois como sabe o advogado Saulo Ramos, hipótese é aquilo que não é, mas a gente finge que é para ver como seria, se fosse... Não é poético? O se fosse se baseia na consistência das provas. Isso é ciência, o salto da crença à evidência. E ainda restará convencer os outros, usar a retórica, tudo com "lógica implacável e prudência consumada".

Tudo posto, um médico não alargará seus horizontes sem música, literatura e poesia. Pois são as aptidões gerais que ajudam a desenvolver competências particulares ou especializadas. É o encontro da cultura científica com a cultura das humanidades, o amálgama do pensamento organizado.

Pronto, está feito o grande encontro da arte e da ciência, nascedouro único para o desenvolvimento e acabamento em mentes bem organizadas, bem-feitas, rigorosas, onde só cabem provas, as dos cientistas. Também estes, grandes aprendizes e lutadores. Os que tentam saber o que não sabem. Pois o conhecimento brota do fascínio do assombro. Poético, não? Pois é, meu caro leitor, não podemos ser livres no rigor da ciência, que nos enquadra em seus preceitos de maneira severa. Ser, é ser livre. Mas isso só se completa no encontro da ciência com a arte, com a música e a literatura. Na aliança da poesia com a biologia. ■

# A Pedra e o Diagnóstico

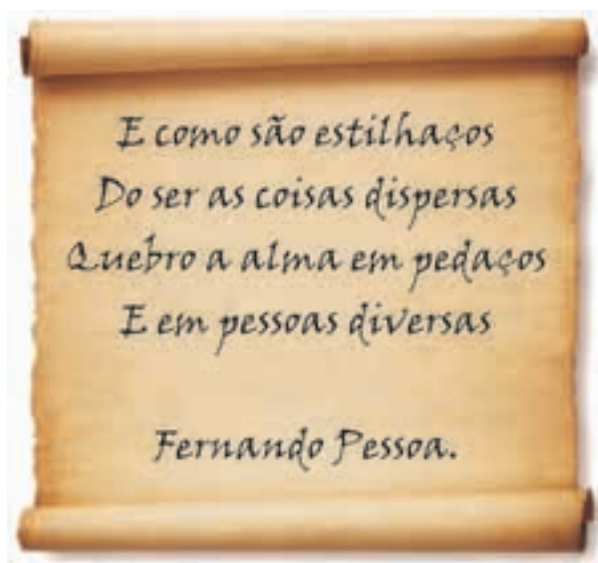
"No meio do caminho tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho  
tinha uma pedra  
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca esquecerei desse acontecimento  
na vida de minhas retinas tão fatigadas.  
Nunca me esquecerei que no meio do caminho  
tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho  
no meio do caminho tinha uma pedra".

Drummond.

No meio do atendimento há uma pedra. Essa pedra é o diagnóstico. O intrincado processo de observação e raciocínio essencial à superação do desafio. Sem o mesmo não há o melhor tratamento. Então, como contorná-la? Como lidar com a angústia inevitável que faz parte da maturidade crítica? Como buscar correlação de dados em busca da especificidade? No meio da vida profissional dos médicos há muitas pedras. Algumas fáceis de ultrapassar ou rodear, outras verdadeiros paredões a escalar. De qualquer sorte jamais a pedra pode ser evitada, jamais o diagnóstico preterido. Não é só a terapêutica que dela deriva, também o entendimento do médico e o esclarecimento do paciente. Não é apenas sua superfície rugosa, cheia de reentrâncias, e sua dimensão que interessam. Não apenas seu corpo anatômico, mas também suas origens, sua dureza ou resiliência. Do que é feita? Que invisível a ser percebido? Seu âmago carrega história e sentimentos, um pulsar físico-químico a respeitar, ordenar, sem que se extraia a pátina de seu tempo.

A ideia poética da pedra é integrante do meio de vida do médico, de seu próprio cerne, de sua seriedade profes-



sional. A pedra implica em reflexão e ação, pois o objeto de nosso trabalho não é bruto nem insensível, embora indecifrável, às vezes. Esse enigma necessita horizonte claro, pois pleno de dramaticidade. E no meio desses sentimentos ambíguos o médico opera. E tem que fazê-lo na concretude da pedra, com bisturi desnudado, preciso, sem desperdiçar a rubra emoção. A pedra é o segredo a ser desvendado; ocasionalmente, mistério a desafiar. Por isso, somos sempre aprendizes, por maior que seja a experiência, por melhor que seja a tecnologia. Arte linguística e ciência de probabilidades a serviço da ordem orgânica. Da saída compartilhada para o equilíbrio necessário. Pedra e diagnóstico, obstáculo e busca, encontro com a verdade sólida, sombria, à espreita de uma fresta de sol. Do mais prático dos sóis, diria o poeta. ■

"A IDEIA POÉTICA DA PEDRA É INTEGRANTE DO MEIO DE VIDA DO MÉDICO, DE SEU PRÓPRIO CERNE, DE SUA SERIEDADE PROFISSIONAL. A PEDRA IMPLICA EM REFLEXÃO E AÇÃO, POIS O OBJETO DE NOSSO TRABALHO NÃO É BRUTO NEM INSENSÍVEL, EMBORA INDECIFRÁVEL, ÀS VEZES. "

# Que é a poesia?

**Para dizer o que penso ser a poesia, recorro,** em primeiro lugar, ao poema *O Rio*, de Manuel Bandeira: "Ser como o rio que deflui/ Silencioso dentro da noite./ Não temer as trevas da noite./ Se há estrelas

"O POEMA É UM ENTE DETERMINADO, MAS UM ENTE DETERMINADO QUE, REFLETINDO O SEU OPOSTO, PORTA EM SI A MARCA D'ÁGUA DO MOVIMENTO ORIGINÁRIO. NÃO APENAS, CADA VEZ QUE O LEMOS, ELE SE TORNA DIFERENTE DO QUE ERA NA LEITURA ANTERIOR, MAS SE TORNA DIFERENTE DE SI PRÓPRIO NO EXATO INSTANTE EM QUE O ESTAMOS A LER."

nos céus, refleti-las./ E se os céus se pejam de nuvens,/ Como o rio as nuvens são água,/ Refleti-las também sem mágoa/Nas profundidades tranquilas".

Desde o título, *O Rio*, torna-se inevitável pensar no famoso rio do filósofo grego Heráclito, em que não é possível pisar duas vezes.

O primeiro verso reforça essa impressão: "Ser como o rio"... Mas a sentença de Heráclito aparte certas interpretações *recherchées* enfatiza o mobilismo universal, o fato de que coisa nenhuma jamais permanece a mesma. O rio de Bandeira, ao contrário, é em primeiro lugar a própria imagem da constância e até de um certo estoicismo: "Ser como o rio que deflui/ Silencioso dentro da noite./ Não temer as trevas da noite".

O rio a defluir silenciosamente dentro da noite não teme as trevas da noite porque ele é também o rio da noite, isto é, a noite enquanto rio. O infinitivo aqui é implicitamente desiderativo: ele manifesta um desejo. Mas quem é que aqui deseja?

Talvez se possa dizer que aquele que deseja é o poeta, ou talvez o "eu" lírico, o heterônimo, o personagem em que o poeta se transforma para escrever o poema; mas o infinitivo excede qualquer subjetividade, qualquer "eu". A rigor, não interessa quem deseja, mas apenas o próprio

desejo, que se identifica com o ser.

Feito um fenômeno da natureza, feito o próprio rio silencioso dentro da noite e feito a própria noite, o desejo, o ser, os versos do poema e o próprio poema estão lá, no infinitivo, silenciosos como o rio e como a noite.

Fundem-se no poema o leitor, o poeta, a noite, o rio, as estrelas: "Se há estrelas nos céus, refleti-las./ E se os céus se pejam de nuvens,/ Como o rio as nuvens são água,/ Refleti-las também sem mágoa/ Nas profundidades tranquilas".

Se há estrelas nos céus, o poema as tem na superfície. Se há nuvens que o impedem de refletir as estrelas, aquelas são refletidas na profundidade do seu ser, pois as nuvens são feitas da mesma água que ele. Aqui é de Tales, o primeiro filósofo grego, para quem tudo vem da água e tudo volta para a água, mais do que de Heráclito, que me lembro.

E me lembro sobretudo do poeta Jorge Luis Borges, para quem, segundo o poema *Nuvens (I)*, do qual faço a seguir uma tradução literal, recomendando, porém, veementemente ao leitor, porém que não deixe de consultar o bellissimo original castelhano: "Não haverá uma só coisa que não seja/ uma nuvem. São nuvens as catedrais/ de vasta pedra e bíblicos cristais/ que o tempo aplanará. São nuvens a Odisseia/ que muda como o mar. Algo há distinto/ cada vez que a abrimos. O reflexo/ de tua cara já é outro no espelho / e o dia é um duvidoso labirinto./ Somos os que se vão. A numerosa/ nuvem que se desfaz no poente/ é nossa imagem. Incessantemente/ a rosa se converte noutra rosa./ És nuvem, és mar, és olvido./ És também o que já está perdido".

As nuvens são as transformações da água originária, isto é, são todos os entes que o tempo aplanará. Também são nuvens os versos do poema de Homero. Há entretanto uma diferença: os entes em geral perderam a memória de sua origem aquática e se esqueceram de que são nuvens. A *Odisséia*, porém o poema por excelência,

muda como o mar. Algo há distinto cada vez que a abrimos. Eis a diferença entre o poema e os demais entes: o poema jamais olvida, no fluxo de sua superfície significante, morfológica, sintática, melódica, rítmica e de suas submersas correntes semânticas, a natureza líquida de todas as coisas e, principalmente, de si próprio.

Lembro que outro dos primeiros filósofos gregos, Anaximandro, dizia que todos os entes determinados provêm do indeterminado (que ele chamava "ápeiron") e têm como causa o indeterminado que podemos entender como o movimento, a mudança, a vida, o tempo do

qual provêm. Em cada um deles, porém, o indeterminado se transformou em algum ente determinado. Também o poema é um ente determinado, mas um ente determinado que, refletindo o seu oposto, porta em si a marca d'água do movimento originário. Não apenas, cada vez que o lemos, ele se torna diferente do que era na leitura anterior, mas se torna diferente de si próprio no exato instante em que o estamos a ler.

Chamo "poesia" essa propriedade do poema.

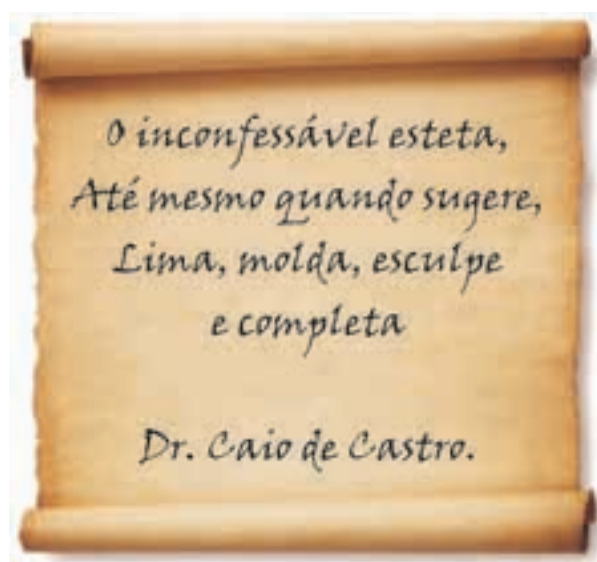
**Antonio Cicero (RJ),**  
*Folha de São Paulo.*

## Uma introdução breve à poesia de Miguel Torga

Começo por esclarecer, naturalmente para quem desconhece o fato, que Miguel Torga é o "nom de plume", ou pseudônimo, do grande escritor português, médico otorrinolaringologista, que se chamou Adolfo Correia da Rocha. Com a adoção do nome literário, a partir do seu segundo livro, Torga desejou homenagear, como confessa numa das páginas do seu admirável *Diário*, Miguel de Cervantes e Miguel Unamuno, duas das suas grandes admirações ibéricas. Já "torga" é o nome de uma pequena planta silvestre, rasteira, também chamada de urze, muito comum nas montanhas da sua província natal, Trás-os-Montes, onde nasceu em 1907, na aldeia de São Martinho da Anta, em plena Serra do Marão.

Faleceu em 1995, em Coimbra, a famosa cidade universitária onde se formou e viveu a vida inteira, e onde exercitou em caráter perpétuo o sacerdócio da Medicina, a par da quotidiana e sagrada liturgia da criação literária, território em que se revelou um misto de bruxo, prestidigitador e alquimista verbal.

Polígrafo exemplar, cultivou, sempre com brilhantismo, a poesia e o conto, a novela e o romance, o ensaio e a crônica, a dramaturgia e o memorialismo, tendo nos dei-



xado quase uma centena de livros. Isso faz dele um dos mais prolíferos escritores lusos de todos os tempos, ao lado de outros quatro amazonas verbais: Camilo Castelo Branco, Eça de Queiroz, Aquilino Ribeiro e Jorge de Sena.

Da sua vasta "opera omnia" podem ser destacados os seguintes livros: *O outro livro de Job*, *Odes*, *Cântico do homem*, *Poemas ibéricos*, *Orfeu rebelde*, *Câmara ardente* (poesia); *Contos da montanha*, *Novos contos da montanha*, *Bichos* (conto); *O senhor Ventura e Pão ázimo* (nove-



la); *A criação do mundo*, em cinco volumes, *Vindima* e *A terceira Voz*, (romance); os 17 volumes do *Diário*; *Terra firme*, *Mar* e *O paraíso* (teatro); e *Traço de união* com temas luso-brasileiros (crônica). Muitos dos seus livros fo-

"TORGA É UM POETA DE CUNHO TRADICIONALISTA, DE PERFIL INCONFUNDIVELMENTE CLASSICIZANTE, ORTODOXAMENTE FIEL AO PRIMADO DA RIMA E DA MÉTRICA. SÓ RARA, MUITO RARAMENTE, SE RENDE AO VERSO LIVRE DA POESIA MODERNA, REINO EM QUE GRAVITAM EM ÓRBITAS, POR ASSIM DIZER, ALEATÓRIAS."

ram traduzidos para o espanhol, francês, catalão, inglês, italiano, alemão, holandês, húngaro, romeno, servo-croata, polonês, sueco, norueguês, russo e japonês.

Entre outros, foi distinguido com o Grande Prêmio Internacional de Poesia da Bélgica, pelo conjunto da obra, em 1976. Por outro lado, por mais de uma vez foi indicado, por círculos literários de diversos países europeus, e mesmo do Brasil, como candidato ao Prêmio Nobel de Literatura, à maneira dos nossos Guimarães Rosa, Jorge Amado e Carlos Drummond de Andrade, e de outros portugueses, como Ferreira de Castro, Vergílio Ferreira e José de Sousa Saramago. Este último acabaria por ganhar, em 1998, a famosa láurea da Academia Sueca, que distinguia então o primeiro escritor do mundo lusófono. (E, confesso *en passant*, eu tenho o pressentimento de que um segundo está próximo).

Feito este breve e esquemático introito, entrarei logo *in medias res*: a área que o texto presente tem por escopo estudar – a poesia de Torga. A "poiesis" do genial trasmontano, que é da família de Camões e Antero de Quental, Guerra Junqueiro e Eugénio de Castro, António Nobre e Sá-Carneiro, Cesário Verde e Fernando Pessoa, Teixeira de Pascoais e José Régio, Jorge de Sena e David Mourão Ferreira, Alberto de Lacerda e Alexandre O'Neill, Eugénio de Andrade e Sofia de Melo. E temos na nominata exígua aqueles que eu, pela minha ótica privativa, considero os poetas maiores de Portugal. Deixando de lado os vivos, um dos quais, Herberto Helder, é candidatíssimo ao Nobel, juntamente com o romancista António Lobo Antunes.

Diga-se, antes de mais nada, que Torga é um poe-

ta de cunho tradicionalista, de perfil inconfundivelmente classicizante, ortodoxamente fiel ao primado da rima e da métrica. Só rara, muito raramente, se rende ao verso livre da poesia moderna, reino em que gravitam em órbitas, por assim dizer, aleatórias, "les mots en liberté". Dir-se-ia que essa rendição constitui, para o artífice dos "Poemas ibéricos", uma heresia formal, estética. Heresia que ele exorciza com veemência, na esmagadora maioria dos seus espécimes poéticos.

Se há um adjetivo que consiga caracterizar a tônica dominante e, mais do que isso, a energia recôndita e a própria essência última da poesia torquiana, esse adjetivo é: telúrica. Pois é no húmus generoso da terra que o poeta mergulha as suas raízes. E que belas flores não desabrocham, que esplêndidos frutos não surgem nesse terreno riquíssimo!

Mas, antes disso, há em Torga a consciência profunda da missão do poeta e da própria poesia. Ela está presente no poema que dá título a um livro seu, *Orfeu rebelde*:

Orfeu rebelde, canto como sou:  
canto como um possesso  
que na casca do tempo, a canivete,  
gravasse a fúria de cada momento.  
Canto, a ver se o meu canto compromete  
a eternidade do meu sofrimento.  
(...)  
Bicho instintivo que adivinha a morte  
no corpo de um poeta que a recusa,  
canto como quem usa  
os versos em legítima defesa.  
Canto, sem perguntar à Musa  
se o canto é de terror ou de beleza.

Mas, voltemos à problemática telúrica. A "terra-mater" é para ele, verdadeiramente, um mundo encantado, um reino maravilhoso que a cada instante é necessário descobrir, com os olhos deslumbrados, e percorrer, com o coração palpitante de entusiasmo. O próprio Torga o confessa, numa das páginas do seu torrencial *Diário*, que

é, de certo modo e até certo ponto, o itinerário esplêndido de um nauta, a um só tempo sonhador e sofredor, no pélagos existencial: "Embora haja gente que diz que não, sempre houve reinos maravilhosos neste mundo. O que importa, para vê-los, é que os olhos não percam a virgindade original diante da realidade, e que o coração, depois, não hesite".

O grande apelo mágico da terra é, para o poeta, um chamado materno que tem que ser prontamente atendido. Há momentos, contudo, em que uma secreta dúvida lhe assalta o espírito:

Até me lembro que não sou da vida,  
que não pertence à terra esta tristeza.  
Que sou qualquer desgraça acontecida  
fora do seio-mãe da natureza...

Não obstante, essa dúvida é provisória, fugaz. Torga tem a consciência nítida de que a sua voz não é apenas a de um profeta clamando em vão sobre as areias ardentes do deserto, anunciando o Messias que há de vir. Sabe que ele é o próprio Messias, sabe que a sua voz é, antes, a encarnação de um grito universal que o seu peito catalisa e os seus lábios articulam. Um grito angustiado de um homem que, como os lírios dos campos e as urzes dos montes, nasceu da terra fecunda. E que, depois de perambular ao acaso pelos caminhos do mundo, depois de vacilar longamente nas encruzilhadas múltiplas da vida, a essa mesma terra há de regressar, de mãos vazias e olhar súplice, como o filho pródigo...

Por isso mesmo exclama, com uma convicção surda que diz bem da sua identidade integral com a terra que o gerou:

E contudo não sei de criatura  
que mais deseje ter esta alegria  
dum fruto azedo que arrancou doçura  
do céu, das pedras e da luz do dia...

A história da gênese da sua poesia aí está, cristalina e brilhante, sem as tortuosidades hipócritas com que tan-

tos procuram mascarar-se: "Um fruto azedo que arrancou doçura do céu, das pedras e da luz do dia..."

Essa doçura congênita, no entanto, não foi um dom gratuito. Foi necessário que fosse arrancada. E nesse verbo está implícito, claramente implícito, esforço árduo, tenaz, persistente.

E porventura isso não é verdade? Porventura o seu combate singular com o verbo onde se espelha o mundo, a sua guerra sem tréguas com a palavra em que se reflete a vida, não têm instantes impressionantes de grandeza titânica?

A sensibilidade multifacetada de Torga a cada instante parece na iminência de desintegrar-se. Mas essa desintegração é apenas a véspera da sua unificação integral sobre os alicerces dos quais se ergue, altaneiro e soberbo, o edifício do seu canto triunfal.

O seu deslumbramento helênico, quase lucreciano, perante o sempre renovado espetáculo do mundo, com os seus dramas e comédias das coisas e dos seres, transforma a sua pena num pincel renascentista. Um pincel inspirado que vai pintando, sem interrupção, um vasto painel onde perpassa uma epopeia cósmica, singular e perene.

Mas acaso a torguiana visão lírica (ou heroica, ou dramática, em certos momentos) é um fim em si mesmo? De modo algum. É apenas um pretexto. O perpétuo pretexto do artista para uma interpretação telúrica da existência, que às vezes se aproxima do pessoano Alberto Caeiro de *O guardador de rebanhos*. Interpretação essa que, embora pragmática, objetiva, nem por isso repudia, como o faz o heterônimo fernandino, o elemento puramente intelectual. Melhor dizendo: ideal. Eis a razão porque a sua visão artística parece transcender sempre os limites, parece ultrapassar sempre os horizontes da sua apreensão lírica.

"SE HÁ UM ADJETIVO QUE CONSIGA CARACTERIZAR A TÔNICA DOMINANTE E, MAIS DO QUE ISSO, A ENERGIA RECÔNDITA E A PRÓPRIA ESSÊNCIA ÚLTIMA DA POESIA TORGUIANA, ESSE ADJETIVO É : TELÚRICA."

Na realidade, o que acontece é o seguinte: o cidadão de São Martinho da Anta é um viajante universal, moderno Marco Polo (italo) ou Fernão Mendes Pinto (luso) que, sem alucinações rocamboléticas ou distorções factuais,

"A SENSIBILIDADE MULTIFACETADA DE TORGA A CADA INSTANTE PARECE NA IMINÊNCIA DE DESINTEGRAR-SE. MAS ESSA DESINTEGRAÇÃO É APENAS A VÉSPERA DA SUA UNIFICAÇÃO INTEGRAL SOBRE OS ALICERCES DOS QUAIS SE ERGUE, ALTANEIRO E SOBERBO, O EDIFÍCIO DO SEU CANTO TRIUNFAL.."

por muito ver e muito sentir, muito sabe. Por essa mesma razão, aliás, tem plena ciência e consciência do fato a que atrás aludo, embora lhe dê, dentro da perspectiva de humildade em que se coloca, um sinal contrário: vê com sinal menos aquilo que, a rigor, tem sinal mais. Explico-me: Torga considera defeito aquilo que é, quiçá, a sua maior virtude. Eis o que ele escreve, a propósito,

em outra página do seu *Diário* emblemático: "É certo, exagero. Começo a pintar um botão de rosa, e é capaz de me sair uma galáxia..."

Cidadão do mundo, pelas latitudes onde se espraia o mar do canto de Torga, Trás-os-Montes é, porém, a sua pátria primeira. Torga é filho dos seus montes ásperos, feitos de granito que vem do começo dos tempos, cobertos pelas urzes rudes e bravias. Nessas altas serras, sente-se na própria casa. Ele mesmo o afirma, na simplicidade dos seus versos:

Vivo  
em altitudes que ninguém tolera.  
Onde a emoção degenera  
em morte.  
Onde as artérias rebentam,  
desde que não sejam minhas  
ou de quem seja forte.

A angústia existencial não é, no poeta do *Cântico do homem*, uma atitude de mero formalismo filosófico, bebida nas adegas de Unamuno, de Malraux ou de Sartre. Não, é mais. Muito mais. O seu "sentimento trágico da

vida" (unamuniano) é a sua maneira individualíssima de ser homem, de olhar o mundo, de compreender o fluir subterrâneo da vida.

Numa outra página imperecível do *Diário*, eis a sua explicação, na limpidez do estilo a um só tempo enxuto, ácido e luminoso, que faz dele, também, um dos maiores prosadores do condomínio linguístico luso-brasileiro: "Não trouxe da minha aldeia natal a paz do arado que todos trazem. Conheço alguns indivíduos que investigam, medicam, litigam, professam, com a serenidade e a paz com que os camponeses fazem regos na terra. Eu não. Eu trouxe de lá angústia, tortura, crítica negativa a tudo. A razão? Não a sei. Talvez sina, talvez desilusão crônica que se me colou à pele ao nascer".

A sua inquietação, é bom que se frise, nada possui de verniz exterior. Não busca fazer resplandecer a fronte: é uma sonda que penetra no âmago da personalidade. "Afim – escreve ele – quanto mais ando, mais rodeado me sinto de muros e penumbras". A sua poesia, portanto, nada mais é do que um aríete lançado contra esses mesmos muros, uma lanterna ofuscante rasgando, de cima abaixo, essas mesmas penumbras.

Torga não teme as confissões. Não as teme pois bem sabe que só elas libertam o homem de si mesmo e das sombras ancestrais que lhe perseguem os rastros efêmeros. Por isso, a cada instante faz questão de confessar-se. E o seu poema intitulado *Livro de Horas* exprimirá, com intensidade, a essência dessa confissão definitiva, na sua textualidade cantante – e encantante:

Aqui, diante de mim,  
eu, pecador, me confesso  
de ser assim como sou.  
Me confesso o bom e o mau  
que vão ao leme da nau,  
nesta deriva em que vou.

Me confesso,  
posseço  
das virtudes teológicas,

que são três  
e dos pecados mortais,  
que são sete,  
quando a sorte não repete  
que são mais.

(...)

Me confesso de ser charco  
e luar de charco, à mistura.  
De ser a corda do arco  
que atira setas acima  
e abaixo da minha altura.

Me confesso de ser tudo  
que possa nascer em mim.  
De ter raízes no chão  
desta minha condição.

Me confesso de Abel e de Caim.

Me confesso de ser eu,  
eu, tal e qual como vim,  
para dizer que sou eu  
aqui, diante de mim.

Grandiosa e dramática, entretanto, a sua confissão é apenas um introito. Um introito à sua inquietação metafísica. Torga talvez não concordasse com o adjetivo. Denominá-la-ia, talvez, dentro da coerência e da fidelidade a si próprio que sempre foram apanágio da sua figura de homem e de Artista, uma vez ainda, telúrica.

Entretanto, as suas constantes e vulcânicas imprecações contra Deus são um sinal claro e irrefutável. O sinal de que o poeta está mais perto d'Ele do que muitos que o nomeiam sem uma crença profunda, sólida, inabalável. De acordo, aliás, com o pensamento de Claudel, grande poeta católico.

Revolucionária, na mais perfeita acepção do termo, a revolução que a sua poesia pretende está impregnada, profundamente impregnada, de amor. Ou, pelo menos, daquele suave e shakespeariano "milk of human kindness". Pois que a sua revolução não visa destruir: procura criar. Não almeja aniquilar: busca construir. Não tenta reduzir a

escombros fumegantes: sonha edificar para a eternidade.

Humanista de escol, ainda que agnóstico, o seu humanismo torrencial faz dele, verdadeiramente, um homem de Deus. Um autêntico cristão. Bem o mostra o seu *Cântico fraterno*.

Chamo por ti,  
chamo por ti com versos fraternais.  
Nunca te vi,  
mas nascemos os dois dos mesmos pais.

Chamo em nome da vida que me ordena  
que te diga a verdade.  
É o meu lenço que acena,  
mas o cais é de toda a humanidade.

Porta-voz apaixonado de todos os homens realmente responsáveis, dá-nos o autor de *Câmara ardente* a sua mensagem pura de amor e de fraternidade.

Presente em inúmeros poemas, o humanismo torquiano faz-se presente, com meridiana clareza, no seu *Comunicado*.

Na frente ocidental  
nada de novo.  
O povo  
continua a resistir.  
Sem ninguém que  
lhe valha,  
geme e trabalha  
até cair.

A obra inteira do escritor, seja em verso ou em prosa, foi uma luta incessante, uma guerra sem quartel. Ele o proclama no seu poderoso *Depoimento*.

De seguro,  
posso apenas dizer que havia um muro

"TORGA NÃO TEME AS CONFIS-  
SÕES. NÃO AS TEME POIS BEM  
SABE QUE SÓ ELAS LIBERTAM  
O HOMEM DE SI MESMO E DAS  
SOMBRAS ANCESTRAIS QUE  
LHE PERSEGUEM OS RASTROS  
EFÊMEROS. POR ISSO, A CADA  
INSTANTE FAZ QUESTÃO DE  
CONFESSAR-SE."

e que foi contra ele que arremeti  
a vida inteira.  
Não, nunca o contornei.  
Nunca tentei

"SE TORGA É FILHO DA TERRA  
E SE, POR CONSEGUINTE, SEU  
CANTO É INILUDIVELMENTE  
TELÚRICO, A SUA OBRA TRANS-  
CENDENTE, VENCE, COM GA-  
LHARDIA, AS FRONTEIRAS DA  
TRANSITORIEDADE DO QUE É  
APENAS ORIUNDO DA TERRA E  
À TERRA HÁ-DE TORNAR."

ultrapassá-lo de qualquer ma-  
neira.

A honra era lutar  
sem qualquer esperança de  
vencer.

E lutei ferozmente noite e dia,  
apesar de saber

que quanto mais lutava mais  
perdia

e mais funda sentia

a dor de me perder.

Mas pode haver ainda no seu canto algo de angus-  
tante e desencantado. Um exemplo? O poema *Dies irae*.  
Aí vai ele:

Apetece cantar, mas ninguém canta.  
Apetece chorar, mas ninguém chora.  
Um fantasma levanta  
a mão do medo sobre a nossa hora.

Apetece gritar, mas ninguém grita.  
Apetece fugir, mas ninguém foge.  
Um fantasma limita  
todo o futuro a este dia de hoje.

Apetece morrer, mas ninguém morre.  
Apetece matar, mas ninguém mata.  
Um fantasma percorre  
os motins onde a alma se arrebatava.

Oh maldição do tempo em que vivemos,  
sepultura de grades cinzeladas,  
que deixam ver a vida que não temos  
e as angústias paradas!

Mas voltemos, uma vez ainda, ao "leit motiv" funda-  
mental de Torga, a terra. Num dos seus poemas, ele faz  
questão de confirmar a sua filiação cósmica:

Semearam meus pais, e eu nasci.  
Mas havia tal força na semente,  
que tenho em mim, crescida,  
uma seara ausente.

O poeta engana-se, contudo. A seara está presente,  
bem presente, aliás, com todo o seu indiscutível fres-  
cor, nas planícies férteis, nos latifúndios generosos do  
seu canto.

Não nos iludamos, porém. Se Torga é filho da terra e  
se, por conseguinte, seu canto é iniludivelmente telúri-  
co, a sua obra transcendente, vence, com galhardia, as  
fronteiras da transitoriedade do que é apenas oriundo da  
terra e à terra se há-de tornar. Na sua obra perpassa  
um sopro purificador, ora brando como um zéfiro, ora  
avassalador como as vagas espumantes do oceano em  
fúria. A sua caminhada órfica dentro da noite imemorial é  
o cumprimento de um destino de gênio que se cristalizou  
em poesia.

Deixemos, pois, que Torga siga a sua odisséia de cria-  
dor de Beleza, de cinzelador de Vida. Deixemo-lo seguir,  
ovante, novo Anteu redivivo, ao clarão esbraseado dos  
sóis e ao som fantástico da música das esferas. Como ele  
mesmo pede, entre confiante e receoso:

Deixem passar quem vai na sua estrada.  
Deixem passar  
quem vai cheio de sonho e de luar.  
Deixem passar e não lhe digam nada.

Deixem, pois vai apenas  
beber água de sonho a qualquer fonte,  
ou colher açucenas  
no jardim que ele sabe, ali defronte.

Mas de onde vem ele? Para onde se dirige? Demos,

mais uma vez, a palavra ao poeta:

Vem da terra de todos onde mora  
e onde volta depois de amanhecer.  
Deixem-no, pois, passar agora,

pois vai cheio de noite e solidão.  
Pois vai ser  
uma estrela no chão...

"Uma estrela no chão", eis a imagem mais expressiva e acabada da poesia de Torga.

Estrela e chão, binômio ideal!

Estrela e chão, o que vale dizer, céu e terra, coexistindo num mesmo instante intemporal e, por isso mesmo, eterno!

Possesso cósmico do chão ancestral, magma cristalizado pela força ciclópica do tempo, é Miguel Torga, também, um homem sobre quem baixou a graça santificante da estrela, fonte de luz. Luz que, afinal, é a própria essência imutável do Verbo Divino!

Para concluir, com chave de ouro, um texto que terá sido de ouropel, dou a palavra ao nosso imenso Jorge Amado. Escrevia o grande romancista pouco depois da morte do amigo Torga, e pouco antes do seu próprio passamento, estas palavras candentes: "Miguel Torga faleceu sem ter recebido o Prêmio Nobel, injustiça sem tamanho. Ninguém o mereceu mais do que o grande escritor português, o poeta, o contista, o memorialista. Entre os que trabalharam a nossa língua portuguesa, na criação da poesia e da narrativa, o nome de Torga se destaca pela escrita invulgar e pelo conteúdo de uma literatura feita de humanismo. José Saramago disse certa vez que apreciava sobretudo a poesia de Torga. Para mim, o contista é insuperável. É, porém, nas páginas extraordinárias dos volumes do *Diário* que se reflete toda a vida de Portugal, a realidade e o sonho do povo português. Poeta ou prosador, há uma grandeza na criação de Miguel Torga que amplia os limites da literatura de nossas duas pátrias irmãs".

### "POST SCRIPTUM" HETERODOXO:

Curiosamente, Torga viveu três anos no Brasil, em Minas Gerais, na infância. Daí o amor que sempre nutriu pelo nosso país. Ele se faz presente num poema de 1959, intitulado precisamente *Brasil*. Ei-lo, na sua integralidade cantante:

Pátria de emigração,  
é num poema que te posso ter.  
A terra – possessiva inspiração.  
E os rios – como versos a correr.

Achada na longínqua meninice,  
perdida na perdida juventude,  
guardei-te como pude  
onde podia:  
na doce quietude  
da força represada da poesia.

E assim consigo ver-te  
como te sinto:  
na dourada moldura da lembrança,  
o retrato da pura imensidade  
a que dei a possível semelhança  
com palavras e rimas e saudade.

Será preciso dizer algo mais?  
"The rest is silence".

### "POST SCRIPTUM" DO EDITOR:

João Manuel Simões, o autor do ensaio, consultou-se com Miguel Torga na sua adolescência conimbricense por um problema de garganta, o que o torna texto mais vincular.

**João Manuel Simões (PR),**  
*é poeta, crítico, ensaísta e contista.*  
*Autor de cerca de 50 livros, é membro da Academia Paranaense de Letras e de outras agremiações culturais.*

"NA SUA OBRA PERPASSA  
UM SOPRO PURIFICADOR,  
ORA BRANDO COMO UM ZÉ-  
FIRO, ORA AVASSALADOR  
COMO AS VAGAS ESPU-  
MANTES DO OCEANO EM  
FÚRIA. A SUA CAMINHADA  
ÓRFICA DENTRO DA NOITE  
IMEMORIAL É O CUMPRI-  
MENTO DE UM DESTINO DE  
GÊNIO QUE SE CRISTALI-  
ZOU EM POESIA."

# Da Elegia à Endocrinologia



**Perdas e mudanças, dores que mais tocam** o âmago humano. Festas e efemérides, canto das conquistas e possibilidades. Altos e baixos do gráfico vivencial que precisam ser notados, anotados, e recordados pela sensibilidade de poucos. Assim é a poesia do dia a dia: seja de sestros, bissextos, ou dos de todos os textos; seja de notórios, finórios, ou dos de todas as horas; a cada um, sua glória.

## A SÉRGIO MACHADO (1940-1986)

Meu amigo, irmão mais velho,  
partiste cedo, pela manhã.  
Seguimos assim, desfalcados,  
a jornada.

É estranho saber  
que para ti não haverá acaso,  
cabelos brancos.  
Tampouco a alegria de netinhos haverá.  
Estranho saber que à tua biografia,  
um til sequer, jamais se acrescentará.

Com certeza, te antecipaste apenas!  
Adiante, no próximo porto,  
nos aguarda ansioso, atento a todo barco  
que no horizonte assoma.  
**Dr. César Zillig (SC).**

## FAÇA HOJE

Ao chegarmos ao fim da longa lida,  
contemplaremos com certeza a história  
que os nossos atos escreveram: glória  
ou ignomínia - Que restou da vida?

A vida é agora, outra não teremos.  
Façamos, apressados, todo o Bem.  
Depois pode ser tarde e mais ninguém  
precisará da mão que lhe estendemos.

Tão freneticamente a vida passa:  
ninguém se eximirá beber a taça  
da lei cruel da morte... o fim da estrada.

Se o mundo que é de enganos nos enlaça,  
ele nada mais é que uma fumaça  
que hoje existe e amanhã não é mais nada  
**Dr. Lauro Del Valle (PR).**

## POEMETO DO ENDOCRINOLOGISTA

Nas minhas andanças endócrinas,  
por essa vida de esculápio,  
muito aprendi, e contente,  
meus companheiros de SEMPR!!  
Coisas em que poucos acreditam,  
aqui ousou revelar,  
os que viveram a mesma faina  
sim, poderão me julgar.

Vi magros virando gordos,  
 poucos gordos o contrário,  
 esqueletos se achando obesas,  
 peludas ficando lisinhas,  
 gatinhas virando armário!  
 Conheci papudos impalpáveis  
 (naturais de Papanduva?),  
 Contemplei seios (quase) irresistíveis,  
 me assustei com clitóris improváveis!  
 Damas halterofilistas,  
 donzelas de fala grossa,  
 macho com jeito e trejeito,  
 Gay Parade e remelexo!!  
 Em tireoide, acreditem,  
 já vi hiper virando hipo,  
 e hipo virando hiper,  
 tudo espontaneamente,  
 surpreso evidentemente!  
 "Doutor eu tenho tiroide?",  
 mulher virando homem,  
 homem virado mulher,  
 só não se viu o ex-viado,  
 desconfie de quem disser!  
 Paciente sempre sumido,  
 outro que volta desconfiado,  
 alguns que se consomem,  
 e o velho purantiquatro!!  
 Curei muitos cancerosos  
 quase mortos pelo medo,  
 chorei choros copiosos,  
 incontíveis e pungentes,  
 em coro com meus doentes.  
 Com relação à frequência,  
 vários tipos encontrei:  
 tinha o aniversariante, o bissexto,  
 até com o tipo Halley  
 deparei!  
 Gordos que nada comem,  
 sim, glicemia de mil!,

insulina-dia de novecentos,  
 Tri de doze mil,  
 tudo isso e o doente,  
 andando naturalmente!!  
 Menses subindo à cabeça,  
 leite esguichando sem parto,  
 ração humana, chá de insulina,  
 doce escondido no quarto!!  
 Como aqui se percebe,  
 muito eu teria a falar,  
 mas enfim esse poema  
 uma hora tem que terminar...  
 Tudo o que sou hoje em dia  
 (inclusive deixar de fumar!),  
 devo, sim, a esse Serviço  
 e aos professores de uma época  
 de que não posso  
 olvidar:  
 Alemão, Hungria, Rosângela,  
 Doutores Henrique e Edgard,  
 (além dos Residentes e Equipe):  
 se eu pudesse,  
 começaria,  
 (e de novo),  
 tudo e tudo,  
 mais uma vez!!

**Dr. Vicente F.C. Andrade (PR).**

## PALAVRAS DE MESTRE

"O Twitter, com poucas palavras,  
 é mais uma evidência de que o  
 ser humano caminha para o gru-  
 nhido".

**José Saramago**  
 (que usa todos os  
 meios eletrônicos).



# Letra de música, será poesia?



**Pergunte ao Tinhorão e, certamente, dirá que não.** Vinicius teria dito que sim. Aí está toda a ambivalência da questão que se arrasta indefinidamente. O primeiro, crítico musical, não toleraria considerar as letras de música popular brasileira como poesia. O segundo, poeta, letrista e compositor, entre outras coisas, provavelmente colocaria suas letras no mesmo patamar de sua poesia.

Dirijamos o olhar para outros países. Um poeta americano torceria o nariz para as letras de Stephen Sondheim ou Bob Dylan, jamais considerando-as poemas, pelo prosaico motivo de serem mercantis. Um poeta francês então consideraria verdadeiro anátema situar Jacques Brel – lembrem-se de *Ne Me Quitte Pas?* – ao nível de Valéry, e com toda razão.

Voltando ao Brasil, aqui somos mais complacentes e, excetuando os Tinhorões, facilmente colocaríamos Arnaldo Antunes compositor e poeta que é, como poeta, se só fosse letrista. E um interessado no assunto, Nelson Ascher, diria que em nossa pobre América Latina qualquer letrista de protesto vira poeta, mesmo não o sendo, "por suposto"!

Para piorar a confusão, quase toda poesia modernista brasileira é escrita em versos livres e liberta de rima, enquanto a maioria das letras de MPB são metrificadas e rimadas,

portanto, mais parecidas com poesia.

O busilis é que os compositores querem o status de poetas, enquanto grandes poetas, como o falecido Bruno Tolentino, cometeram diatribes homéricas na imprensa leiga se insurgindo contra isso. Afinal, dizia, os recursos que podem ser usados em poesia e até uma parte de sua expressividade seriam impossíveis nas letras musicais. Para que o leitor tenha uma ideia mais precisa tente lembrar-se de uma poesia que musicada tenha ficado boa. Há exceções, claro, e neste número do *Iátrico* apresentamos uma, *That Day* de Nikki Giovanni.

O problema real é que o assunto é sempre mal colocado. Há limites claros entre as duas formas de expressão, e há também um terreno neutro, uma fronteira imprecisa, onde as duas podem tocar-se. Mas a luta subjacente é mais por prestígio. Quem é poeta não quer ser reduzido a mero letrista, mesmo quando corteja a música popular como foi o caso de nosso Paulo Leminski. Já os letristas adoram ser considerados poetas, sentem-se no Olimpo das letras. Como é fácil notar, tudo questão de vaidade.

Para ilustrar a intersecção do tema damos exemplo. Quem negaria a Chico Buarque o status de poeta em *Construção?* Basta este fragmento: "E tropeçou no céu como se fosse um bêbado/ E flutuou no ar como se fosse um pássaro/ E se acabou no chão feito um pacote flácido". Não tenho quaisquer dúvidas quanto à assinatura de um Drummond nesses versos. Como dúvida não tenho que bastaria a Chico esta letra para estar no panteão da MPB. Então ficamos assim: depende do que se está analisando. Há poesia que não é poesia, de tão ruim. E, às vezes, as letras musicais podem conter alta poesia, como tantas vezes mostramos no *Iátrico*. É, há ainda, bem mais raro, poesia que vira boa melodia. Escutem no sítio da revista, na voz de Dianne Reeves, *That Day*, exemplo da última afirmação.

Mas, para além dessa polêmica, há algo mais expressivo, pensamento e poesia são siameses, estão sempre muito próximos, e há sempre música no fundo de ambos. Para nosso deleite. ■

# A volta da canção

Certa vez, já sexagenário, Rubem Braga lembrou um ditado que ouvia desde sua infância, segundo o qual ou o Brasil acabava com a saúva ou a saúva acabava com o Brasil. "Isso já foi há muito tempo", disse Rubem. "Desde então, o Brasil não acabou com a saúva, nem a saúva acabou com o Brasil". E arrematou: "O pessoal é muito afobado".

Algo parecido em termos de afobação pode ter acontecido, em 2004, duas autoridades da música popular: o historiador José Ramos Tinhorão e o compositor Chico Buarque. Em ocasiões diferentes naquele ano, eles decretaram o fim da canção. Por canção entenda-se uma peça musical curta, com melodia, harmonia, ritmo e letra finamente elaborados, a ser cantada por uma pessoa para um grupo de outras, que se sentiriam "representadas" nela.

Para o desolado Tinhorão, a canção estava morta porque não havia mais quem a produzisse. Para Chico, também entristecido, ainda havia gente tentando produzi-la, ele inclusive, mas quase ninguém mais para ouvir. E tudo indicava que eles tinham razão. Exceto que...

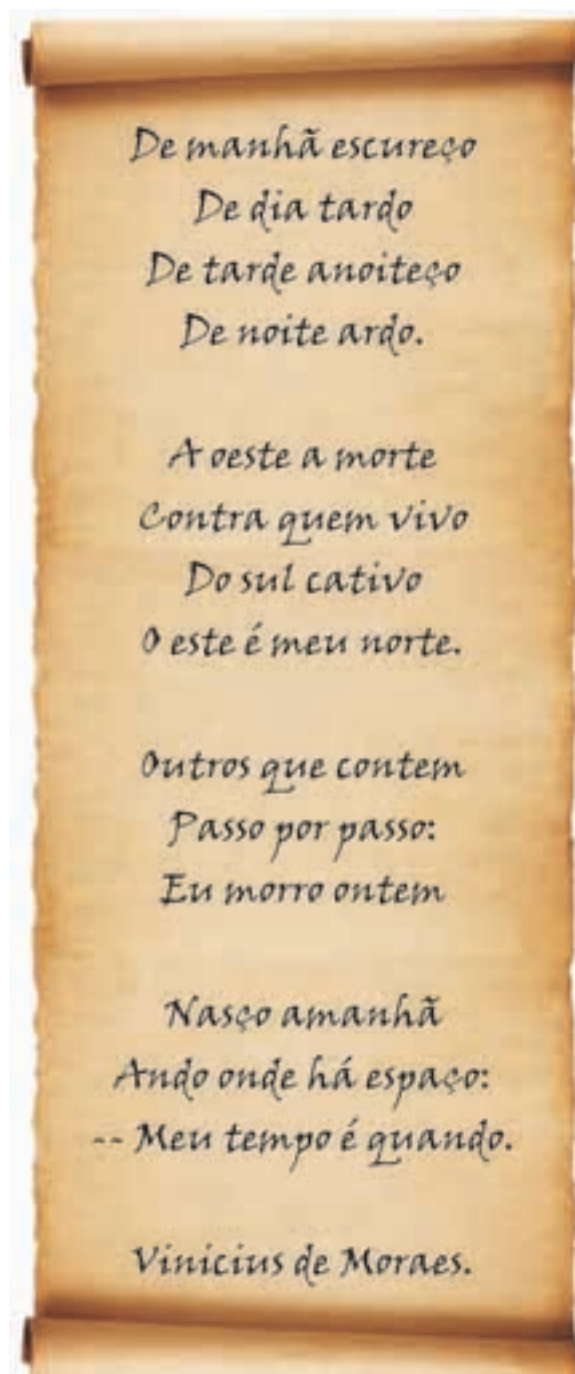
Em várias ocasiões, de 1955 para cá, a música acústica pareceu ter morrido eletrocutada pelo rock e, quando isso mais parecia verdade, nos anos 80, eis que o acústico renasceu e talvez seja hoje, de novo, até majoritário. Idem, o samba dado como defunto durante décadas, ressurgiu nos anos 90 e retomou seu posto de ritmo dominante no Brasil. Em música popular, nada é definitivo. A tecnologia não deixa.

Com o fim dos álbuns e o advento do MP3, o mercado voltou a ser como no tempo dos 78s, pré-1950: compra-se uma música de cada vez. Algo me diz que, inevitavelmente, o consumidor desta música começa-

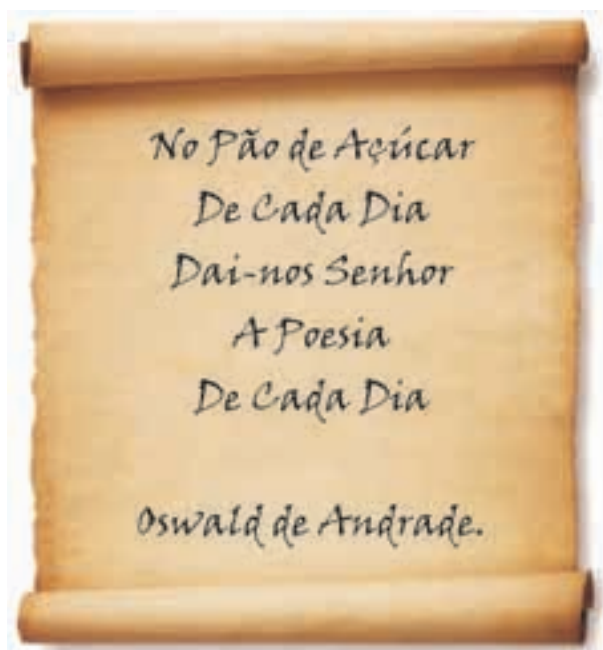
rá a exigir qualidade pelo que estará pagando. E isso pode ser a deixa para a milagrosa volta da canção.

Ruy Castro (RJ),

*Folha de S. Paulo.*



# Pérolas



**Other Things é um presente que dou aos** passadinhos, como eu, para que possam recordar grandes momentos. Mas, claro, aproveito a oportunidade para introduzir (epa!) alguns cantores novos e também

"NINGUÉM QUE CONHEÇA BOA MÚSICA PODE DEIXAR DE TER BEACH SAMBA DE 1967. ESTE ÁLBUM CRIOU O QUE VEIO A SER CHAMADO "BRAZILIAN-JAZZ CLASSIC", AO INCORPORAR ARRANJOS DE EUMIR DEODATO E DON SEBESKY E MÚSICOS DO PORTE DE RON CARTER E TOOTS THIELEMANS. UMA PÉROLA."

romântica) de um dos meus compositores preferidos, Jimmy Webb, na voz rascante de Joe Cocker com um feeling desesperado dizendo que a lua é uma senhora muito severa?

composições menos conhecidas. Com critério único: qualidade. Novos são Deborah Cox, Matt Dusk, Vonda Shepard, mas não tão novos assim; digamos, menos famosos. E com um detalhe: privilegiamos o piano.

Que tal o solo das teclas para uma letra belíssima (neste texto estou cheio de superlativos, uma recaída

Que tal o velho Clint Eastwood de tantos faroestes como um dos letristas em *Why Should I Care?* Se você não sabia é um grande jazzófilo, bissexto em composição. Dê uma espiadinha na trilha sonora de seus filmes (exemplo: *As Pontes de Madison*) e se convencerá.

Que tal o piano único de Nat "King" Cole em *Let There Be Love?* Harmonia de voz e piano é isso aí.

Que tal um bom poema emoldurado por boa melodia? Raro, não? É o que fizeram com *That Day*, poema de Nikki Giovanni, Terri Lyne Carrington e Dianne Reeves. E Dianne interpreta à soberba.

E que tal Peter Jones, você não o conhece? É brasileiroíssimo, já emplacou *Fly Me To The Moon* na trilha internacional da novela *Mulheres Apaixonadas*, da Globo, e dá um show em *Where or When*. Sim, temos cantor internacional da melhor qualidade.

E que tal descobrir, para quem não o conhece, o velho – literal – Roger Whittaker? Nascido em Nairobi, Quênia, estudou na África do Sul, fez universidade no País de Gales, ganhou muitos festivais, e depois o mundo. Sua voz personalíssima é um veludo só. Experimente *Time In The Bottle* do Jim Croce.

E que tal o balanço sincopado, também único, de Stacey Kent? Que jamais cantaria em português como o fez Diana Krall em seu último trabalho, *Quiet Nights*, por um bom e simples motivo: sotaque. Stacey canta em inglês e francês como se fosse autóctone, sem se perceber de onde é. E deixou claro que jamais cantaria em português. Isso é personalidade.

Nina Simone em *Don't Let Me Be Misunderstood* é covardia, embora apoiada por ótimo arranjo. O seu Lord (Senhor), tem a pungência dos poucos que sabem rezar. É do álbum de 64, *Broadway... Blues... Ballads*.

E que tal (encha-se de quietais) os pequenos prazeres

aflorados de maneira contida por Matt Monro? Na minha opinião é o senhor dicção. Você sabe, jamais em qualquer tempo... pena que tenha morrido de hepatocarcinoma nos oitentas. Mas deixou gravado um enorme tesouro de clássicos do cancionero internacional. Evidente que cortejou o popular, por isso tão abrangente.

De um álbum histórico de Astrud Gilberto tirei *The Face I Love* do nosso Marcos Valle. Ninguém que conheça boa música pode deixar de ter *Beach Samba* de 1967. Este álbum criou o que veio a ser chamado "brazilian-jazz classic", ao incorporar arranjos de Eumir Deodato e Don Sebesky e músicos do porte de Ron Carter e Toots Thielemans. Uma pérola.

Sinatra sempre convence entoando poesia, certo? E quando a poesia é de Joe Raposo e fala de um lugar onde havia um campo de futebol onde as crianças brincavam e riam e que se acabou, é nostalgia pura. Sinatra torna a poesia palpável, materializada. E nada mais precisa ser dito, a não ser sublinhar o arranjo de Gordon Jenkins com uma entrada, quem diria, de violoncelo e que cria o clima para a densa interpretação. Don Altobelli certa vez definiu a diferença entre escutar Sinatra e ouvir Sinatra. É a mesma diferença de o sol se pôr ou apreciar um entardecer: a primeira sensação é física, superficial; a segunda é emocional, total. Que poderia eu acrescentar a isso? Nada!

Ou melhor, apenas que devem continuar ouvindo *Other Things* e a belíssima (é para isso que existem superlativos.) voz de Deborah Cox na composição de Harburg e Lane, *Look To The Rainbow*. Aqui, o piano de cauda enegrece mais a voz da cantora, e que parece cantar à capela, como se piano não houvesse.

Se você não conhecia a voz de Matt Dusk, pode ter certeza, ainda vai ouvir muito. Basta apreciar alguns standards americanos que já gravou para se convencer.

E que tal ouvir a canção mais perfeita já composta? E na mais bonita voz feminina que o comitê celestial deu ao mundo? Minha opinião pode ser defeituosa, mas é o que penso de *How Deep Is The Ocean*, de Irving Berlin. A mesma opinião tenho de Clair Lune de

Debussy na música clássica.

Agora esqueça a *Unforgettable* do Nat K. Cole, esplêndida como tudo que gravou – excetuando suas versões para o espanhol –, e ouça a de Lou Rawls. Não tem para ninguém, é a primeira colocada, batendo inclusive a que Johnny Hartman gravou em 1963 com John Coltrane.

Do álbum (nem cheguei a me acostumar com o CD e agora a música vem do ar, de alhures.) *Guilty Pleasures*, revival da dupla Barbra Streisand e Barry Gibb, tiramos *Golden Dawn*. E o diamante lapidado que é a voz de Barbra mais uma vez pode ser apreciado.

E se o leitor não conhecia a voz de Michael Feinstein, que foi secretário de I. Gershwin, e tem regravado com tons originais parte da obra dos Gershwin, aqui o apresentamos com a Orquestra Filarmônica de Israel cantando uma canção de Jerry Herman, *I Won't Send Roses*.

Falar de Bassey e Bennett é escusado, mas uma palavra sobre Vonda Shepard é necessário. Quem assistiu a série Ally McBeal conhece sua voz e piano. E não poderíamos fazer homenagem melhor ao poeta e compositor Bob Dylan senão com *Don't Think Twice, It's All Right*.

Enfim, caro e paciente leitor, temos certeza de que não estamos jogando pérolas aos porcos. Nosso leitor, e no caso ouvinte, tem a sensibilidade devida aos médicos. A sensibilidade daqueles que transformam simples contas de vidro em pérolas vivenciais, ou seja, que esclarecem, reasseguram, e fornecem a esperança que a ciência pode dar, e que a arte pode embalar. Pérolas de significado e beleza. Pérolas de Outras Coisas, para você que nos acompanha. Ouça em nosso sítio. É nossa contribuição às coisas calmas e amorosas. 🎧

"E QUE TAL OUVIR A CANÇÃO MAIS PERFEITA JÁ COMPOSTA? E NA MAIS BONITA VOZ FEMININA QUE O COMITÊ CELESTIAL DEU AO MUNDO? MINHA OPINIÃO PODE SER DEFEITUOSA, MAS É O QUE PENSO DE *HOW DEEP IS THE OCEAN*, DE IRVING BERLIN."

**DO CADERNO VERDE**

A verdade é única, mas desdobrável.

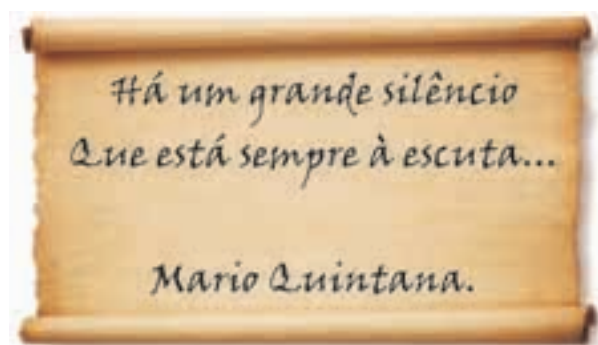
## Other Things

1. **The Moon Is A Harsch Mistress**  
(*Jimmy Webb*); Joe Cocker.
2. **Why Should I Care**  
(*Clint Eastwood/ C. B. Sager/ L. Thompson*); Diana Krall.
3. **Let There Be Love**  
(*Lionel Rand/ Ian Grant*); Nat King Cole.
4. **That Day**  
(*Nikki Giovanni/ Terri Lyne Carrington/ Dianne Reeves*);  
Dianne Reeves.
5. **Where or When**  
(*Richard Rodgers/ Lorenz Hart*); Peter Jones.
6. **Don't Let Me Be Misunderstood**  
(*Bennie Benjamin/ Gloria Caldwell/ Sol Marcus*); Nina  
Simone.
7. **Time In A Bottle**  
(*Jim Croce*); Roger Whittaker.
8. **Too Darn Hot**  
(*Cole Porter*); Stacey Kent.
9. **Look For Small Pleasures**  
(*Michael/ Sandrich*); Matt Monro.
10. **The Face I Love**  
(*Marcos Valle/ Norman Gimble*); Astrud Gilberto.
11. **There Use To Be a BallPark**  
(*Joe Raposo*); Frank Sinatra.
12. **Look To The Rainbow**  
(*E. Y. Harburg/ Burton Lane*); Deborah Cox.
13. **A Million Kisses Late**  
(*Tom Douglas/ Stan Lynch*); Matt Dusk.
14. **How Deep Is The Ocean?**  
(*Irving Berlin*); Ella Fitzgerald.
15. **Unforgettable**  
(*Irving Gordon*); Low Rawls.
16. **Golden Dawn**  
(*B. Gibb/ A. Gibb/ S. Gibb*); Barbra Streisand
17. **I Won't Send Roses**  
(*Jerry Herman*); Michael Feinstein.
18. **The Way We Were**  
(*Bergman/ Hamlish*); Shirley Bassey.
19. **It Might Be You**  
(*A. Bergman/ M. Bergman/ D. Grusin*); Stephen Bishop.
20. **Don't Think Twice, It's All Right**  
(*Bob Dylan*); Vonda Shepard.
21. **The Good Life**  
(*Distel/ Reardon/ Broussoule*); Tony Bennett.

## Iátrico: Clássicos

1. **Rhapsody On A Theme Of Paganini (18th Variation);**  
Gary Garfmann ao piano; Rachmaninov.
2. **Morning Mood;**  
Peer Gynt Suíte nº 1, Op. 46; Edvar Grieg.
3. **Fantasia On Greensleeves;**  
de Sir John In Love; David Nadien, violino solo;  
Ralph Vaughan Willims.
4. **Prelude, Act II;**  
de Lohengrin; Richard Wagner.
5. **Ride Of Walkyries;**  
de Die Walküre; Richard Wagner.
6. **Seguedilla;**  
de Carmen; Bizet.
7. **Swan Lake Theme;**  
de Swan Lake; P.I. Tchaikovsky.
8. **Clair Lune;**  
Suite Bergamasque; Claude Debussy.
9. **Also Sprach Zarathustra (introdução);**  
Richard Strauss.
10. **Badinerie;**  
de Suite nº 2; Johann S. Bach.
11. **Concerto nº 1;**  
Lazar Berman ao piano; P. I. Tchaikovsky.
12. **Eine Kleine Nachtmusik (Allegro);**  
Mozart.
13. **Spring;**  
de "The Four Seasons" (Allegro); A. Vivaldi.
14. **Somewhere;**  
de West Side Story; L. Bernstein.

*Créditos: New York Philharmonic, Leonard Bernstein; Philadelphia Orchestra, Eugene Ormandy; Berliner Philharmoniker, Herbert von Karajan.*



## Iátrico: Vamos Dançar?

**1. Dancing Queen**

(*B. Anderson/ B. Ulvalus/ S. Anderson*); ABBA.

**2. We Are Family**

(*N. Rogers/ B. Edwards*); Sister Sledge.

**3. All Night Long**

(*L. Richie*); Lionel Richie.

**4. I Will Survive**

(*Fekaris/ Perren*); Gloria Gaynor.

**5. Billie Jean**

(*M. Jackson*); Michael Jackson.

**6. Waters Of March**

(*A. C. Jobim*); Sergio Mendes e Ledisi.

**7. Stayin' Alive**

(*B. Gibb/ R. Gibb/ M. Gibb*); Bee Gees.

**8. Holiday**

(*C. Hudson/ L. Stevens*); Maddona

**9. La Bamba**

(*Tradicional*); Trini Lopes.

**10. If You Could Read My Mind**

(*Enriquez/ Amber/ Ultra*);

Stars On 54.

**11. Vale Tudo**

(*T. Maia*); Tim Maia.

**12. Burnin' Love**

(*Dennis Linde*); Wynonna.

**13. Jumpin' Jack Flash**

(*M. Jagger/ K. Richards*); Peter Frampton.

**14. September'99;**

Earth, Wind And Fire.

**15. Let's Twist Again;**

Chubby Checker.

**16. Lady Marmelade;**

Christina Aguilera.

**17. On Broadway**

(*Leiber/ Stoller/ Mann/ Weil*);

George Benson.

## Fragmentos da MPB

Viver e não ter a vergonha de ser feliz/  
Cantar e cantar e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz.

**Gonzaguinha.**

Tem dia que a gente se sente/  
como quem partiu ou morreu.

**Chico Buarque.**

Risque o meu nome do teu caderno, que não mereço o  
inferno do nosso amor fracassado.

**Ary Baroso.**

Ela nasceu com o destino da lua, para todos que andam  
na rua, não viver só para mim.

**Lupcínio Rodrigues.**

Pimenta nos olhos dos outros é refresco.

**Haroldo Lobo e Carvalhinho.**

Quem é você que não sabe o que diz;/ Meu Deus do céu,  
que palpita infeliz.

**Noel Rosa.**

Pra que trocar o sim por não  
se o resultado é solidão.

**Tom Jobim e Newton Mendonça.**

Na rua uma poça d'água  
Espelho de minha mágoa  
Transporta o céu para o chão.

**Jorge Faraj e Newton Teixeira.**

Olho as estrelas cansadas/  
Que são lágrimas doiradas/  
No lenço azul lá do céu.

**Orestes Barbosa.**

Um homem se humilha/ se castram seus sonhos/  
Seu sonho é sua vida/ e vida é trabalho/  
E sem o seu trabalho/ o homem não tem honra/  
E sem sua honra/ se morre, se mata...

**Gonzaguinha.**

Chora, doutor, chora  
Eu sei que o medo de ficar pobre  
Lhe apavora.

**J. Campos/ J. Piedade/ O. Gazzaneo.**

Saudade,/ Torrente de paixão/  
Emoção diferente/ Que aniquila  
a vida da gente,/ Uma dor  
que nem sei/ De onde vem.

**Chocolate e Elano de Paula.**

Quem não gosta de samba/  
Bom sujeito não é/  
É ruim da cabeça/  
Ou doente do pé.

**Dorival Caymmi.**

Quero que você me aqueça nesse inverno/  
e que tudo mais vá pro inferno.

**Roberto Carlos.**

Vítima do acaso e da ilusão  
Beijei tua mão.

**Lamartine Babo.**

(A) mulher é um jogo/ difícil de acertar/ e o homem como  
um lobo/ não se cansa de jogar.

**Ismael Silva e Newton Bastos.**

Quem cuida da vida alheia/ da sua não pode cuidar.

**Itamar Assumpção.**

Eu tive orgulho/ e tenho por castigo/ a vida inteira/ pra  
me arrepender...

**Castigo, Dolores Duran.**

Ninguém me ama, ninguém me quer,  
ninguém me chama de meu amor.

*Ob. Fez tanto sucesso que o autor não aguentava mais o  
refrão e decidiu mudá-lo: ninguém me chama de Baudelaire.*

**Antônio Maria.**

Testamento simples de um amor falido, franzido na me-  
mória, na culpa torturado, e na lição perdido.



# Galeria Poética

## Para quem se inicia na poesia, dez poemas para guardar.

### GERAÇÃO PAISSANDU

Vim, como todo mundo,  
do quarto escuro da infância,  
mundo de coisas e ânsias indecifráveis,  
de só desejo e repulsa.  
Cresci com a pressa de sempre.

Fui jovem, com a sede de todos,  
em tempo de seco fascismo.  
Por isso não tive pátria, só discos.  
Amei, como todos pensam.  
Troquei carícias cegas nos cinemas,  
li todos os livros, acreditei  
em quase tudo por ao menos um minuto,  
provei do que pintou, adolesci.

Vi tudo que vi, entendi como pude.  
Depois, como de direito,  
endureci. Agora a minha boca  
não arde tanto de sede.  
As minhas mãos é que coçam –  
vontade de destilar  
depressa, antes que esfrie,  
esse caldo morno de vida.

**Paulo Henrique Britto.**

---

### EMERGÊNCIA

Quem faz um poema abre uma janela.  
Respira, tu que estás numa cela  
abafada,  
esse ar que entra por ela.

Por isso é que os poemas têm ritmo  
– para que possas profundamente respirar.  
Quem faz um poema salva um afogado.

**Mario Quintana.**

---

### GUARDAR

Guardar uma coisa não escondê-la ou trancá-la.  
Em cofre não se guarda coisa alguma.  
Em cofre perde-se a coisa à vista.  
Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por  
admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.  
Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por  
ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela,  
isto é, estar por ela ou ser por ela.

Por isso melhor se guarda o voo de um pássaro  
Do que um pássaro sem voos.  
Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica,  
por isso se declara e declama um poema:

Para guardá-lo:

Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:

Guarde o que quer que guarda um poema:

Por isso o lance do poema:

Por guardar-se o que se quer guardar.

**Antonio Cícero.**

---

### ISMÁLIA

Quando Ismália enlouqueceu,  
Pôs-se na torre a sonhar...  
Viu uma lua no céu,  
Viu outra lua no mar.



No sonho em que se perdeu,  
 Banhou-se toda em luar...  
 Queria subir ao céu,  
 Queria descer ao mar...

E no desvario seu,  
 Na torre pôs-se a cantar...  
 Estava perto do céu,  
 Estava longe do mar...

E como um anjo pendeu  
 As asas para voar...  
 Queria a lua do céu,  
 Queria a lua do mar...

As asas que Deus lhe deu  
 Ruflaram de par em par...  
 Sua alma subiu ao céu,  
 Seu corpo desceu ao mar...

**Alphonsus de Guimaraens.**

---

### MOTIVO

Eu canto porque o instante existe  
 e a minha vida está completa.  
 Não sou alegre nem sou triste:  
 sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,  
 não sinto gozo nem tormento.  
 Atravesso noites e dias  
 no vento.

Se desmorono ou edifico,  
 se permaneço ou me desfaço,  
 – não sei, não sei. Não sei se fico  
 ou se passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.  
 Tem sangue eterno a asa ritmada.

E um dia sei que estarei mudo:  
 – mais nada.

**Cecília Meireles.**

---

### MEMÓRIA

Amar o perdido  
 deixa confundido  
 este coração.

Nada pode o olvido  
 contra o sem sentido  
 apelo do não.

As coisas tangíveis  
 tornam-se insensíveis  
 à palma da mão.

Mas as coisas findas,  
 muito mais que lindas,  
 essas ficarão.

**Carlos Drummond de Andrade.**

---

### SONETO DE FIDELIDADE

De tudo, ao meu amor serei atento  
 Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto  
 Que mesmo em face do maior encanto  
 Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento  
 E em seu louvor hei de espalhar meu canto  
 E rir meu riso e derramar meu pranto  
 Ao seu pesar ou seu contentamento.

E assim, quando mais tarde me procure  
 Quem sabe a morte, angústia de quem vive  
 Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):

Que não seja imortal, posto que é chama  
Mas que seja infinito enquanto dure.

**Vinicius de Moraes.**

---

### VERSOS ÍNTIMOS

Vês! Ninguém assistiu ao formidável  
Enterro de tua última quimera.  
Somente a Ingratidão – esta pantera –  
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!  
O Homem, que, nesta terra miserável,  
Mora, entre feras, sente inevitável  
Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!  
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,  
A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se alguém causa inda pena a tua chaga,  
Apedreja essa mão vil que te afaga,  
Escarra nessa boca que te beija!

**Augusto dos Anjos.**

---

### ROTEIRO

Parar. Parar não paro.  
Esquecer. Esquecer não esqueço.  
se caráter custa caro  
pago o preço.

Pago embora seja raro.  
Mas o homem não tem avesso  
e o peso da pedra em comparo  
à força do arremesso.

Um rio, só se for claro.  
Correr, sim, mas sem tropeço.  
Mas se tropeçar não paro

– não paro nem mereço.

E que ninguém me dê amparo  
nem me pergunte se padeço.

Não sou nem serei avaro

– se caráter custa caro

Pago o preço.

**Sidónio Muralha.**

---

### SINTONIA PARA PRESSA E PRESSÁGIO

Escrevia no espaço.

Hoje, grafo no tempo,  
na pele, na palma, na pétala,  
luz do momento.

Soo na dúvida que separa  
o silêncio de que grita  
do escândalo que cala,  
no tempo, distância, praça,  
que a pausa, asa, leva  
para ir do percalço ao espasmo.

Eis a voz, eis o deus, eis a fala,  
eis que a luz se acendeu na casa  
e não cabe mais na sala.

**Paulo Leminski.**



# Galeria Musical

## Para quem não estranha a melodia, dez canções para recordar

### CONSTRUÇÃO

Amou daquela vez como se fosse a última  
Beijou sua mulher como se fosse a última  
E cada filho seu como se fosse único  
E atravessou a rua com seu passo tímido

Subiu a construção como se fosse máquina  
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas  
Tijolo com tijolo num desenho mágico  
Seus olhos embotados de cimento e lágrima

Sentou pra descansar como se fosse sábado  
Comeu feijão com arroz como se fosse príncipe  
Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago  
Dançou e gargalhou como se ouvisse música

E tropeçou no céu como se fosse um bêbado  
E flutuou no ar com se fosse um pássaro  
E se acabou no chão feito um pacote flácido  
Agonizou no meio do passeio público  
Morreu na contramão atrapalhando o tráfego

Sentou pra descansar como se fosse um príncipe  
Comeu feijão com arroz como se fosse o máximo  
Bebeu e soluçou como se fosse máquina  
Dançou e gargalhou como se fosse o próximo

E tropeçou no céu como se ouvisse música  
E flutuou no ar como se fosse sábado  
E se acabou no chão feito um pacote tímido  
Agonizou no meio do passeio náufrago  
Morreu na contramão atrapalhando o público

Amou daquela vez como se fosse máquina  
Beijou sua mulher como se fosse lógico  
Ergueu no patamar quatro paredes flácidas  
Sentou para descansar como se fosse um pássaro  
E flutuou no ar como se fosse um príncipe  
E se acabou no chão feito um pacote bêbado  
Morreu na contramão atrapalhando o sábado.

**Chico Buarque.**

### ALEGRIA, ALEGRIA

Caminhando contra o vento  
Sem lenço sem documento  
No sol de quase dezembro  
Eu vou

O sol se reparte em crimes  
Espaçonaves guerrilhas  
Em cardinales bonitas  
Eu vou

Em caras de presidentes  
Em grandes beijos de amor  
Em dentes pernas bandeiras  
Bomba e Brigitte Bardot

O sol nas bancas de revista  
Me enche de alegria e preguiça  
Quem lê tanta notícia?  
Eu vou

Por entre fotos e nomes

Os olhos cheios de cores  
O peito cheio de amores vãos  
Eu vou

Por que não? Por que não?  
Ela pensa em casamento  
E eu nunca mais fui à escola  
Sem lenço sem documento  
Eu vou

Eu tomo uma Coca-Cola  
Ela pensa em casamento  
E uma canção me consola  
Eu vou

Por entre fotos e nomes  
Sem livros e sem fuzil  
Sem fome sem telefone  
No coração do Brasil

Ela nem sabe até pensei  
Em cantar na televisão  
O sol é tão bonito  
Eu vou

Sem lenço sem documento  
Nada no bolso ou nas mãos  
Eu quero seguir vivendo amor  
Eu vou  
Por que não? Por que não?

**Caetano Veloso.**

---

### REALCE

Não se incomode  
O que a gente pode, pode  
O que a gente não pode, explodirá  
A força é bruta  
E a fonte da força é neutra  
E de repente a gente poderá

Realce, realce  
Quanto mais purpurina, melhor  
Realce, realce  
Com a cor do veludo  
Com amor, com tudo  
De real teor de beleza

Não se impaciente  
O que a gente sente, sente  
Ainda que não se tente, afetará  
O afeto é fogo  
E o modo do fogo é quente  
E de repente a gente queimará

Realce, realce  
Quanto mais parafina, melhor  
Realce, realce  
Com a cor do veludo  
Com amor, com tudo  
De real teor de beleza

Não desespere  
Quando a vida fere, fere  
E nenhum mágico interferirá  
Se a vida fere  
Como a sensação do brilho  
De repente a gente brilhará

Realce, realce  
Quanto mais serpentina, melhor  
Realce, realce  
Com a cor do veludo  
Com amor, com tudo  
De real teor de beleza.

**Gilberto Gil.**

---

### DE FRENTE PRO CRIME

Tá lá o corpo estendido no chão  
Em vez de rosto uma foto de um gol

Em vez de reza uma praga de alguém  
E um silêncio servindo de amém

O bar mais perto depressa lotou  
Malandro junto com trabalhador  
Um homem subiu na mesa do bar  
E fez discurso pra vereador

Veio o camelô vender anel,  
Cordão, perfume barato  
Baiana pra fazer pastel  
E um bom churrasco de gato

Quatro horas da manhã baixou  
O santo na porta-bandeira  
E a moçada resolveu parar  
E então...

Sem pressa foi cada um pro seu lado  
Pensando numa mulher ou num time  
Olhei o corpo no chão e fechei  
Minha janela de frente pro crime  
**Aldir Blanc/ João Bosco.**

---

### TODO AMOR QUE HOVER NESSA VIDA

Eu quero a sorte de um amor tranquilo  
Com sabor de fruta mordida  
Nós na batida, no embalo da rede  
Matando a sede na saliva  
Ser teu pão, ser tua comida  
Todo amor que houver nessa vida  
E algum trocado pra dar garantia

E ser artista no nosso convívio  
Pelo inferno e céu de todo dia  
Pra poesia que a gente não vive  
Transformar o tédio em melodia  
Ser teu pão, ser tua comida  
Todo amor que houver nessa vida

E algum veneno antimonotonia

E se eu achar a sua fonte escondida  
Te alcance em cheio o mel e a ferida  
E o corpo inteiro feito um furacão  
Boca, nuca, mão, e a tua mente, não  
Ser teu pão, ser tua comida  
Todo amor que houver nessa vida  
E algum remédio que me dê alegria.

**Cazuza/ Frejat.**

---

### INFINITO PARTICULAR

Eis o melhor e o pior de mim  
O meu termômetro o meu quilate  
Vem, cara, me retrate

Não é impossível  
Eu não sou difícil de ler

Faça sua parte

Eu sou daqui eu não sou de marte  
Vem, cara, me repara  
Não vê, tá na cara, sou porta-bandeira de mim  
Só não se perca ao entrar  
No meu infinito particular

Em alguns instantes  
Sou pequenina e também gigante  
Vem, cara, se declara  
O mundo é portátil  
Pra quem não tem nada a esconder

Olha minha cara  
É só mistério, não tem segredo,  
Vem cá, não tenha medo

Á água é potável  
Daqui você pode beber

Só não se perca ao entrar  
No meu infinito particular.

**Arnaldo Antunes/ Marisa Monte/ Carlinhos Brown.**

---

### TRAVESSIA

Quando você foi embora  
Fez-se noite em meu viver  
Forte eu sou, mas não tem jeito  
Hoje eu tenho que chorar  
Minha casa não é minha  
E nem é meu este lugar  
Estou só e não resisto  
Muito tenho pra falar

Solto a voz nas estradas  
Já não quero parar  
Meu caminho é de pedra  
Como posso sonhar?  
Sonho feito de brisa  
Vento vem terminar  
Vou fechar o meu pranto  
Vou querer me matar

Vou seguindo pela vida  
Me esquecendo de você  
Eu não quero mais a morte  
Tenho muito que viver  
Vou querer amar de novo  
E se não der não vou sofrer  
Já não sonho, hoje faço  
Com meu braço o meu viver.

**Milton Nascimento/ Fernando Brandt.**

---

### SAMBA DE UMA NOTA SÓ

Eis aqui este sambinha  
Feito numa nota só  
Outras notas vão entrar  
Mas a base é uma só

Esta outra é consequência  
Do que acabo de dizer  
Como eu sou a consequência  
Inevitável de você  
Quanta gente existe por aí  
Que fala tanto e não diz nada  
Ou quase nada  
Já me utilizei de toda escala  
E no final não sobrou nada  
Não deu em nada!  
E voltei pra minha nota  
Como eu volto pra você  
Vou contar com a minha nota  
Como eu gosto de você  
E quem quer todas as notas  
Ré mi fá sol lá si dó  
Fica sempre sem nenhuma  
Fique numa nota só.

**Tom Jobim/ Newton Mendonça.**

---

### DNA

quando você nasceu ouvi seu grito  
embora longe muito longe de você  
meu coração bateu tambor aflito  
tambor aflito e tonto de bater

de tanto ser demais  
de tanto ser além  
de tanto bem e eu não ter paz  
um raio quando cai  
no medo que me fez  
não me senti capaz de ser seu pai

anos se passaram pela vida e te criaram  
noites de lembrar e de esquecer  
sonhos que não sei me esconderam e me mostraram  
esse dia em que eu te encontrei moça e mulher  
e ali em frente a mim você me disse

que a falta que eu nunca te fiz então se fez  
e desabando como um edifício  
abria um abismo a nossos pés

você nos viu tão bem  
no fundo de ninguém  
e o que se revelava a sós:  
que elo nos valeu  
que elo ela e eu  
e a lua absurda sobre nós

DNA DNA  
dança sua dança  
dança em espirais  
DNA DNA  
ponte indecifrável  
onde nos levais?  
Seja onde for  
Onda do mar  
Mágica tão frágil  
Ser e nada mais  
DNA DNA  
Daniela.

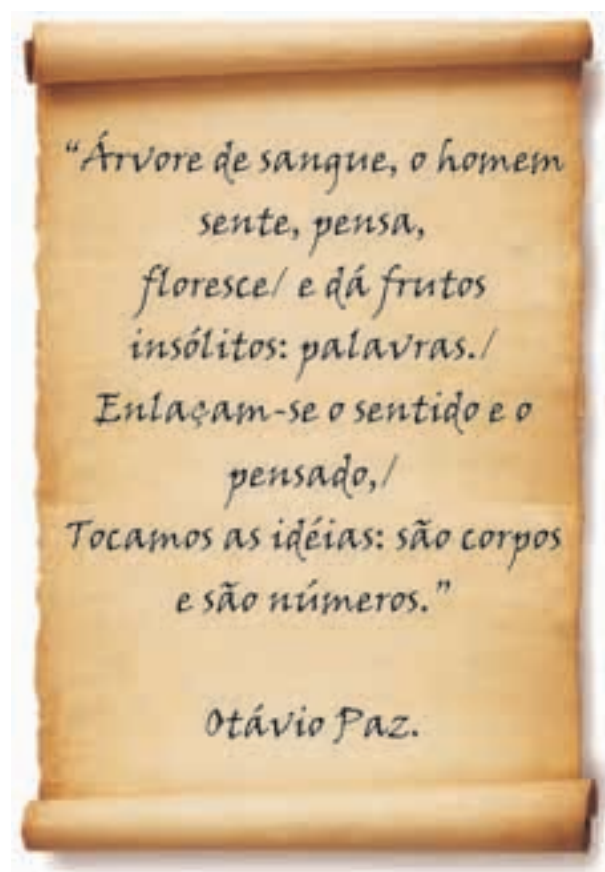
**Zé Miguel Wisnik.**

### SINAL FECHADO

Olá, como vai?  
Eu vou indo e você, tudo bem?  
Tudo bem, eu vou indo, correndo  
Pegar meu lugar no futuro, e você?  
Tudo bem, eu vou indo em busca  
De um sonho tranquilo, quem sabe?  
Quanto tempo...  
Pois é, quanto tempo...  
Me perdoa a pressa  
É a alma dos nossos negócios...  
Oh, não tem de que  
Eu também só ando a cem  
Quando é que você telefona?

Precisamos nos ver por aí  
Pra semana, prometo,  
Talvez nos vejamos, quem sabe?  
Quanto tempo...  
Pois é, quanto tempo...  
Tanta coisa que eu tinha a dizer  
Mas eu sumi na poeira das ruas  
Eu também tenho algo a dizer  
Mas me foge a lembrança  
Por favor, telefone, eu preciso beber  
Alguma coisa rapidamente  
Pra semana...  
O sinal...  
Eu procuro você...  
Vai abrir! Vai abrir!  
Prometo não esqueço  
Por favor não esqueça  
Não esqueço, não esqueço  
Adeus...

**Paulinho da Viola.**



# Os diretores mais populares: Pedro Almodóvar Caballero

Após Chaplin, Hitchcock e Spielberg, chego ao último integrante do quarteto de cineastas mais populares: Almodóvar. Talvez ele não seja tão famoso quanto os outros diretores, mas qualquer espectador de cinema mais assíduo o conhece. O interessante é que as pessoas que assistem aos seus filmes sabem que há uma particularidade neles, mas não encontram uma definição exata. Há sempre toques de humor, porém o drama não raramente prepondera. Afinal, qual o estilo desse diretor?

Uma máxima apontada pelo próprio Almodóvar e que justifica em parte sua maior aceitação pelo público é que, desde o início de sua carreira, ele queria contar histórias cinematográficas que os outros entendessem. Após três anos de trabalho em uma companhia telefônica, ele comprou uma câmera e começou a realizar vários curtas-metragens até, em 1980, estrear seu primeiro longa: *Pepi, Luci, Bom*. De lá para cá, foram ao todo 18 longas-metragens, todos em espanhol. Neles, percebem-se claramente as várias características comuns e que imprimem uma autoria às suas obras, com algumas variações entre um filme e outro.

Começo pela parte estética, pois ela já denuncia a força motriz de suas histórias. A utilização de cores quentes, sobretudo o vermelho, é marcante em toda a direção de arte a qual é propositadamente exagerada, sendo kitsch (quase brega). Isso vai ao encontro de uma ênfase maior em suas películas que recai sobre os sentimentos que elas evocam, resultando numa mistura de drama e comédia. Além dessa função emotiva, continuamente se encontra a metalinguagem. Em todo o início de suas obras existem cenas que fazem referências a outros filmes ou à própria trama do filme em questão.



Sob um ponto de vista psicanalítico, é como se as cenas iniciais apresentassem um trauma, cujos sintomas seriam desenvolvidos no desenrolar da história. Em decorrência disso, a relação entre acontecimentos do passado e atitudes do presente é uma constante que permeia os protagonistas e que os faz lidar, invariavelmente, com alguma culpa. A morte, por sua vez, também é um evento recorrente e que está sempre inserida numa dualidade de prazer e desprazer.

No entanto, o principal foco de interesse de Almodóvar parece ser o universo feminino, magnificado na

**"O PRINCIPAL FOCO DE INTERESSE DE ALMODÓVAR PARECE SER O UNIVERSO FEMININO, MAGNIFICADO NA FIGURA DA MÃE, QUE PODE SER AUSENTE, DOMINADORA OU CONSOLADORA. ALGUNS DIZEM QUE OS HOMENS DE SEUS FILMES NÃO PASSAM DE MARIONETES."**





figura da mãe, que pode ser ausente, dominadora ou consoladora. Alguns dizem que os homens de seus filmes não passam de marionetes. Entretanto, o próprio diretor comentou que os considera personagens fundamentais em suas histórias, uma vez que eles servem de elementos estáticos em torno dos quais as mulheres orbitam. Entre esses dois polos, há ainda espaço para os travestis e homossexuais. Por fim, todos esses pontos do roteiro se entrelaçam através de uma das principais virtudes desse cineasta: a capacidade de tratar o "absurdo" de forma tão natural a ponto de ele se tornar crível. E será que isso se limita apenas ao mundo da fantasia cinematográfica?

O médico que atende ou já atendeu pacientes de classe socioeconômica mais baixa ou está na linha de frente de serviços de emergência sabe que não. Situações bizarras, beirando o absurdo, são mais comuns do que muitos pensam. A verdade é que, por vezes, a imaginação não chega ao alcance da riqueza da realidade. O médico, ao lidar com as várias dimensões do ser humano, precisa ter isso em mente. Diante de uma situação um tanto inverossímil, o autocontrole para manter a naturalidade em sua postura lhe é mandatório. Destituindo-se de preconceitos, ele consegue emitir uma verdadeira atitude solícita e empática, fortalecendo, pois, a relação médico-paciente. Nada como compreender melhor essa questão com os seguintes exemplos:

### QUE FIZ EU PARA MERECEER ISTO? (1984)

Vejam o absurdo desta estória. A protagonista Glória é uma diarista com dependência de calmantes e que vive situações constrangedoras. Seu marido é um taxista grosseiro, infiel e que fala alemão. Debaixo do mesmo teto, sua sogra mostra-se viciada em água com gás e bolinho, mantendo-os chaveados no armário do quarto. Glória tem dois filhos: o mais velho é traficante e o mais novo é gay. Este, é vendido por ela para o dentista pedófilo. Para finalizar, sua vizinha e melhor amiga é prostituta e sonha em ser atriz de Hollywood. Apesar de todo esse caos, acredite, a estória se torna crível. A estética do filme contribui para isso, pois procura de certo modo retirar o artificialismo da trama, demarcando bem a questão social. Essa característica, típica do neorealismo italiano, é o que diferencia essa película das outras de Almodóvar. Logo, a pobreza vai da locação no subúrbio de Madri, passa pelo apartamento apertado e sufocante e chega às roupas gastas dos personagens. Nesse contexto, ao mesmo tempo em que os problemas familiares de diferentes gerações são expostos, eles convivem em harmonia. A sogra e o filho mais velho resolvem, por exemplo, adotar um lagarto e o chamam, não por acaso, de "dinheiro". Glória, por sua vez, foge do estereótipo da dona de casa sofredora. Como muitos, ela vive apenas acostumada com seu cotidiano e resignada de um questionamento existencial que nos remete ao título do filme: *Que fiz eu para merecer isto?*





### MULHERES À BEIRA DE UM ATAQUE DE NERVOS (1988)

Este é o filme que projetou Almodóvar para o mercado internacional. É uma das películas que mais evidencia a mistura do melodrama exagerado com a comédia. Uma das atrizes (Rossy de Palma) apresenta uma fisionomia tão exótica que, por si só, já mostra a intenção do diretor. O filme conta a estória de uma atriz grávida que, ao ser abandonada pelo seu amante, resolve alugar o apartamento onde mora para ir atrás dele e descobrir o motivo do abandono. No desenrolar da trama aparece um bizarro casal de locatários, uma amiga que se envolve com um terrorista xiita e, mais tarde, a esposa do amante, recém-saída do hospital psiquiátrico. Esta, aliás, é uma mulher atípica, que vive 20 anos atrás do seu tempo, usando sempre uma peruca e roupas extravagantes. Nessa *mise en scène* (encenação) peculiar, as carências afetivas femininas são colocadas à mostra através de gritos e muitas confusões. Fica claro, portanto, que para esse cineasta, a neurose feminina, com suas várias oscilações, transcende, e muito, o período circunscrito da TPM.

### TUDO SOBRE MINHA MÃE (1999)

Vencedora do Oscar de melhor filme estrangeiro, esta é uma das obras mais metalinguísticas de Almodóvar. Logo no início, há várias referências cinematográficas: *A Malvada*, *Um Bonde Chamado Desejo* e *Noite de Estreia*. E todas essas indicações não são meras homenagens, mas sim aspectos funcionais para o roteiro. Após a morte de

seu filho, a protagonista sai à procura do pai dele para lhe dar a notícia. No caminho, encontra uma freira grávida com AIDS, um travesti e a atriz preferida do falecido filho. A concepção do universo feminino nessa estória abarca a lógica "no coração de mãe, sempre cabe mais um". Portanto, independentemente da trajetória percorrida, todos são aceitos e acolhidos. Não há espaço para culpa, pena ou reprovação. E isso é muito mais do que tolerância, pois esta envolve o elemento moral da aceitação, na qual muitas vezes se esconde o preconceito. A virtude desenvolvida pelo diretor é a da naturalidade, que denota um ato positivo e espontâneo de compreensão. Logo, os diferentes comportamentos são vistos apenas como manifestações distintas de uma dimensão maior, o ser humano, sobre o qual não cabe qualquer juízo de valor. A personificação dessa concepção humanista e existencial se concretiza na noção de autenticidade proferida pelo travesti Agrado: "Uma pessoa é tanto mais autêntica quanto mais se parece com aquilo que ela sempre sonhou para si mesma".



### FALE COM ELA (2002)

Em uma estória narrada em flashbacks, Almodóvar constrói um filme um tanto diferente dos demais. O tom é mais sóbrio. Os toques de humor são bem sutis e a direção de arte menos exagerada. O mais marcante, porém, fica por conta dos protagonistas que, desta vez, são dois homens: um enfermeiro e um escritor de guias de turismo. Cada um acompanha sua respectiva amada em coma e, na

troca dessa experiência em comum, desenvolvem aos poucos a amizade. Portanto, nessas duas formas de amor – a amizade e o amor não correspondido – o componente sexual está, em parte, ausente. O foco da narrativa parece ser outro e recai sobre a relação afetiva dos dois. Contudo, há por trás uma referência metalinguística, bastante refinada, que traz à obra uma dimensão até mesmo transcendental. Partindo do título, o enfermeiro não apenas fala com a bailarina inconsciente, mas lhe conta histórias. E é exatamente assim, através de um pequeno relato cinematográfico, um curta-metragem do próprio Almodóvar, *O Amante Minguante*, que o ato sexual se completa. A partir de então, a bailarina acorda e uma criança nasce. Reside aí a grande metáfora do filme: o ato de contar histórias, simbolizado logicamente pelo cinema, como o grande transformador do ser humano. É a Sétima Arte, livre de restrições morais, sendo geradora de uma vida nova através de seu poder de mudança. Esta, na realidade, se torna a essência de toda a película. No início, é o enfermeiro quem, paradoxalmente, ensina ao escritor a importância de se contar algo à amada toureira em coma, levando-o a uma espécie de viagem afetiva, não encontrada nos guias de turismo. No final, a metamorfose que o escritor sofre permite uma inversão de papéis. Agora é ele quem conta histórias para seu amigo enfermeiro. Enfim, ninguém é mais o mesmo. Todos se transformaram com as histórias contadas em suas vidas, inclusive, o próprio espectador diante desse filme.



## VOLVER (2006)



Como de hábito, há um prólogo no filme de Almodóvar que indica a questão central a ser tratada. Neste caso, os mortos. Assim, no início, um plano-sequência (sem cortes), mostra um grupo de mulheres arrumando sepulturas em um cemitério. Em seguida, o diretor se autorreferencia ao incluir uma cena que, no fundo, é um conto de um outro filme seu: uma mulher mata o marido na cozinha e o esconde no freezer. No entanto, o desenrolar da trama mostra um retrato de mulheres quase mortas que, apesar das dificuldades, retornam à vida, como que em convalescença. Esse resgate é representado também pela marcação clara dos elementos estilísticos almodovarianos: o absurdo, a relação passado e presente, o universo feminino em evidência, a constância do vermelho e os vários toques de humor. O interessante é que esse "retorno às origens" vai sendo incorporado aos poucos ao longo da película, como se fosse a energia que nutre as personagens para elas se reerguerem. O elemento fantástico, inserido no filme por meio – sobretudo – de duas mulheres, torna-se o auge dessa vitalidade. De um lado, há a concretude do fantasma da mãe (Carmen Maura), que está longe de ser uma lembrança vaga. Do outro, evidencia-se a força da protagonista, interpretada por Penélope Cruz, que remete à figura de uma heroína que, diante dos reveses absurdos da vida cotidiana, consegue se salvar com surpreendente exuberância e dignidade.

**Dr. Vitor Hugo Sambati Oliva (PR).**

# A Lei Hipocrática

Recente artigo em revista de ciência popular noticia o fim das experiências em cobaias que, para seu gáudio, serão poupadas quando de sua substituição por modelos de DNA computadorizados. Também a Medicina clínica deverá padecer simplificações no campo do diagnóstico e do emprego de fármacos, pela criação de modelos particularizados de DNAs que ameaçam distanciar ainda mais os médicos de seus pacientes. Os que olham os médicos com uma ponta de despeito e acrimoniosa crítica, garantem que em futuro não distante as consultas médicas serão "acessadas" pela internet, através de um [www.htt/p](http://www.htt/p), com pagamento das consultas por débito em cartão.

O que mais nos assusta não é o modernismo, que é salutar e deve ser incentivado, mas o agravamento da distância entre os integrantes da relação médico-paciente, já presente com o incremento da "imageologia", facultando o desenvolvimento de menor empatia e maior dose de apatia entre ambos. O médico procurado é visto pelo paciente como profissional obrigado a lhe prestar serviço ou porque pagou a consulta ou porque seu plano de saúde lhe garante esse direito. Em contrapartida, o paciente se reduz a um objeto capaz de oferecer dados mensuráveis e passíveis de interpretações reveladoras do diagnóstico, base da receita farmacológica que põe fim à relação de obrigações, direitos e deveres, de ambas as partes. Tudo isto magicamente ocorre em não mais que quinze "longos" minutos, porque urge o tempo que se traduz pelo valor da consulta, recebido ou por receber.

Isto posto, questionamos a oportunidade de trazer à baila a Lei Hipocrática, escrita há cerca de 2.400 anos?!

A Lei Hipocrática compreende cinco tópicos que podem ser assim resumidos:

1 – De todas as artes, a Medicina é a mais nobre, mas, em virtude da ignorância daqueles que a praticam e daque-



les que, desconsideradamente os julgam, ela se mostra bem inferior às demais artes. O erro parece nascer do fato de não haver punição relacionada com a prática da Medicina, a não ser a infamação decorrente, a qual já não fere aqueles que a ela se habituam. Tais pessoas parecem as figuras introduzidas nas tragédias, pelas suas formas, indumentária e aparência pessoal de atores, mas não são atores, como também médicos são apenas pelo título e muito poucos em realidade.

*Comentário: Nada mudou em 2.400 anos!*

2 – Para adquirir um conhecimento competente em Medicina é preciso que se possua as seguintes qualidades: a vocação natural, instrução, boa posição para o estudo, aprendizado precoce, amor pelo trabalho e tempo disponível. Acima de tudo é preciso um talento natural, pois, quando a Natureza se opõe, qualquer

**"O QUE MAIS NOS ASSUSTA NÃO É O MODERNISMO, QUE É SALUTAR E DEVE SER INCENTIVADO, MAS O AGRAVAMENTO DA DISTÂNCIA ENTRE OS INTEGRANTES DA RELAÇÃO MÉDICO-PACIENTE, JÁ PRESENTE COM O INCREMENTO DA 'IMAGEOLOGIA', FACULTANDO O DESENVOLVIMENTO DE MENOR EMPATIA E MAIOR DOSE DE APATIA ENTRE AMBOS."**

coisa será em vão; quando a Natureza abre caminho para as coisas mais excelentes, realiza-se a instrução da arte e o estudante deve tentar apropriar-se disto, pela reflexão, tornando-se discípulo precoce em um lugar bem apropriado para sua instrução. O aprend

"A MASSIFICAÇÃO DA PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS MÉDICOS COMO OBRA DO ESTADO, FEZ DESAPARECER A AUGUSTA FIGURA DO MÉDICO DE FAMÍLIA E CRIOU PROFISSIONAIS QUE EXERCEM A MEDICINA COMO OS QUE, APRESSADOS, SE ALIMENTAM EM 'FAST FOOD'."

do precisa trazer consigo amor pelo trabalho e perseverança, de maneira que seu saber crie raízes para propiciar-lhe frutos abundantes e apropriados.

*Comentário: Observe-se que a boa posição para o estudo devia referir-se à condição social que inviabilizava os escravos de contarem com as*

*condições que se exigia para o exercício das artes. Todas as demais premissas se conservam como válidas e imprescindíveis para a formação do verdadeiro médico.*

3 – A instrução em Medicina se compara com a cultura da terra. A vocação seria o solo; a competência do mestre a semente sobre o solo na estação apropriada; o lugar onde a instrução é passada se compara ao alimento, como os vegetais que a atmosfera propicia; o estudo diligente é como o cultivo dos campos; e o tempo dá força a todas as coisas, facultando sua maturidade.

*Comentário: Nota-se o valor que a cultura grega dava à Natureza, fato revivido hodiernamente com os movimentos ecológicos. "Nihil sub sole novum".*

4 – Portando todos estes requisitos para o estudo da Medicina e tendo adquirido um verdadeiro conhecimento da mesma, devemos, pois, viajando pelas cidades, nos tornar estimados não apenas pelo nome, mas em realidade. Entrementes, a inexperiência é um mau tesouro e mau lastro para quem a possui, seja para opinar, seja para certificar, e inviabiliza a confiança e o contentamento; é mais um berço para a timidez e para a audácia. Na verdade, existem duas qualidades, conhecimento e opinião, que fazem seus possuidores se distinguirem dos ignorantes.

*Comentário: A massificação da prestação de serviços médicos como obra do Estado, fez desaparecer a augusta figura do médico de família e criou profissionais que exercem a Medicina, como os que, apressados, se alimentam em "fast food". Só podemos lastimar que um imenso contingente da classe corresponde à deterioração do ensino, do aprendizado e do exercício profissional.*

5. As coisas sagradas devem dizer respeito às pessoas sagradas e não é legal trazê-las aos profanos até que eles tenham sido iniciados nos mistérios da ciência.

*Comentário: Na Medicina hipocrática as doenças que não apresentavam evidências físicas ou que não eram passíveis de diagnóstico, à luz dos conhecimentos existentes, como a epilepsia, eram denominadas sagradas e objeto de cuidados dispensáveis apenas por um sacerdote. Entretanto, o próprio Hipócrates dizia que tais doenças não eram nem mais divinas, nem mais sagradas que qualquer outra doença.*

Uma revisão dos 413 aforismas médicos ditados por Hipócrates demonstra que apenas 12% ainda encerram verdades aceitáveis hodiernamente, especialmente aqueles concernentes a princípios dietéticos. As novas verdades médicas se impuseram pelos progressos da bioquímica, da adoção de exames complementares elucidativos e do desenvolvimento da farmacologia clínica. Entretanto, as razões que normalmente levam um paciente a consultar têm como fulcro fundamental o desequilíbrio psicológico que decorre do medo de morrer. Essa peculiaridade emocional é de intensidade variável, dependendo da fantasia do paciente, de seu perfil cultural, filosófico e religioso ou da qualidade de seus sintomas físicos, mas está sempre presente como parte do binômio corpo-alma. Por isto, é impossível que se possa conceber o exercício da missão pretensa de curar pela abordagem de apenas um dos elementos desse binômio.

Um verdadeiro médico precisa ser também "*un médecin de l'âme*."

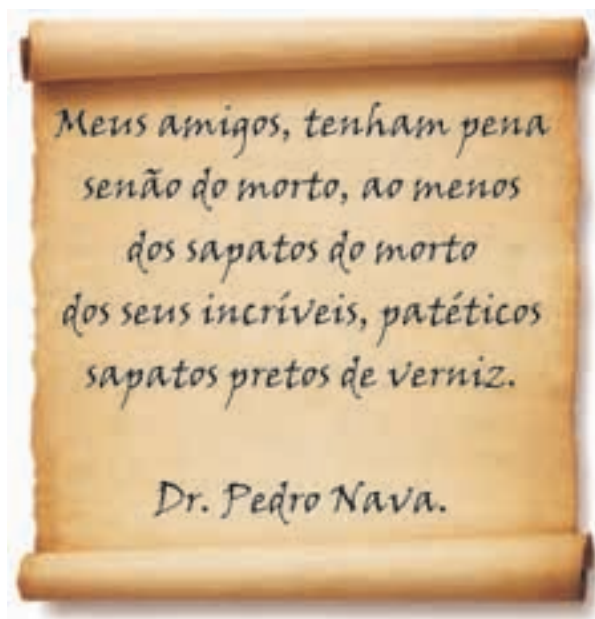
**Dr. Reginaldo Werneck Lopes (PR).**

# Condensação do ensaio de Aldous Huxley sobre a extensão inexplorada da mente humana

O mundo é a manifestação da experiência do Homem tal como é moldada por seu ego. É aquela vida pouco fértil, vivida de acordo com as experiências do eu individualista. É a natureza tornada cruel pela visão distorcida dos nossos desejos. É o tempo concebido como fatos desagradáveis que se sucedem. É um sistema de comunicação feito para substituir as insondáveis belezas e inexplicáveis circunstâncias que constituem a realidade.

Introspecção, reflexão e registros do comportamento humano deixam bastante claro que um anseio de auto-transcendência é tão comum, e às vezes tão forte, quanto a necessidade de autoafirmação. Os homens desejam intensificar a certeza de ser a pessoa que pensam que são, mas também desejam – e frequentemente – ser outra pessoa. Em suma, eles anseiam libertar-se de si mesmos, ultrapassar os limites desse pequeno universo isolado, dentro do qual todo indivíduo se encontra confinado. Esse desejo de autotranscendência não é semelhante ao desejo de escapar à dor física ou mental. Se fosse assim, as pessoas saudáveis e bem-sucedidas, ou, na linguagem profissional da psiquiatria, "excelentemente adaptadas à vida", jamais sentiriam o anseio de transpor seus próprios limites. Mas, na realidade, elas o sentem. Qualquer homem ou mulher, o mais feliz (pelos padrões da sociedade) não menos que o mais desgraçado, pode chegar, de repente ou gradualmente ao que se denomina "a percepção e o conhecimento puro do teu ser". Essa compreensão intuitiva da individualidade gera um angustiante desejo de transcender o eu isolado.

Ser seu próprio carrasco é a danação parcial da vida



cotidiana; é nossa consciência, geralmente embotada mas algumas vezes penetrante, de nos comportarmos como a média dos seres humanos lascivos que somos. Observa um pensador: "Todos os homens têm motivos para sofrer, mas principalmente aquele que conhece a si mesmo. Todos os outros sofrimentos, em comparação a este, são como brincadeira e aquele que nunca sentiu essa dor, deixe-o afligir-se, pois, na verdade, nunca sentiu a dor absoluta. Essa dor, quando presente, purifica a alma não só do pecado, mas também da pena que por ele merecera; e também torna a alma apta para receber a felicidade".

Se experimentamos uma necessidade de autotrans-

**"SER SEU PRÓPRIO CARRASCO É A DANAÇÃO PARCIAL DA VIDA COTIDIANA; É NOSSA CONSCIÊNCIA, GERALMENTE EMBOTADA MAS ALGUMAS VEZES PENETRANTE, DE NOS COMPORTARMOS COMO A MÉDIA DOS SERES HUMANOS LASCIVOS QUE SOMOS."**

condência, é porque de algum modo obscuro, e apesar de nossa ignorância consciente, sabemos quem realmente somos. Sabemos que o princípio inteligente que vive em nós não é finito e individual, mas parte da essência

"O CONHECIMENTO DA VERDADE ACOMPANHADA DO AMOR CRISTÃO CONSTITUI-SE NA VERDADEIRA REVELAÇÃO. ISSO É LIBERTAÇÃO, É ILUMINAÇÃO, É A VISÃO BEATÍFICA DAQUILO QUE SE DENOMINA A VERDADE FUNDAMENTAL. "

eterna do universo psíquico. Sabemos de tudo isso, mesmo desconhecendo as doutrinas nas quais a Verdade Fundamental tem sido revelada.

Estabelecido o desejo profundo que têm os seres

humanos de se autotranscenderem, a relutância natural que experimentam em trilhar o caminho duro e difícil da ascensão espiritual, tem levado, com frequência, à procura de uma falsa libertação, abaixo ou só para os lados de sua personalidade.

Assim é que há no mundo milhões de alcoólatras inveterados, além de um número bem maior de beberrões contumazes. Durante a Idade Média o consumo de álcool era ainda maior do que é hoje. Enquanto tomamos chá, café ou soda, nossos ancestrais se refrescavam com vinho e cerveja. Beber água regularmente era uma penitência imposta aos malfeitores ou considerada uma mortificação muito severa, a ponto de despertar comentários e apelidos depreciativos. Daí sobrenomes como o italiano Bevilacqua, o francês Boilaeau e o inglês Drinkwater.

O álcool é apenas uma das muitas drogas utilizadas pelos seres humanos como meio de libertação para seu eu insulado. E atravessam esses limites mesmo quando a autotranscendência acarreta mal-estar no momento e vício no futuro, assim como degeneração e morte prematura. Nada disso importa. Só o que interessa é a consciência, ainda que fugaz, de ser alguém ou outra coisa que não o ser insulado. Em todos os casos, porém, o que simula libertação é de fato escravidão e a autotranscendência é invariavelmente descendente, no sentido subumano da degradação pessoal.

Do mesmo modo que o uso do álcool e dos demais tóxicos, a sexualidade primária, praticada por puro prazer e afastada do amor, tem o poder de levar o indivíduo para além dos limites do seu eu insulado. Existe uma sexualidade primária que é inocente (a sexualidade do Éden, segundo D. H. Lawrence) e outra que é moral e esteticamente sórdida (a sexualidade do esgoto, segundo Jean Genet). A segunda (como tristemente se deduz) leva aqueles que com ela pactuam ao mais baixo nível de subhumanidade e total alienação. Eis aí, para todos aqueles que sentem necessidade de escapar de sua identidade aprisionada, a constante atração da libertinagem e de equivalentes exóticos da libertinagem.

No que se refere à autotranscendência horizontal, torna-se difícil abrangê-la em análise, tamanha a frequência com que ocorre: para escapar dos horrores do eu insulado, a maior parte dos homens e mulheres escolhem, na maioria das vezes, não subir nem descer, mas escapar para os lados. Eles se identificam com uma causa maior que seus interesses imediatos, mas que não os faz cair na degradação. Essa autotranscendência horizontal pode estar em qualquer coisa trivial como um hobby, gerir um negócio, até fazer pesquisa sobre física nuclear; desde colecionar selos até fazer campanhas políticas. Esta autotranscendência horizontal é de grande importância, posto que sem ela não haveria arte, ciência, lei, filosofia nem civilização. Mas também não haveria guerra, o ódio teológico e ideológico, nem intolerância, nem perseguições. Como poderemos ter o bem sem o mal numa civilização avançada? A resposta é que não podemos possuir isso enquanto nossa autotranscendência permanecer horizontal. "O patriotismo" – como um grande patriota francês concluiu no dia de sua execução pelos inimigos do seu país – "não é suficiente". Nem o socialismo, o comunismo ou o capitalismo; nem a arte, a ciência, a ordem pública, nenhuma religião ou igreja. Tudo isso é indispensável, mas nada é bastante. A civilização exige do indivíduo uma autoidentificação voltada às mais elevadas causas da humanidade. Mas se essa autoiden-

tificação com o que é humano não for acompanhada por um esforço consciente visando atingir a autotranscendência ascendente na direção da vida universal do espírito, os bens alcançados serão sempre misturados a males que os acompanham. Pascal escreveu que "fazemos da verdade um ídolo, porque a verdade sem caridade não é Deus, mas sua imagem". E a adoração da verdade separada do amor cristão – a autoidentificação com a ciência não acompanhada da prática da caridade – resulta no tipo de situação que, presentemente nos defrontamos, de absoluta falta de fé. Não da fé no sentido de acreditar numa série de asserções teológicas e históricas, mas da fé como confiança na ordem das coisas; como uma hipótese atuante capaz de contribuir resolutamente para a esperança.

O conhecimento da verdade acompanhada do amor cristão constitui-se na verdadeira revelação. Isso é libertação, é iluminação, é a visão beatífica daquilo que se denomina a Verdade Fundamental. Assim, a percepção da Verdade Fundamental se acompanha da revelação que podemos definir como a união da alma com Deus. Nascermos com o "Pecado Original"; mas também nascemos com a "Virtude Original" – com a aptidão para a Graça, na linguagem teológica; um fragmento de consciência não decaída, que subsiste no estado de inocência primal e é conhecido tecnicamente como synteresis. Freud deu muito mais realce ao Pecado Original que à Virtude Original. Ele estudou atentamente os ratos e os besouros negros, mas relutou em ver a luz interior. E, no entanto, existem inúmeras provas da existência da Virtude Original. O conhecimento de que existe um compartimento central da alma iluminado pela luz do amor e pela sabedoria divina tem se revelado no curso da história para multidões de seres humanos. J. P. F. Deleuze observa que possuímos ao mesmo tempo a tocha que nos fornece luz e a bússola que nos indica o caminho. "Essa tocha e essa bússola" – conclui – "estão sempre conosco, mas as preocupações do mundo, as paixões e, acima de tudo, o orgulho e o apego aos bens materiais nos impedem de perceber a

tocha e de consultar a bússola". A Verdade Fundamental pode ser formulada, de forma mais ou menos adequada, no vocabulário de todas as religiões. Na linguagem mais utilizada pela teologia cristã, podemos definir o progresso espiritual (ou a autotranscendência para cima) como resultante da união da alma com o Filho (quando nossa obra refletir um modelo de amor desinteressado) e com o Espírito Santo (quando, como consequência de atingirmos um alto grau de altruísmo, o incognoscível faz-se conhecer, através da intuição, de maneira óbvia). Portanto, a união com o Filho, através de obras, e a união com o Espírito Santo, através de benéficas inspirações, torna possível uma consciente e gloriosa união com o Pai.

Contudo, a autotranscendência libertadora é mais fácil de explicar do que de atingir. Na verdade, na maioria das vezes se faz a autotranscendência no sentido descendente, para um estágio inferior da personalidade, ou mesmo horizontalmente, para algo mais amplo que o ego, e no entanto não mais elevado. É desnecessário dizer que essas fugas para substitutos da Graça são, na melhor das hipóteses, insatisfatórias, e na pior, desastrosas.

**Dr. Jansen Rodrigues Ferreira (PR).**



**"A UNIÃO COM O FILHO ATRAVÉS DE OBRAS E A UNIÃO COM O ESPÍRITO SANTO ATRAVÉS DE BENÉFICAS INSPIRAÇÕES, TORNA POSSÍVEL UMA CONSCIENTE E GLORIOSA UNIÃO COM O PAI."**



# Cruzeiro tropeçou na alma

**A ansiedade é uma reação normal e necessária** ante um perigo real e objetivo. No caso dos atletas, a ameaça é a derrota e o fracasso. Todos os jogadores, de alguma forma, alternam-se emocionalmente em uma decisão, ainda mais quando se decide em casa, diante de um inevitável otimismo.

A ansiedade, até certos limites, é benéfica. Há uma maior produção de substâncias químicas e o jogador fica mais atento e mais vibrante.

Se a ansiedade for exagerada, o cérebro deixa de comandar o corpo, e os atletas passam a errar passes e finalizações. O nervosismo pode levar também à inibição, à perda da espontaneidade e da criatividade.

Foi o que aconteceu com o Cruzeiro. Todos sabiam que a partida seria difícil, mas não se esperava que o time jogasse tão mal.

Independentemente da qualidade dos adversários, outros clubes brasileiros tiveram a mesma dificuldade psicológica em decisões no Brasil.

Nelson Rodrigues, com seu delicioso exagero, dizia que quem ganha e perde partidas é a alma. O Cruzeiro correu, foi vibrante, mas confuso. Tropeçou na alma.

Evidentemente, não foi apenas por isso que perdeu. O

**"O CRUZEIRO PERDEU, TAMBÉM, POR NÃO TER CONTROLADO A ANSIEDADE DE DECIDIR UM TÍTULO IMPORTANTE EM CASA."**

Estudantes tem um bom time, um craque no meio-campo (Verón) e atuou com inteligência tática.

Cada atleta é de um jeito e reage de uma maneira diferente às emoções de uma partida im-

portante. É preciso separá-los para se ter uma abordagem emocional feita por um psicólogo em um trabalho a médio prazo. Mas a maioria dos clubes só gosta de palestras ocasionais, motivadoras, de autoajuda.

Existem jogadores que crescem na adversidade. São geralmente ambiciosos e perfeccionistas. Isso é fundamental para ser um craque. Outros se inibem quando são vaiados, criticados e enfrentam grandes dificuldades.

Há atletas mimados, que só jogam bem se forem destaques da equipe. Ao lado de jogadores melhores, como em uma seleção, se apagam. Outros preferem ser coadjuvantes. É mais fácil. São os obedientes e cumpridores dos esquemas táticos. Muitos técnicos adoram esses atletas.

Existem ainda os deslumbrados, narcisistas, que se acham melhores do que realmente são. Sentem-se perseguidos pela imprensa, que não daria a eles os elogios que acham que merecem.

Vi atletas calados, tímidos, que ficavam desinibidos e possessos dentro de campo. Vi também muitos falantes e brincalhões, que morriam de medo diante de uma maior responsabilidade.

São apenas alguns dos exemplos. O mais comum é o mesmo atleta possuir várias características, às vezes contraditórias. A alma humana tem muitos mistérios.

Não tenho também nenhuma pretensão de ser um analista comportamental. Sou apenas um curioso, um psicólogo de botequim.

Além do talento, o atleta ideal seria o que jogasse com muita garra, sem perder o controle das emoções; que fosse seguro, confiante, sem perder a autocrítica; e ambicioso, sem perder a consciência de que a força coletiva é essencial para o sucesso individual.

Esse super-homem não existe. Somos todos, uns mais, outros menos, frágeis, incompletos e dependentes da atenção, do carinho e da aprovação do outro.

**Dr. Eduardo Gonçalves de Andrade,**  
*o Tostão (MG), Folha de S. Paulo.*

# Dra. Maria, a artrite reumatoide e algumas dúvidas

Este texto é sobre as dúvidas de Maria, uma médica recém-formada que se encontra trabalhando num programa de PSF na periferia. Naturalmente que, quando se é jovem, as dúvidas são muitas. Não que elas não apareçam quando mais velho, só que então elas assumem características diferentes. Mas, filosofia à parte, numa bela tarde de verão, Maria estava atendendo suas consultas quando apareceu D. Rute, de 54 anos, casada, com queixas de dores nas mãos de início havia três semanas.

Maria interessou-se pelo caso. Afinal, sua avó também vivia se queixando de dores nas mãos, mas a sua avó tinha osteoartrite "das boas", com nódulos de Heberden, de Bouchard, RX clássico e tudo. Mas as dores de D. Rute não eram como as de sua avó. Eram noturnas e amanhecia com as mãos "amarradas". Hum!... pensou Maria consigo mesma. Dor noturna e rigidez matinal são sinais de um processo articular inflamatório. Isto pode ser uma artrite reumatoide. Oba, oba! Vou fazer o meu primeiro diagnóstico de artrite reumatoide.

Maria examinou cuidadosamente D. Rute. Não achou artrites evidentes embora várias metacarpofalangianas estivessem doloridas. Não achou nódulos, não achou deformidades... nem um pescocinho de ganso... Ora, bolas! Que decepção! Então não é artrite reumatoide. E eu que pensei que iria fazer "aquele diagnóstico"! Epa! estava esquecendo! Para fazer diagnóstico de AR eu não preciso de deformidades, eu preciso dos famosos critérios diagnósticos do Colégio Americano de Reumatologia...Quais eram mesmos? E recitou para si mesma:

1. artrite de três ou mais articulações (vistas pelo médico e com envolvimento simultâneo);
2. artrite de juntas da mão (punho e/ou metacarpofalangianas);
3. artrite simétrica;
4. rigidez matinal;
5. presença do fator reumatoide;
6. nódulos reumatoides;



7. alterações radiológicas sugestivas da AR.

Os critérios de 1 a 4 devem ter uma duração mínima de seis semanas. Diz-se que um paciente tem artrite reumatoide quando satisfaz 4 dos 7 critérios.

Que boba eu sou, pensou Maria. Isto não pode ser AR. D. Rute tem dores nas mãos mas não vejo artrite. Está certo que as queixas são simétricas e tem rigidez matinal. Mas acho que não pode ser AR, não... Nem tem 6 semanas de queixas. Mas, bem, uma hora a doença tem que começar, não tem? E se for uma AR muito precoce, tão precoce que eu não consiga preencher os critérios? Seria ótimo pedir aquele teste. Como era mesmo? Ah! O anti-CCP ou antipeptídeo cíclico citrulinado. Dizem que ele tem 95%-98% de especificidade e 70-80% de sensibilidade. Mas num posto de saúde de periferia, nem pensar! E ficou pensando, pensando. Eu bem que poderia dar um anti-inflamatório e mandar D. Rute voltar em alguns meses. É! Acho que é isso que vou fazer.

Mas alguma coisa estava incomodando Dr<sup>a</sup>. Maria. Acho que era o fato de ela ter assistido uma palestra na qual havia sido enfatizada a gravidade da artrite reumatoide. "Artrite reumatoide deforma, diminui a qualidade de vida, diminui a capacidade laboral. Artrite reumatoide

de diminui a sobrevivência de seu portador porque favorece infecções, acelera a aterosclerose predispondo a infarto, AVCs etc. É necessário fazer diagnóstico precoce e iniciar tratamento antes das consequências. A doença tem um período inicial em que, sendo reconhecida e tratada, pode remitir, ou pelo menos exigir menos medicações no futuro porque a etiopatogenia da artrite reumatoide, nos primeiros três meses, parece ser diferente daquela da doença já estabelecida". É mesmo, lembrou Maria: tem a história desses primeiros meses, a tal janela de oportunidade. E se for AR e eu perder a janela de oportunidade?

D. Rute – disse Dr<sup>a</sup>. Maria – preciso fazer um pequeno estudo do seu caso e gostaria que a senhora voltasse aqui em uma semana. Vou pedir uns exames de sangue (proteína C reativa e fator reumatoide) e peço que até lá a senhora tome uns comprimidos para dor, desta receita(...). E garantiu uma receita de paracetamol.

Dr<sup>a</sup>. Maria não sabia se D. Rute tinha artrite reumatoide ou não, mas sabia o que fazer. Quando a gente não sabe alguma coisa, ou a gente procura quem sabe ou procura nos livros. Naquela noite, antes de dormir, Maria foi até a internet e digitou: <http://highwire.stanford.edu/>. A seguir pesquisou: como fazer um diagnóstico precoce de artrite reumatoide. E descobriu que existem sinais de alerta que sugerem que uma artrite indiferenciada qualquer pode ser início de artrite reumatoide. Descobriu que existe um algoritmo como o abaixo que ajuda nessa discriminação. Neste algoritmo, quem fica com menos do que três pontos não irá desenvolver artrite reumatoide, ao passo que, se obtiver mais do que 6,51, deve ser encaminhado ao reumatologista porque as chances são altas (Risco relativo de 3,0).

"Ah, é isto! Vou esperar o resultado da PCR e do FR e calcular o risco com ajuda desta tabelinha", pensou ela, já recortando a tabela do artigo e colocando-a no bolso. "E se der alto, encaminhado para a reumatologia. Mas, pelos dados que já tenho, acho que fiz meu primeiro diagnóstico de artrite reumatoide. E não era nem uma AR qualquer... era uma AR precoce", raciocinou orgulhosa de si mesma. E foi dormir satisfeita!

Você quer ler o artigo que a Dra Maria leu? Procure Dra. Thelma L. Skare (PR). 77(10): 1451-3.

VARIÁVEL	PONTOS	SOMATÓRIO
Idade em anos	x 0,02	
Sexo feminino	1 ponto	
<b>Distribuição das articulações envolvidas</b>		
Pequenas articulações da mão	0,5	
Simetria	0,5	
Membros superiores	1	
Em membros superiores e inferiores	1,5	
<b>Rigidez matinal na escala visual de 0 – 100</b>		
Entre 20 e 90	1	
Acima de 90	2	
<b>Número de articulações doloridas</b>		
4 a 10	0,5	
Mais que 11	1	
<b>Número de articulações inchadas</b>		
4 a 10	0,5	
Mais que 11	1	
<b>Valor de proteína C reativa</b>		
De 5 a 50 mg/L	0,5	
Acima de 51mg/L	1	
Fator reumatóide +	1	
Anti CCP +	2	
Escore de 0-14. Quanto mais alto maior a chance de ser AR.		

## PALAVRAS DE GÊNIO

Ao se apresentar, em Berlim, para uma plateia de quatro pessoas num cabaré disse: "Sou ator de teatro e cinema, escrevo contos, programas de rádio e televisão, dirijo filmes e peças, sou ventríloquo, ilusionista e mágico. Pena eu ser tantos e vocês tão poucos. Meu nome é Orson Welles". A modéstia, e muito menos a falsa modéstia, não faziam parte de seu repertório.

# Verdades em Medicina Intensiva

Nem todo paciente normotenso está bem perfundido; sempre temos que ter algum marcador de perfusão além do marcador de pressão.

Paciente chocado, em uso de drogas vasoativas, deve estar monitorizado com PAM intra-arterial, de preferência pela artéria radial.

Drogas vasoativas devem ser administradas preferencialmente em acesso venoso central e em lúmen exclusivo.

Coletar hemocultura e cultura específica do foco suspeito de infecção antes de iniciar antibioticoterapia.

Em sépsis severa iniciar antibioticoterapia na primeira hora após o diagnóstico.

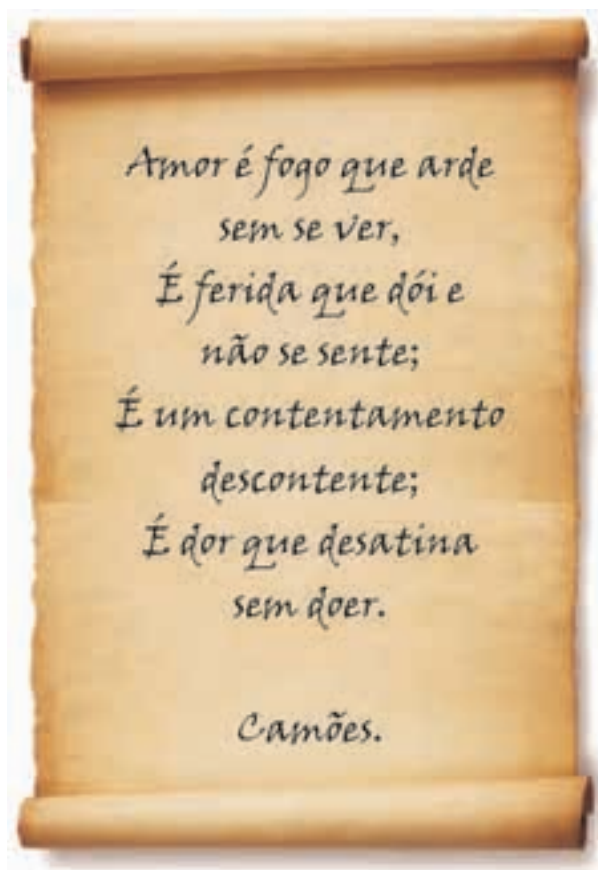
Antes de iniciar diurético no paciente crítico, atentar para os marcadores de perfusão. Muitas vezes o paciente está edemaciado sem que o intravascular esteja preenchido.

Albumina via parenteral para nutrir o paciente não se mostrou eficaz nos últimos trabalhos.

Drogas vasoativas não devem ser feitas como receita de bolo. Tem-se que individualizar a necessidade do paciente conforme os parâmetros que devemos atingir.

Em UTI, o paciente bem monitorizado tem maior chance de ter suas instabilidades percebidas e tratadas.

A ventilação mecânica deve servir de ponte para o paciente até que a enfermidade esteja resolvida, mas ventilação inadequada compromete o tratamento e provoca outras complicações.



Complicações em procedimentos invasivos em UTI, como pneumotórax em punções centrais, sangramentos ou dificuldades em intubações etc, devem ser encarados com naturalidade, desde que os acidentes sejam levantados e monitorizados conforme os valores estatísticos considerados adequados dentro do serviço.

A determinação de suporte avançado de vida ao paciente de UTI deve ser realizado desde que feito com equipe multiprofissional, respeito ao paciente e em acordo com os familiares.

Equipe multiprofissional funcionando coesa e atuando diariamente em UTI melhora os marcadores da instituição.

**Dr. Paulo Baptista de Queiroz Junior (PR).**

# Memes

Endocardite fúngica ocorre comumente em cenário clínico de dependência a drogas endovenosas, antibioticoterapia endovenosa prolongada, imunossupressão e depois de cirurgia cardíaca.

A endocardite fúngica é uma indicação absoluta para troca valvar. Anfotericina B deve ser administrada por no mínimo seis semanas, com seguimento clínico estreito para possível recorrência.

A principal complicação são embolias com obstrução de artérias médias ou grandes. Não esqueça que a maioria das vegetações micóticas valvares têm dois centímetros, facilmente visibilizadas pela ecocardiografia.

Transtornos alimentares e depressão coexistem frequentemente. Fique de olho em ideação suicida; é sua principal causa de morte.

Indicações de hospitalização em transtornos alimentares: complicações cardíacas (bloqueios; arritmias), rápido emagrecimento, intensa ideação suicida e falha no tratamento ambulatorial.

Na anorexia nervosa está presente uma forte distorção da imagem corporal. Mesmo quando há baixo peso, a paciente acredita estar com excesso de peso.

No curso da vida a prevalência da colelitíase é de aproximadamente 30% nas mulheres e 15% nos homens, a maioria permanecendo assintomáticos. O tratamento deve ser direcionado aos 25% que desenvolvem sintomas.

É difícil clinicamente diferenciar cólica biliar de colecistite; esta última requer hospitalização.

A ultrassonografia é a ferramenta isolada mais útil na avaliação do trato biliar. É eficaz na exclusão de doença biliar ao não mostrar cálculos, e provê informações para distinguir cólica biliar de colecistite.

Se no paciente que foi atirado você não encontrar a bala no local previsto, procure-a com o auxílio de radiografias. Sintomas não usuais a distância do local de entrada devem sugerir embolismo do projétil.

A embolia pulmonar aguda é um diagnóstico difícil; pense embolicamente em todo o paciente que tiver dispnéia ou taquicardia abrupta e inexplicadas. Os dados *post-mortem* mostram ausência de diagnóstico em 50% dos casos. Na suspeita: a) O D-dímero é um teste de triagem eficaz; b) a TC de tórax ajuda a detectar maioria das embolias; c) ecodoppler venoso dos membros inferiores negativo não exclui o diagnóstico de embolia pulmonar

Solução histérico (conversivo) acomete mulheres jovens, pode durar semanas e tem uma frequência média de duas a três vezes por minuto. Cessa durante o sono e aumenta durante as refeições.

Quando numa pancreatite aguda o nível de amilase sérica se mantiver elevado depois de cinco dias, pense em extensão do processo inflamatório ou em complicações (abscesso ou necrose pancreática; pseudocisto ou obstrução do canal pancreático).

Síndrome nefrótico que se inicia no geronto deve levar à exclusão de neoplasia maligna.

Paciente com poliartralgias simétricas parecendo Artrite

Reumatoide, deve ser investigado para hepatite C. Principalmente se tiver presença de fator reumatoide em título baixo. As crioglobulinas que podem se associar à hepatite podem dar fator reumatoide falsamente positivo.

Não esqueça de verificar em paciente hipertenso que desenvolve tosse seca ou angioedema se está tomando inibidor da ECA ou BRA.

A tríade dispneia, dor pleurítica e hemoptise deve levar à consideração clínica embolia pulmonar com infarto de pulmão. Se a mesma tríade estiver associada a neutropenia, não hesite: investigue também aspergilose invasiva.

Edema pulmonar súbito deve levar em consideração o diagnóstico de estenose de artéria renal.

Derrame pleural com mais de 10% de células mesoteliais torna improvável o diagnóstico de tuberculose.

O famoso padrão eletrocardiográfico S1Q3T3 é incomum no tromboembolismo pulmonar agudo. Dois achados frequentes são: taquicardia sinusal e inversão de onda T em

derivações precordiais anteroseptais.

Em paciente hipertenso que tenha psoríase, o tratamento com inibidores da ECA ou betabloqueadores pode resultar em agravamento da dermatose.

Paciente com cabelo liso e acne, em uso de retinoide (isotretinoína), que aparecer espontaneamente com cabelo crespo e cacheado, o mais provável é ser paraefeito da droga.

Sabe o que é síndrome "Uma mão – dois pés"? Em paciente que tenha eritema e descamação em uma região palmar, examine ambos os pés. Se tiver o mesmo achado nos dois pés, padrão mocassim, está com a síndrome. É uma infecção por fungo *Trichophyton rubrum*. Tinea manuum unilateral e pedis bilateral.

Suspeite de embolismo por projétil nas seguintes condições: a) lesão de saída do projétil não encontrada; b) não visibilização da bala nas radiografias; c) bala em local estranho ou em novo lugar; d) bala que "desapareceu"; e) corpo estranho mutável na radiografia da silhueta cardíaca; f) perda de pulsos periféricos.

## Charles Baudelaire

**A geração que contou com os quatro mestres** que se chamavam os Tetrarcas – Thophile Gautier (1811-1872), Charles Marie Leconte de Lisle (1818-1894), Théodore de Banville (1823-1891) e Baudelaire) – teve em Baudelaire "seu altíssimo poeta, aquele que viveu, sentiu e exprimiu vigorosamente, tragicamente, seu tempo" <sup>(1,2)</sup>.

Charles-Pierre Baudelaire nasceu em Paris no dia 9 de abril de 1821. Seu pai chamava-se François Baudelaire e tinha 62 anos de idade por ocasião do casamento; sua mãe, Caroline Archimbaut-Dufays, somente 28. Em fevereiro de 1827, portanto quando o menino estava com seis para sete anos, François morreu. Caroline não es-

perou muito para as segundas núpcias: casou-se com o coronel Jacques Aupick, um brilhante oficial, em 1828. Como acontece habitualmente com os militares, o coronel foi transferido, em 1832, com a família, para Lyon. No ano seguinte, Baudelaire é matriculado, como aluno interno, no Collège Royal de Lyon. Em 1836, nova mudança, desta vez para Paris, em virtude de Aupick ter sido nomeado para o Estado Maior do Exército. Charles estava com quinze anos e ingressou no Colégio Louis le Grand, onde teve bom desempenho, tanto que se classificou em segundo lugar no exame final do ano e obteve, também, o segundo prêmio em concurso de versos latinos. Em



1838, o casal viajou com o filho para os Pirineus, momento em que Baudelaire escreveu o poema *Incompatibilité* (Incompatibilidade), revelador de suas discordâncias com seus pais. O temperamento de Baudelaire fez com que fosse expulso, em 1839, do colégio Louis le Grand, em virtude de se ter negado a mostrar um bilhete que lhe foi entregue por um colega. Apesar desse incidente, conseguiu, nesse mesmo ano, tornar-se bacharel, quando seu padraсто foi também promovido a General de Brigada. O comportamento de Baudelaire era muito independente. Frequentemente provocava o padraсто, defendendo posições que para ele eram um verdadeiro insulto. Certa vez, em um jantar de gala, o general chamou, ostensivamente, a atenção do filho na frente de todos os presentes, em virtude de um comentário que ele havia feito e que considerou impróprio. O jovem sentiu-se humilhado

**"O COMPORTAMENTO DE BAUDELAIRE ERA MUITO INDEPENDENTE. FREQUENTEMENTE PROVOCAVA O PADRASTO, DEFENDENDO POSIÇÕES QUE PARA ELE ERAM UM VERDADEIRO INSULTO."**

em meio a um tumulto generalizado. Em 1840, Baudelaire foi viver na pensão Lévêque et Bailly. Foi nessa pensão que fez amizade com os poetas Gustave Vavasseur (1819-1896) e Ernest Prarond (1821-

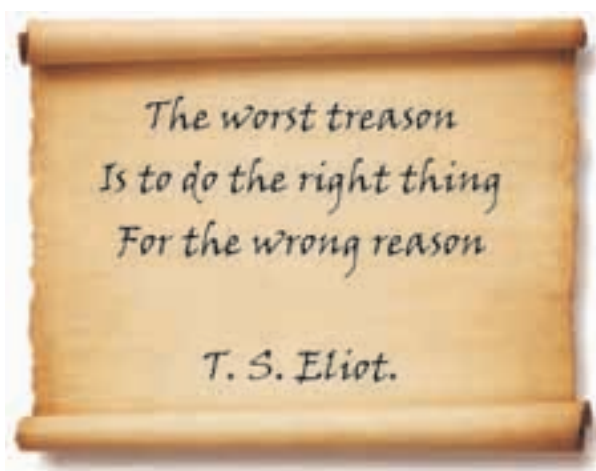
e, pálido de raiva, disse: "Senhor, Vossa Senhoria feriu-me profundamente. Isso tem de ser reparado e vou ter a honra de estrangulá-lo". Baudelaire foi esbofetado, como resposta, e teve um verdadeiro

1909). Em 1841, o general e a família obrigam Charles, por causa de suas atitudes e para livrá-lo "da perdição das ruas de Paris", a fazer uma viagem para Calcutá, partindo de Bordeaux no navio *Paquebot-des-mers-du-sud*. O General Aupick recebeu, entretanto, uma carta do comandante do navio dizendo que o jovem recusou-se a prosseguir viagem, permanecendo na Ilha Maurícia. Embarcou depois em Réunion (Reunião), uma ilha do Oceano Índico, localizada a este de Madagascar, no navio *Alcide* para regressar à sua pátria, via Cidade do Cabo. Em fevereiro de 1842, Baudelaire desembarcou em Bordeaux, já na maioridade. À sua disposição estava uma herança de aproximadamente 75 mil francos deixada por seu pai, herança que ele começou a esbanjar rapidamente. Passou a morar na Ilha de Saint-Louis, em Paris. É dessa época sua amizade com o fotógrafo parisiense Félix Tournachon, conhecido como Nadar (1820-1910), que se tornou famoso por fotografar personalidades da política e da cultura, além de ter sido o autor das primeiras fotos aéreas. Em 1843, mudou-se para o Hotel Pimodan, tendo oportunidade de reencontrar o poeta francês, ligado ao romantismo, Théophile Gautier (1811-1872). Foi nesse local que Baudelaire participou do famoso *Club des Haschischins*, que o inspirou a escrever a primeira parte da obra *Paraisos Artificiais*, cujas reuniões serviam para cultivar os prazeres proporcionados pelo haxixe. O General Jacques Aupick e D. Caroline, vendo o comportamento de seu filho – que já gastara em dois anos quase a metade da herança que recebera –, resolveram interditar-lo judicialmente, impedindo-o de movimentar seu patrimônio. Foi nomeado o notário Narcisse Ancelle como administrador de seus bens, com o qual Baudelaire teve frequentes atritos, chegando mesmo a informá-lo, em 1845, do seu desejo de suicidar-se. Chegou a ferir-se com uma faca, sem maiores conseqüências. Foi nesse ano que rompeu definitivamente com o padraсто. O General Aupick foi designado, em 1846, para exercer importante cargo do governo em Constantinopla; em 1851, nomeado embaixador em Madri e; em 1853, senador, vindo a falecer no dia 28 de abril de 1857. Depois da morte do general, D. Caroline

retirou-se para Honfleur, praia perto de Deauville, que fora comprada pelo marido, onde permanecia por longos períodos. Baudelaire passou algumas épocas com a mãe nessa casa <sup>(2-9)</sup>.

Em 1861, Baudelaire candidatou-se à Academia de Letras, mas foi aconselhado por Charles Augustin Sainte-Beuve (1804-1869), poeta e escritor francês ligado ao romantismo, a declinar desse desejo por causa da oposição que lhe faziam, sendo atendido. Em 1864, agastado com os intelectuais franceses e assediado pelos conservadores, resolveu viajar para a Bélgica, onde supunha que seria melhor compreendido. Fez cinco conferências em Bruxelas versando sobre a vida e obra de Théophile Gautier (1811-1872), poeta francês romântico, Eugène Delacroix (1798-1863), pintor francês líder da escola romântica, e outras importantes figuras, mas a repercussão foi muito discreta, causando-lhe grande decepção. Entre 1864 e 1865, escreveu contundentes panfletos e poemas (*Amoenitates belgicae*, *Pobre Bélgica*) sobre o país, como uma forma de reação <sup>(3-9)</sup>.

A vida amorosa de Baudelaire foi tumultuada. Começou quando conheceu, em 1842 - após voltar de sua viagem cujo destino seria Calcutá - a mulata Jeanne Duval, que atuava no teatro de Porte St. Antoine. Mas, desde o início, as relações entre ambos não pareciam sólidas, pois, em carta de 1848 à sua mãe, disse que amava Jeanne "apenas por dever, mais nada". Em 1850, Baudelaire foi apresentado por Théophile Gautier, a Apollonie Sabatier (1822-1889), cortesã francesa e musa de artistas e boêmios de Paris, por quem veio a nutrir grande paixão. Suas relações com Jeanne ficaram cada vez mais tensas, tanto que, em 1852, queria separar-se dela, mas não o fez. A partir de 1852, começou a enviar cartas, sempre anônimas, a Sabatier, incluindo, junto à primeira, o poema *Á que é muito alegre*, dizendo-lhe que "Os sentimentos profundos têm um pudor que não deve ser violado". No ano seguinte, carta acompanhada das poesias *Reversibilidade* e *Confissão*. Em 1854, novas missivas seguiram com os poemas *O archote vivo*, *A aurora espiritual* e o soneto *XLII*. Nesse momento, Baudelaire vive um sentimento de



dúvida entre a antiga amizade com Jeanne e sua adoração por Sabatier. Nem por isto deixou de ter uma paixão nova, agora pela atriz Marie Daubrun, nascida em 1827, paixão que durou de 1855 a 1860, até que ela adoeceu e morreu. Baudelaire continua mantendo ligação instável com Jeanne e, em carta à sua mãe, em 1856, afirma ter acabado definitivamente sua relação com essa moça. Por causa da polêmica causada pelo lançamento de *As Flores do Mal*, Baudelaire desfez, em carta de 1857, o anonimato que mantinha com Sabatier para pedir-lhe que o ajudasse junto ao tribunal. Nesse ano, Sabatier demonstra corresponder à paixão de Baudelaire, mas ele não deu prosseguimento à relação. Este episódio, entretanto, não rompeu a amizade entre ambos (Sabatier morreria em Neully, em 1890). Em 1858, Baudelaire voltou a unir-se a Jeanne, mas no ano seguinte ela teve uma paralisia cerebral, internando-se na Casa de Saúde Dubois, sendo vista, alguns anos depois, pelo fotógrafo Nadar, arrastando-se, penosamente, pelas ruas de Paris <sup>(3-9)</sup>.

Baudelaire teve uma influência preponderante na história da literatura francesa. Criou a poesia moderna <sup>(1-4)</sup>. "Mágico das palavras, purificou a inspiração lírica, deu-lhe profundidade, enriqueceu-a e abriu novos horizontes ao pensamento" <sup>(4)</sup>. Iniciou cedo sua produção literária. Aos dezessete anos compôs *Incompatibilité*

"A PUBLICAÇÃO DE *LES FLEURS DU MAL* É UM MOMENTO FUNDAMENTAL NA VIDA DE BAUDELAIRE. APESAR DE SER UMA OBRA-PRIMA, ESSE LIVRO CRIOU SÉRIOS PROBLEMAS PARA O GENIAL POETA."



(Incompatibilidade), um bom exemplo de como, em seus primeiros poemas, construía sonhos. Em 1843, estreou em uma coletânea literária denominada *Vers* (Verso).

No ano seguinte colabora, anonimamente ou usando

"AS FLORES DO MAL FORAM DEDICADAS AO POETA IMPECÁVEL THÉOPHILE GAUTIER. O TÍTULO INICIALMENTE ESCOLHIDO POR BAUDELAIRE PARA A OBRA FOI LIMBOS QUE TERIA MARCADO BEM MELHOR O CARÁTER CATÓLICO DO POEMA, MAS PARECE QUE ELE FOI INFLUENCIADO POR LIVREIROS PARA MUDÁ-LO POR UM QUE FOSSE MAIS PÚBLICO."

pseudônimo, em diversos periódicos de Paris. Em 1845, sob o pseudônimo de Baudelaire-Dufays, publica *Salon*. Nesse mesmo ano, a revista *L'Artiste* apresenta seu soneto *À une dame créole* (A uma senhora crioula), inspirado em Mme. De Bragard, que conheceu quando de sua estada na Ilha Maurícia. Em 1846, saem, ainda sob o mesmo pseudônimo, em diferentes publicações pa-

risienses, alguns de seus ensaios sobre acontecimentos artísticos e poemas. Em 1848, passa a dirigir o jornal *Le Salut Public*, que teve vida curta, não passou de dois números. Ainda nesse ano, torna-se secretário de redação do jornal republicano moderado *La Tribune Nationale* e inicia a tradução de obras de Edgar Allan Poe. Baudelaire continuou publicando continuamente: o poema em prosa *Du Vin et du Haschich* (1851), embrião do futuro *Paraísos Artificiais* (8), na revista *Messenger de l'Assemblée*, onde saem, também, onze poemas (*Les Limbes*); *Edgar Allan Poe: sua vida e sua obra* (*Revue de Paris*, 1852); a tradução de *O Corvo de Poe* (*L'Artiste*, 1853); dezoito poemas que aparecem pela primeira vez sob o título de *As Flores do Mal* (*Revue des Deux Mondes*, 1855); tradução das *Histórias Extraordinárias de Edgar Allan Poe* (1856); tradução de *Novas Histórias Extraordinárias de Poe* (1857); lançamento do livro *Les Fleurs du Mal* (As Flores do Mal) (1857) que, como veremos, trouxe grandes problemas para o Autor; primeira parte dos *Paraísos Artificiais*, *le Haschisch*, na *Revue Contemporaine* (1858); *Un mangeur d'opium*, segunda parte de *Paraísos Artificiais* (*Revue Contemporaine*, 1860); segunda edição de *Les Fleurs du Mal* (1861); onze poemas em prosa (La Re-

vue Fantaisiste, 1861); vinte poemas em prosa (*La Presse*, 1862); seis poemas sob o título de *Spleen de Paris* (*Le Figaro*, 1864); quinze poemas intitulados "Novas Flores do Mal" (*Parnasse Contemporain*, 1866); em 1867, ano de sua morte, a *Revue Nationale* estampa seus últimos poemas em prosa. A sua obra contém também críticas e ensaios literários<sup>(3)</sup>.

Entre os poemas mais consagrados de Baudelaire estão alguns que figuram de antologias dedicadas à poesia francesa: *Correspondances* (Correspondências), *Les chats* (Os gatos), *La cloche fêlée* (O sino rachado), *Les aveugles* (Os cegos), *Harmonie du soir* (Harmonia do entardecer), *Recueillement* (Recolhimento), *Spleen* (spleen), *Les petites vieilles* (As velhinhas) (10).

A publicação de *Les Fleurs du Mal* (As Flores do Mal) em 25 de junho de 1857, sendo o editor Poulet-Malassis, é um momento fundamental na vida de Baudelaire. Apesar de ser uma obra-prima, esse livro criou sérios problemas para o genial poeta. Logo no mês seguinte ao seu lançamento, o jornalista e crítico literário Gustave Bourdin fez contundente análise da obra, classificando-a como imoral. Foi instalado, possivelmente como consequência desse artigo, um processo contra o poeta e o poema. Baudelaire escreveu ao editor comunicando a apreensão dos livros que estavam sendo vendidos em Paris e pedindo que ele salvasse os que ainda não tinham sido distribuídos, escondendo-os. O promotor do caso, Ernest Pinard, era o mesmo que atuara no processo contra Gustave Flaubert (1821-1880), relacionado ao livro *Madame Bovary*. Baudelaire e seu editor foram condenados por atentado contra a moral e bons costumes. Pela sentença, o texto foi mutilado em vários versos e seis poemas foram suprimidos. Essa sentença só foi reformada em 1949. Alguns importantes escritores, como Victor Hugo (1802-1885), solidarizaram-se com Baudelaire<sup>(3,9)</sup>.

*As Flores do Mal* foram dedicadas "ao Poeta Impecável" Théophile Gautier (11). O título inicialmente escolhido por Baudelaire para a obra foi *Limbos*, que teria marcado bem melhor o caráter católico do poema", mas parece que ele foi influenciado por livreiros para mudá-lo

por um que fosse mais "público" <sup>(1)</sup>. O poema divide-se em seis partes, começando com *Ao leitor*, seguem-se *Spleen e ideal*, *Quadros parisienses*, *O vinho*, *Flores do mal*, *Revolta*, *A morte*. Em edição póstuma, foram acrescentados *XXIV poemas*. No dizer de Baudelaire: "Neste livro atroz, pus todo o meu pensamento, todo o meu coração, toda minha religião (travestida), todo o meu ódio" <sup>(11)</sup>.

A doença de Charles Baudelaire deve ser analisada sob vários aspectos. Na juventude foi contaminado pela sífilis, o que o teria levado ao consumo de éter e ópio <sup>(5)</sup>; posteriormente desenvolveu quadro de neuro-sífilis. Em carta à sua mãe, escreveu: "Não é necessário ser pudico com você. Você sabe que quando eu era jovem sofri de uma doença perniciosa, de que pensei estar curado posteriormente. Em Dijon, depois de 1848, irrompeu novamente. Foi controlada, mas agora está voltando... Talvez, na profundidade da tristeza em que estou mergulhado, o meu próprio terror exacerbe a doença. Mas eu preciso de uma dieta rigorosa, e naturalmente não é vivendo da maneira como vivo que posso adotar tal regime" <sup>(4)</sup>.

Por volta de 1860, apresentou discretas perturbações cerebrais e teve pensamentos de suicídio que dizia ser "o ato que considero como o mais razoável da vida". Em 1862, descreveu um problema que o atormentou: "Hoje, dia 23 de janeiro de 1862, sofri um singular aviso, senti roçar por mim o vento da asa da imbecilidade". Em 1865, há sinais de agravamento de sua doença, sofrendo de nevralgias, perturbações digestivas e "mal-estar cerebral" <sup>(9)</sup>. Em 1866, revela, em cartas à sua mãe, que está com sérias perturbações da saúde. Nesse mesmo ano, no mês de março, sofreu um mal súbito, quando estava na Bélgica, na Igreja de St. Loup, na cidade de Namur, sendo auxiliado por Poulet-Malassis e Félician Roja que o acompanhavam. Surgiram, então, os primeiros sinais clássicos de acidente vascular cerebral. Em 30 de março, já em Bruxelas, fica hemiplégico, não podendo mais falar ou escrever. Em 2 de julho, acompanhado pela mãe e pelo pintor inglês Arthur Stevens, é levado de volta por trem para Paris, afásico, porém lúcido. Foi internado na Casa de Saúde do Doutor Duval, onde recebeu a visita



de grandes figuras da poesia francesa. Lá permaneceu até falecer, no dia 31 de agosto de 1867, aos 46 anos, nos braços de sua mãe, possivelmente tendo recebido os últimos sacramentos. Foi sepultado no dia 2 de setembro no Cemitério de Montparnasse, ao lado do padrasto. Dona Caroline Aupick morreu em 1871, sendo enterrada no mesmo cemitério <sup>(3,9)</sup>.

A neurose de que sofria Baudelaire não se apresentava nele com seus sinais clássicos, mas se manifestava através de atitudes antissociais e compulsivas e necessidade de castigo. Essas reações têm como finalidade a autopunição e podem depender da existência de uma doença que o paciente considere vergonhosa aos próprios olhos e aos do público. No caso de Baudelaire, a sífilis pode ter sido a razão de seu comportamento. É sua a declaração: "Moral e fisicamente sempre tive a sensação de enfrentar um abismo imenso... alimentava a minha histeria com profundo deleite e máximo terror" <sup>(4)</sup>. Sua neurose evoluiu de forma variável: na juventude era o extremo tédio e a falta de um amigo íntimo.

As dificuldades de convivência com seu padrasto foram substituídas, quando deixou o lar, por dificuldades com sua amante Jeanne Duval, com o notário Narcisse Ancelle e seus credores <sup>(4)</sup>.

**"A NEUROSE DE QUE SOFRIA BAUDELAIRE NÃO SE APRESENTAVA NELE COM SEUS SINAIS CLÁSSICOS, MAS SE MANIFESTAVA ATRAVÉS DE ATITUDES ANTISSOCIAIS E COMPULSIVAS E NECESSIDADE DE CASTIGO."**

Baudelaire tinha um problema de inibição sexual que culminou com impotência quando estava com 35 anos de idade. Seu relacionamento com Apollonie Sabatier – que ele considerava sua rainha e venerava de longe – terminou quando, depois que ele quebrou o anonimato das cartas que lhe enviava, ela se ofereceu para uma relação mais íntima e recebeu como resposta: "Há alguns dias, eras uma divindade, o que é tão cômodo, tão belo, tão inviolável. Agora, eis-te uma mulher". Deste episódio restou somente uma amizade<sup>(3,4,9)</sup>.

A neurose de Baudelaire também teria como componente o complexo de Édipo ("sensação intensa de dependência afetiva para com a própria mãe, rejeitando, também de modo intenso, o pai, sem o saber"). Ele reprimiu seu grande amor pela mãe substituindo-o por manifestações afetivas equivalentes. Reagiu sempre a esse com-

portamento com sentimento de culpa e necessidade de castigar-se. Em um de seus sonetos mais festejados, *La Géante* (A Giganta), que consta de *As Flores do Mal*, está demonstrado, segundo alguns, nitidamente esse complexo: "Percorrer devagar os seus flancos vermelhos;/ A vertente subir dos seus enormes joelhos,/ E às vezes, ao verão, na hora em que o sol exangue/ Faz que ela se espreguice através da campina,/ Adormecer à sombra do seu seio, languê,/ Como lugarejo ameno ao sopé de uma colina"<sup>(4,11,12)</sup>.

Masochismo, inibição sexual e complexo de Édipo estavam presentes em Baudelaire, ao lado da sífilis que contraiu quando jovem e que o deve ter levado à morte. É difícil definir com segurança o que representou a sífilis e o que representou a neurose em seu quadro patológico<sup>(4)</sup>.

**Dr. Hilton Seda (RJ).**

**Referências:** 1. Thibaudet A: *História da Literatura Francesa*, Livraria Martins Editora, São Paulo, 1951. / 2. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Larousse*, Editora Abril S/A, São Paulo, 2006. / 3. *Sumário Biográfico in Baudelaire C: Paraísos Artificiais, O haxixe, o ópio e o vinho*, L&PM Pocket, Porto Alegre, 2009. / 4. *Edições Roche, Clássicos da História e Medicina, Mauá, Rio de Janeiro*. / 5. Gaspar L: *Charles Baudelaire, biografia*. [www.truca.pt/ouro](http://www.truca.pt/ouro) (19.07.2009). / 6. Wikipédia, a Enciclopédia livre. / 7. [www.colegiosaofrancisco.com.br/alfa/charles-baudelaire.php](http://www.colegiosaofrancisco.com.br/alfa/charles-baudelaire.php) / 8. *Baudelaire C: Paraísos artificiais*, L&PM Pocket, Porto Alegre, 2009. / 9. *Cronologia Biográfica in Baudelaire C: As Flores do Mal*, Editora Martin Claret, São Paulo, 2007. / 10. *Veiga C: Antologia da Poesia Francesa (do século IX ao século XX)*, Editora Record, Rio de Janeiro, 1991. / 11. *Baudelaire C: As Flores do Mal*, Editora Martin Claret, São Paulo, 2007. / 12. *Costera O: Termos e Expressões da Prática Médica, Farmoquímica S/A, Rio de Janeiro, 2001*.

## DIÁLOGOS (IM)PERTINENTES

### ESPÍRITO DE EQUIPE

Contam que, na carpintaria, houve uma vez, uma estranha reunião. Foi uma reunião de ferramentas para tirar as suas diferenças.

O martelo exerceu a presidência, entretanto lhe foi notificado que teria que renunciar, pois fazia demasiadamente ruído. E, também, passava o tempo todo golpeando.

O martelo aceitou a sua culpa, mas pediu que também fosse expulso o parafuso.

Disse que ficava dando muitas voltas para fazer alguma coisa.

Diante do ataque, o parafuso aceitou também; mas, na sua vez, pediu a expulsão da lixa.

Fez ver que era muita áspera em seu tratamento e sempre criava atritos com os demais. A lixa estava de acordo, com a condição que também fosse expulso o metro, que sempre ficava medindo e avaliando os demais segundo sua opinião, como se fosse o único perfeito. Nisso entrou o carpinteiro, colocou o avental e iniciou seu trabalho. Utilizou o martelo, a lixa, o metro e o parafuso.

Finalmente a grossa madeira inicial se converteu em um lindo móvel.

Quando a carpintaria ficou novamente só, a reunião recomeçou. Disse o serrote: -- senhores, está demonstrado que todos temos defeitos, entretanto o carpinteiro trabalha com nossas qualidades. Isso é que nos faz valiosos. Assim, superemos nossos pontos negativos e vamos nos concentrar na utilidade dos nossos pontos positivos.

Todos concluíram então que o martelo era forte, o parafuso unia e dava força, a lixa era especial para afinar e limar a aspereza, e observaram que o metro era preciso e exato. Sentiram-se então uma equipe para PRODUZIR móveis de QUALIDADE.

Sentiram-se felizes com seus pontos fortes e por trabalharem juntos.

**Extraído de *Fazendo a Diferença* (Ed. Legrand)**

**Moral:** Quando as pessoas buscam pequenos defeitos nos demais, a situação se torna tensa e negativa. Ao tratar com sinceridade e ressaltar os pontos fortes, florescem os melhores resultados. É fácil encontrar defeitos, qualquer um pode fazê-lo, entretanto, encontrar qualidades é tarefa para quem tem nobreza de espírito, capaz de inspirar êxitos nas pessoas.

# Palazzo Del Bó - teatro anatômico

1088 – Em Bolonha – Gisoè Carducci inicia as atividades da *Alma Mater Studiorum*, que seguramente tornou-se a primeira Universidade em nosso mundo.

1222 – Na cidade de Padova, norte Itália é estruturada a *Gymnasium Omnium Disciplinarum*, que é o início da universidade Padovana, publicamente reconhecida, também como *Universa Universis Patavina Libertas*. Contribuiu também para isso o êxodo de professores e estudantes que se afastaram de Bolonha descontentes com a falta de liberdade acadêmica e a inobservância de privilégios garantidos a docentes e discentes.

Nesta fase inicial, a Universidade Patavina, no século XIII, foi mantida pela *Senhoria dos Carraresi* e, na sequência, por 4 séculos (XV a XVIII), pela República de Veneza.

Desde 1399 existiram como que duas universidades. A primeira, *Universitas Iuristarum*, onde eram prelecionados o direito canônico, o direito civil e teologia. A segunda era a *Universitas Artistarum*, onde se prelecionava medicina, filosofia, gramática, dialética, retórica e astronomia.

Dos anos 1400 e por três séculos consecutivos, nesta universidade é registrado um período de grande esplendor e desenvolvimento, assemelhando-se assim à Bolo-



nha, Paris, Oxford, Cambridge e Montpellier.

Houve nessa época um grande desenvolvimento das escolas de pensamentos filosóficos, bem como das grandes escolas de anatomia e medicina em todas as demais universidades do mundo.

As diferentes "escolas" em Padova que funcionavam em diversos "bairros", foram agregadas a partir de 1493 em um único local: o *Palazzo Del Bó*, situado no centro de Padova – via 8 de janeiro, nº. 2, que deverá ser um direcionamento a quem se propuser a visitar Padova.

O Palazzo Del Bó, que é a sede histórica da universidade Patavina (Padum-Pó do latim rio profundo), primeiramente foi cedido à comuna de Verona e, daí, à Universidade. Nos seus três andares é possível visitar diferentes salas e já no seu acesso se contempla a estátua de Elena Lucrezia Piscopia, que foi a primeira mulher no mundo que, em 1678, obteve a láurea em filosofia.

A origem do nome "Palazzo Bó" deveu-se à existência, na sua entrada, de uma escultura de "cabeça" de um boi, pois este edifício pertencera anteriormente a um açougueiro.

"A ORIGEM DO NOME PALAZZO BÓ DEVEU-SE À EXISTÊNCIA, NA SUA ENTRADA, DE UMA ESCULTURA DE CABEÇA DE UM BOI, POIS ESTE EDIFÍCIO PERTENCERA ANTERIORMENTE A UM AÇOUGUEIRO."



Uma sala muito interessante é a "sala dos 40" com a cátedra de Galileu Galilei, onde o mesmo lecionou por período de 18 anos (1520-1610).

No entanto, em área específica podemos visitar o primeiro teatro anatômico.

"NO FINAL DA AULA, OS CORPOS ERAM ATIRADOS A UM RIO QUE PASSAVA SOB O EDIFÍCIO POR UMA ABERTURA NA MESA ANATÔMICA. ESTES CURSOS SEMPRE ERAM REALIZADOS ENTRE NOVEMBRO E FEVEREIRO, ÉPOCA DE INVERNO, QUE PERMITIA UMA DECOMPOSIÇÃO MAIS RETARDADA DO CADÁVER."

Era hábito desde 1583 construir, para cada curso de anatomia, um novo teatro anatômico que propiciasse as disseções anatômicas.

Em 1543, Andrea Vesalio, que se laureara em Padova em 1537, publica *De Humani Corporis Fabrica* e, posteriormente, foi sucedido na cáte-

dra de Anatomia por Realdo Colombo, Gabriele Falópio (1551) e Girolamo Fabrici D'Acquapendente.

Foi Girolamo D'Acquapendente que às suas expensas, fez construir o primeiro teatro anatômico permanente, que tem a forma de um cone invertido e contém seis fileiras concêntricas que se abrem superiormente. O mesmo tem capacidade de 300 lugares e, pela altura superior, permitia deste modo uma ampla observação da mesa anatômica. Esta, era situada no piso de base, sendo iluminada até 1844 por dois castiçais e por oito velas, que eram seguradas pelos alunos sentados concêntricamente.

Inicialmente, as aulas de Anatomia deveriam ser pagas pelos alunos, mas conforme decreto do Sereníssimo Doge Marino Grimani de Veneza (em 24/09/1596), as



sessões tornaram-se gratuitas.

Também existiam "auxiliares" do curso: dois estudantes eleitos para ajudar os professores e que eram os responsáveis pela distribuição dos lugares, descobrir e arrumar os "cadáveres" e acompanhar as pessoas de maior projeção que estivessem presentes. Estes dois estudantes já deveriam ter cursado por dois anos o curso de medicina.

No centro da mesa anatômica era disposto o cadáver, que estava sempre coberto por um pano negro e a sua cabeça deveria permanecer coberta durante a disseção.

No final da aula, os corpos eram atirados a um rio que passava sob o edifício, por uma abertura na mesa anatômica. Estes cursos sempre eram realizados entre novembro e fevereiro, época de inverno, que permitia uma decomposição mais retardada do cadáver.

Este teatro anatômico Padovano permitiu sempre aos estudiosos da anatomia humana um maior desenvolvimento, pois sempre a curiosidade humana foi marcante e na sequência dos séculos, com os conhecimentos adequados da anatomia cirúrgica, pôde a medicina desenvolver-se sempre mais e mais.

Em vista disso, ir a Padova não é só conhecer seus pontos turísticos e rezar na Igreja de Santo Antônio de Padova-Lisboa, mas também visitar e admirar no Palazzo Del Bó o Teatro Anatômico.

**Dr. Mauri José Piazza (PR).**

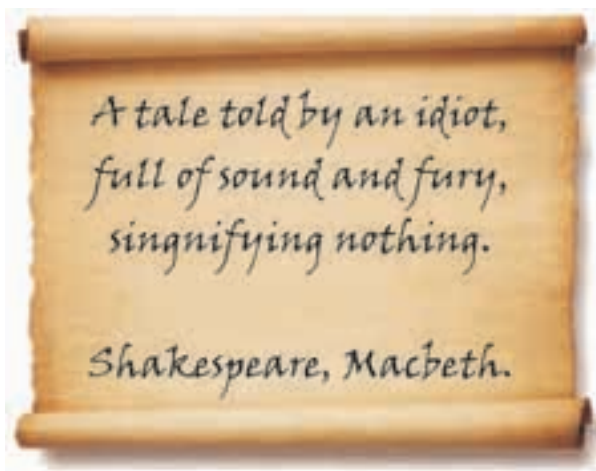
# O anatomista Leonardo Da Vinci

Escrever sobre Leonardo seguramente é difícil e já o foi por muitos. Pintor, escultor, arquiteto, cientista e músico foram algumas de suas qualificações. Este homem parecia saber de tudo. No entanto, filho bastardo de um notário de Da Vinci, foi um grande autodidata. Nasceu na pequena localidade de Da Vinci em 15 de abril de 1452 e morreu em Amboise, na França, em 2 de maio de 1519. Como interessado por anatomia, efetuou disseções em diversos animais (ovelhas, macacos, sapos, pássaros e mesmo em cavalos) e, posteriormente, tendo obtido licença para tal, realizou-a no Hospital Santa Maria Nuova, em Florença. Depois, no Hospital Maggiore, em Milão, e finalmente no Hospital do Santo Espírito, em Roma. Desde os anos 1490 até 1515, realizou disseções em mais de 30 corpos entre homens e mulheres e, simultaneamente, elaborou mais de 200 gravuras anatômicas.

O 1.º desenho foi do *Homem Vitruviano*, realizado em torno de 1490, sendo que para Leonardo o homem era o centro do microcosmo. Seus estudos seguintes foram procedidos num crânio, onde primordialmente passa a estudar os sentidos, principalmente o da visão e das suas conexões com o cérebro (1487-1493). Na sequência, em período já mais maduro da sua vida, passou a estudar os ossos e o esqueleto. Isto entre 1508 e 1510 e, simultaneamente, seu interesse passou a ser os músculos e grupos musculares com um aprofundamento da fisiologia e da mobilidade anatômica

Em torno de 1513, inicia seus estudos sobre o coração e sobre os vasos e aparelho circulatório. Notáveis foram seus estudos sobre o mecanismo de abertura e fechamento das válvulas cardíacas, principalmente da válvula aórtica. Seus conhecimentos de hidráulica o fizeram idealizar um modelo em vidro, inclusive da aorta, permitindo assim estudar o fluxo do sangue.

Nesta mesma fase passou a estudar e analisar todo o aparelho genital masculino e feminino.



No homem, estudou e representou a via de acesso da urina à bexiga, o conduto ejaculador e tentou representar dentro do pênis a existência de dois canais, sendo um para a urina e outro como duto ejaculatório.

Representou também, após disseções de um cadáver feminino, os seus genitais externo e internos contendo os ovários e o útero, bem como com feto intraútero (7º mês) em diversas situações, inclusive em apresentação pélvica.

Finalmente, merece destaque um de seus primeiros estudos anatômicos, que foi o estudo sobre a cópula, realizado quando morava em Milão, em torno de 1490.

Mostra um casal copulando, mas o aspecto mais interessante deste desenho diz respeito à crença, existente desde Platão, que o esperma seria originário da medula e, passando através da espinha dorsal, atingiria o pênis por canal específico aí originado.

Leonardo, era pois, um cérebro privilegiado e bastante curioso, inclusive da Anatomia.

**"PINTOR, ESCULTOR, ARQUITETO, CIENTISTA E MÚSICO FORAM ALGUMAS DE SUAS QUALIFICAÇÕES. ESTE HOMEM PARECIA SABER DE TUDO. NO ENTANTO, FILHO BASTARDO DE UM NOTÁRIO DE DA VINCI, FOI UM GRANDE AUTODIDATA."**

**Dr. Mauri José Piazza (PR).**

# Atestado médico

- **Atestado – declaração escrita e assinada** sobre a verdade de um fato.

- **Parecer** – opinião fundamentada sobre alguém ou sobre algum assunto, emitida por especialista.

"O MÉDICO DESCONHECE O PODER QUE TEM O SEU ATESTADO, E DESCONHECE TAMBÉM OS MOTIVOS QUE LEVAM OS PACIENTES A SOLICITAREM O MESMO. ANTES DA ELABORAÇÃO E EMISSÃO, DEVE O MÉDICO TER CONHECIMENTO PLENO DA FINALIDADE DO SEU ATESTADO."

- **Laudo** – parecer do louvado ou árbitro.

Como parte do ato médico, o fornecimento de atestado médico deve seguir Leis, Normas e Resoluções vigentes no país. Atualmente, no relacionamento médico-paciente, outras entidades passaram a ditar diversas regras, em virtude da possibilidade do uso do atestado médico para conseguir benefícios ou gerar direitos. O médico desconhece o poder que tem o seu atestado, e desconhece também os motivos que levam os pacientes a solicitarem o mesmo. Antes da elaboração e emissão, deve o médico ter conhecimento pleno da finalidade do seu atestado. O atestado deve ser específico para a situação a que se destina, e não para finalidades diversas: "Atesto para os devidos fins..." Quais os fins?

O atestado médico pode gerar direito a uns, criando deveres a outros, sendo o médico emitente do atestado responsável ética, civil e penalmente pelas afirmações constantes no mesmo. O artigo 112 do CEM (Código de Ética Médica) dita que o atestado Médico é ato médico, sendo parte integrante da Consulta Médica.

De acordo com nosso Código Civil, artigo 3, "Ninguém se escusa de cumprir a lei alegando que não a conhece", Código Penal, artigos Art. 299 – "Omitir, em documento público ou particular, declaração que dele devia constar, ou nele inserir ou fazer inserir declaração falsa ou di-

versa da que devia ser escrita, com o fim de prejudicar direito, criar obrigação ou alterar a verdade sobre fato juridicamente relevante: Pena – reclusão, de 1 (um) a 5 (cinco) anos, e multa, se o documento é público; e reclusão de 1 (um) a 3 (três) anos, e multa, se o documento é particular".

Art. 302: "Dar o médico, no exercício da sua profissão, atestado falso". Pena – detenção, de 1 (um) mês a 1 (um) ano (obs.dji.grau.2: Art. 304, Uso de documento falso – CP; obs.dji.grau.4: Atestado Médico; Falsidade Documental; Falsificação); Parágrafo único – Se o crime é cometido com o fim de lucro, aplica-se também multa (obs.dji.grau.4: Falsidade Documental).

A má elaboração do atestado, com intuito de favorecimento do paciente, ou mesmo ignorância do diagnóstico, com a colocação de CID (Código Internacional das Doenças) "chutado", pode gerar problemas sérios ao emissor.

O atestado médico pode ser usado para:

- isenção de carência para benefícios junto ao INSS para algumas doenças. Por exemplo: doenças ocupacionais (DORT), Espondilite Anquilosante, doenças malignas, alienação mental, SIDA, e outras;
- isenção de pagamento do Imposto de Renda do benefício recebido do INSS para as doenças acima relatadas;
- garantia de direitos aos deficientes, por anomalias congênitas ou adquiridas (lei do deficiente) – reconhecimento das mesmas dentro das normas em vigor;
- garantia de cotas no trabalho e na escola (deficientes);
- isenção de impostos (compra de carro por exemplo – algumas deficiências);
- quitação de financiamento imobiliário (algumas doenças);
- dispensa do Serviço Militar;

- dispensa da prestação de serviço nas eleições;
- dispensa de atuar como testemunhas em julgamentos nas áreas Cível, Penal, Trabalhista etc.;
- protelar audiências;
- reconhecimento de que o problema do paciente é doença ocupacional (às vezes "sem querer" – CID 10 – reconhecido pelo Nexo Técnico Epidemiológico Previdenciário - NTEP), gerando a expectativa, ou mesmo o fato, obrigando às empresas as responsabilidades e ônus referente a Doença do Trabalho e Acidente do Trabalho (estabilidade no emprego, recolhimento do FGTS, aumento da alíquota do FAT – Fator Acidentário Previdenciário).
- abono de faltas na escola ou no trabalho;
- reconhecimento de capacidade para atividades físicas;
- reconhecimento de condições físicas suficientes para procedimentos odontológicos ou médicos (pré-operatório);
- reconhecimento de condições físicas para participar de viagens e intercâmbios;
- reconhecimento de capacidade "física e mental" para contratação de Seguro de Vida ou Plano de Saúde – (doenças preexistentes);
- reconhecimento de capacidade "física e mental" para emprego e trabalho (admissão, demissão, mudança de função, retorno ao trabalho, controle de doenças ocupacionais);
- reconhecimento de capacidade "física e mental" para adoção;
- reconhecimento de incapacidades para requerimento de benefícios às seguradoras (INSS por exemplo);
- parecer na orientação ao Poder Judiciário como Perito Judicial; e
- outras dezenas de finalidades, onde o parecer do médico é fator decisivo na contratação ou dispensação do serviço ou ato.

Se não fosse importante, porque seria solicitado? Porque o dentista exige o atestado médico antes de realizar o seu procedimento, o mesmo com a academia de ginástica e o empregador para contratação do seu empregado?



do? A resposta é simples: havendo algum problema na realização do ato ou atividade, quem disse "que estava tudo OK" foi o médico, que será responsabilizado pela "falha nossa". A responsabilidade ética, civil e penal vai recair sobre a pessoa que atestou a sanidade física ou mental, quando não era de sua capacidade ou competência fazê-lo.

Conselhos objetivos para emissão de atestado médico, ou emissão de laudo ou parecer:

- Não forneça atestado de qualquer natureza, sem ter visto e examinado a pessoa (pode dar Atestado de Óbito para o vivo, e de saúde para o morto);
- Não afirme nada que não possa ser confirmado por outro colega com a mesma competência;
- Não assine "atestado montado", aquele que já veio pronto do advogado: "Tá prontinho, é só o doutor assinar!!";
- Seja detalhista no dia, mês, ano e hora do atendimento nos atestados. A comprovação de estar em determinado lugar na hora exata, pode servir de alibi;

- Não deixe folhas carimbadas e/ou assinadas, não empreste o carimbo com seu nome e CRM – eles poderão ser usados na confecção de documentos que você não

**"O ATESTADO MÉDICO PODE GERAR DIREITO A UNS, CRIANDO DEVERES A OUTROS, SENDO O MÉDICO EMITENTE DO ATESTADO RESPONSÁVEL ÉTICA, CIVIL E PENALMENTE PELAS AFIRMAÇÕES CONSTANTES NO MESMO. "**



confeccionaria (receitas e atestados);

- O atestado é para confirmar o fato, não para ser elaborado nos moldes da Empresa ou Entidade, com fins administrativos ["só aceita atestado de três (ou cinco, ou quinze) dias"], e o "doutor" quebra o galho (e fica responsabilizado pelo que afirmou).

Conhecimento legal mínimo para emissão de Atestado Médico, alguns tópicos d(o) a:

- Comecem lendo o CEM – Código de Ética Médica, e Resolução do Conselho Federal de Medicina (CFM) de 18 de agosto de 2008, específicas para Atestado Médico.
- Se for com fins Trabalhistas – CLT – Consolidação das Leis do Trabalho e Normas Regulamentadoras, Con-

venção Coletiva da categoria (para Parecer e Laudos).

- Se for com fins Previdenciários – RGPS – Regime Geral da Previdência Social e Instruções Normativas da Área de Benefícios (Decreto 6042, de fevereiro de 2007, que instituiu o Nexo Técnico Epidemiológico Previdenciário).

- Para conhecimento geral – Lei do Deficiente, Código do Consumidor, Código da Criança e do Adolescente, Código do Idoso, Convenções Coletivas das categorias profissionais que atendemos etc.

**Importante:** todas estas informações estão na internet (Rev. Bras. Reumatol. Vol. 49, nº4, São Paulo July/ Aug. 2009; Antonio Techy; César Siena; Milton Helfenstein Jr).

**Dr. Antonio Techy (PR).**

## RENTABILIDADE

*Prezada Lucia,*

Não compartilho de algumas de tuas convicções, embora seja obrigado a concordar com alguns de teus argumentos.

De fato bastaram algumas horas depois da queda do muro de Berlim para os alemães orientais, ditos do leste, começarem a comprar vídeos pornográficos. E, se não sabes, em apenas uma semana, disse uma semana, o capitalismo abria suas portas no Leste: abriram-se as primeiras "sex shops". O desejo chega sempre primeiro, associado ao dinheiro. Disse dinheiro e disse-o bem. Pois os ocidentais que não estiveram presentes ao grande "happening" da queda e podido pegar ao menos alguns pedriscos do tal muro, começaram a comprá-los. E muitos a comprar pedras falsas, como acontece em muitos negócios.

Concordo que o desejo é "kitsch" e, como regra, tão vazio quanto a maioria das drogas. É a chamada pseudo-liberação. Posso também concordar que, grosso modo, o dinheiro manda em tudo. Só não manda em nossos sonhos. Por isso, não há uma só grande poesia que tenha

sido rentável a seu criador. Se atentarmos bem, todo grande pensamento humano, em vez de ter sido rentável a seus criadores, não raro os colocou em situações difíceis, sejam financeiras e/ou políticas. Depois, claro, passaram a ser rentáveis a quem os comercializou.

Concordo também que o comunismo não passou de uma escravatura utópica, impossível de ser levada adiante num planeta que tem a atual tecnologia. Pode o senhor Chaves querer controlar o fluxo de vozes e imagens, mas dificilmente alcançará seu intento. É difícil ser um Big Brother orwelliano com sua representação canastrona e pouco inteligente por meio de qualquer mídia. Poucos têm a arte de hipnotizar uma audiência. E há outra vertente, mais uma vez a do sonho.

Quando Geoge Steiner esteve na Polônia fazendo conferências, em 1982 – na época o Solidariedade ainda estava fora da lei –, durante uma entrevista, alguns poucos poloneses que tinham acesso à série *Dallas* dos Estados Unidos (passou no Brasil; era sobre as intrigas de uma grande família que possuía poços de petróleo; qualquer semelhança com o Brasil atual é mera coincidência), se disseram apaixonados, mesmo enrubescendo. E lhe per-

# Iátricas

guntaram se os sapatos usados eram marcas reais ou tinham sido fabricados para a série. E ficaram estupefatos quando lhes disse que poderiam ser comprados em qualquer esquina de cidade americana.

Ah, minha cara Lucia, o deus do consumo desbarata-dor de qualquer ideologia... É isso, a difusão dos sonhos é a arma mais poderosa em qualquer luta ideológica, con-cluiu o senhor Steiner.

Veja, qual o lucro que o *Iátrico* traz ao CRM? Em prin-cípio, por não trazer propaganda, só déficit. Mas não ne-cessitamos só do que é rentável ou utilitário a curto pra-zo. O ser humano não é só rentista. Também tem desejos nobres e sonhos. Embora peque muito. Precisamos, cara Lúcia, cultivar a coragem da beleza.

Receba todo o respeito de quem discorda. Afinal, como dizia Rosa Luxemburg, liberdade é única e exclusivamente a liberdade de quem discorda de nós. Cumprimentos.

## BILHETE

*Prezado Edson,*

O texto *Poderes* da edição 24 do *Iátrico*, foi escrito para retomar um conceito sobre religião e ciência abor-dado em outro número. Retomamo-lo depois de ler o óti-mo livro de Jean-Claude Carrière – que dá epígrafe ao texto –, *Fragilidade* (Ed. Objetiva). O conceito em tela é uma tentativa de equacionar a dicotomia razão e fé de uma maneira simples e prática.

Obrigado pelo elogio. Quando vem de alguém mais vivido – reparei o número do CRM em seu bilhete – é também sempre mais gratificante. Não esqueça de me enviar um exemplar de seu livro. E como Neruda, partilho a ideia de que uma obra lançada ao mundo passa a ser de quem puder usufruí-la. Saudações.

## DISCIPLINA E DESORDEM

*Prezada Raquel,*

Conseguiste capturar bem a tênue fronteira do *Iátri-co*. Uma publicação que brota do seio de um órgão de classe que zela pelos postulados éticos profissionais está sempre no meio de um delicado balanço entre a ordem e

a liberdade. A mesma ambiguidade com que se defron-tava Goethe. Este dizia que a verdadeira liberdade ao escrever estava na disciplina, e não na desordem; na su-jeição, e não no improviso. Qual a saída? Escrever sobre a vida vivida e pensada. Isso significa o humano trazer à luz do dia sua interioridade. E esta só pode ser depurada pelos leitores. Obrigado pela leitura constante.

## ERROS GRÁFICOS

*Prezado Francis,*

Obrigado pela leitura atenta. Realmente houve um erro grave nos *Memes* do *Iátrico* 24. Onde se grafou trombocitopenia essencial era trombocitemia, como a quantia a seguir deixava claro. Por mais cuidado que te-nhamos, não há uma edição que passe lisa. E cada vez mais, especialistas como tu – não te incomodes com o tratamento, é à la gaúcha e respeitoso –, fazem os de-vidos reparos. Sobre a tríade da hemocromatose (hiper-pigmentação, diabetes e hepatomegalia), colocamo-la como clássica por que a sabemos tardia no curso clínico. Hoje, qualquer flutuação enzimática hepática, desde que descartadas causas mais comuns, têm logo uma ferriti-na requisitada para triagem de hemocromatose. Se não devemos esperar a tríade aparecer, o que é o correto, também é verdade que diante da mesma não devemos esquecer dessa sobrecarga de ferro. Infelizmente, o diagnóstico ainda é tardio na maioria dos casos. Também é verdadeiro que os laboratórios cada vez mais confir-mam o diagnóstico por técnicas de genética molecular, ao alcance da tua Maringá e da minha Curitiba, mas não de boa parte dos médicos paranaenses.

Francis, sabes o que o desesperado Monteiro Lobato escreveu certa feita a propósito dos erros contumazes em seus textos? Aqui vai: "Não sei de que artifícios mara-vilhosos valem-se os erros gráficos para se camuflarem tão perfeitamente dentro do texto, quando de sua revi-são, e de que milagres valem-se eles mesmos para apa-recerem tão flagrantemente, quando de sua publicação."

Bom, não? Obrigado, e espero teu texto inédito para publicação. 📖

# Cinderela



**A expressão Era uma vez..., que emoldura o mágico início tabular de muitos contos de fadas, destinada especialmente às crianças do final do século XVII, é, com Charles Perrault (1628-1703), mais que uma fórmula simples, eis que "produz de um só golpe o sentido de um grande mundo inexplorado do tempo" e, a partir desse momento, deixa para trás o mundo real. A atmosfera da imprecisão temporal se completa com o uso do tempo verbal no pretérito imperfeito, muito comum nesse gênero literário e que indica uma ação iniciada no passado e não concluída, deixando transparecer a ideia de perpetua-**

**"ESSAS PALAVRAS INAUGURAIS DO CONTO TRANSMITEM UMA TRANQUILIDADE ROMPIDA COM O DESENVOLVIMENTO DOS FATOS TRÁGICOS PARA AS CRIANÇAS ATUAIS E, QUIÇÁ, REALISTA PARA AS CONTEMPORÂNEAS NA ÉPOCA DE SUA FORMULAÇÃO."**

ção dos acontecimentos relatados nos contos mágicos. Essas palavras inaugurais do conto transmitem uma tranquilidade rompida com o desenvolvimento dos fatos trágicos para as crianças atuais e, quiçá, realista para as contemporâneas na época

de sua formulação, mas que desencadeará um final feliz para a protagonista, após um período de sofrimento. Isso pode ser afirmado, ao menos no que tange ao clássico que aqui se quer analisar, *Cinderela*, que é um dos contos

mais antigos registrados na literatura. A primeira notícia que temos a seu respeito vem da China do século IX, por Tuan Ch'engshih, que recolheu de um servo os relatos orais dessa história. No entanto, ela não ficou restrita ao território chinês e correu mundo, de tal forma que hoje encontramos várias versões, em diversos continentes. E, em todos os relatos, temos os mesmos elementos estruturais, a saber: uma pequena menina feliz, a qual, com o advento da morte da mãe, passa por um período de sofrimento e degradação física e moral por atos de maldade das irmãs e da madrasta, contando, no entanto, com a intervenção de um ente mágico que a ajuda a comparecer a um festejo realizado por alguém importante, geralmente um príncipe, ocasião em que ela perde um objeto que servirá, posteriormente, para a sua própria identificação e consequente união com o patrocinador do evento, alcançando, enfim, o posto de pessoa amada. Esse final feliz reservado à protagonista encerra a moldura do conto, com outra fórmula igualmente insubstituível... E viveram felizes para sempre. Tal desfecho não faz a criança acreditar na existência da vida eterna ou que Cinderela continue a viver num reino mágico, mas ajuda a remetê-la à compreensão de que as conquistas são possíveis e podem servir de base para uma existência emocional segura e independente da dos pais.

Hoje não se discute que as crianças constituem-se no público destinatário dos contos de fadas, mas isso só foi acontecer a partir do século XVII. Os contadores de histórias que existiam na França setecentista transpunham o seu próprio mundo povoado de brutalidade para os contos de fadas. A França passava por um período de miséria, as pessoas se amputavam para provocar a misericórdia alheia e, assim, conseguirem sobreviver através de esmolas, numa luta constante pela vida. "Terminados com a morte, (...) os casamentos duravam em

média quinze anos", sendo certo que as mulheres apresentavam uma expectativa de vida bem menor que a dos homens, que voltavam a se casar, fazendo, com isso, proliferar a figura da madrasta. Essa personagem, retratada como espécie de bruxa nos contos mágicos, é justificada diante da busca pela sobrevivência material, num tempo em que a comida era escassa e as mães, instintivamente, buscavam favorecer seus filhos naturais, tornando, por isso mesmo, difícil a convivência entre os meios-irmãos. Outro problema, além da alimentação, residia na divisão do patrimônio. É nesse rude cenário, pois, que as histórias são formuladas, na perspectiva histórica de Robert Darnton. Assim, atrás da magia contida nessas histórias, temos elementos de realismo. No entanto, Perrault, que recolheu as histórias da ama de seu filho, adaptou tudo ao gosto da corte de Luís XIV, com uma elegante fluência de estilo que em nada trai a ingenuidade das fontes populares de que se valeu. Um século depois, os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm publicariam, em 1812, a versão do conto *Cinderela* da literatura oral alemã, com elementos de um realismo cruel. Mas em 1815, "na segunda edição (...), retiraram episódios de demasiada violência ou maldade, principalmente aqueles que eram praticados contra criança". Assim, essas duas versões mais conhecidas do ocidente revelam que a palavra, ao ser registrada, para no tempo, mas com as reflexões e os valores de sua época, e se afastam das características dos relatos orais. Isso ocorre na medida em que a própria sociedade vai alterando as problemáticas que a circundam. Hoje, encontramos inúmeras edições, com muitos e variados ornamentos, mas em todas permanecendo os mesmos elementos estruturais.

As diferentes versões de *Cinderela*, surgidas ao longo do tempo em diversos contextos econômico e social, denotam a própria alteração do lugar ocupado pela criança na sociedade. Phillipe Ariès, em sua *História social da criança e da família*, relata essa mudança. Uma reformulação dos costumes religiosos e morais, bem como a descoberta da vacina contra a varíola, associadas à prática de novos hábitos de higiene e um ainda incipiente con-

trole de natalidade, fizeram, no final do século XVII, com que a criança saísse de uma vida etariamente efêmera (quando se aceitava, com naturalidade, que "as pessoas não se podiam apegar muito a algo que era considerado uma perda eventual", diante das altas taxas de mortalidade infantil), para ocupar "um lugar central dentro da família". Essa posição é refletida nos trajes usados por elas, na educação recebida e conseqüentemente na literatura a elas direcionada. É em meio a esse cenário, oscilando entre a miséria do campo e a recente posição da criança nos meios sociais mais elevados, do final do século XVII, que a literatura destinada ao público infantil, no mundo ocidental, nasce com Perrault.

Bruno Bettelheim, em *A psicanálise dos contos de fadas*, traça um paralelo entre as duas versões mais difundidas no ocidente, a de Charles Perrault e a dos irmãos Grimm. Em ambas, um ponto destacado pelo autor é a rivalidade fraterna na relação entre meias-irmãs adotivas, talvez um recurso para atenuar a animosidade existente entre irmãos naturais e parecer mais aceitável toda a degradação sofrida por Cinderela e ocasionada pelas irmãs. A criança, ao escutar os relatos dessa história, dramatiza em sua própria vida o fado imposto a Cinderela, e, ao identificar-se com a protagonista, a rivalidade fraterna é a primeira estampa que aparece. Mas seu foco é, na verdade, a disputa pelo amor dos pais, pois em algum ou em vários momentos se sente preterida pelos genitores em relação a eles. No momento em que a criança se sente sobrepujada, ao ouvir uma narrativa como a de Cinderela, passa

"O DESFECHO NÃO FAZ A CRIANÇA ACREDITAR NA EXISTÊNCIA DA VIDA ETERNA OU QUE CINDERELA CONTINUE A VIVER NUM REINO MÁGICO, MAS AJUDA A REMETÊ-LA À COMPREENSÃO DE QUE AS CONQUISTAS SÃO POSSÍVEIS E PODEM SERVIR DE BASE PARA UMA EXISTÊNCIA EMOCIONAL SEGURA E INDEPENDENTE DA DOS PAIS."

a acreditar que um dia irá superar toda a situação de dor existente em sua crença. Outro aspecto dessa rivalidade fraterna é o da criança saber que nem sempre é boa, que pratica atos repudiáveis, entretanto, por "ter irmãos cruéis", suas atitudes são perfeitamente justificáveis em

relação aos manos.

No século XVII, o italiano Giambattista Basile foi o primeiro a publicar na Europa o conto *Cinderela* em sua obra *Pentamerone*. No entanto, aqui, a atenção se volta

"É EM MEIO A ESSE CENÁRIO, OSCILANDO ENTRE A MISÉRIA DO CAMPO E A RECENTE POSIÇÃO DA CRIANÇA NOS MEIOS SOCIAIS MAIS ELEVADOS, DO FINAL DO SÉCULO XVII, QUE A LITERATURA DESTINADA AO PÚBLICO INFANTIL, NO MUNDO OCIDENTAL, NASCE COM PERRAULT."

para essas duas narrativas mais divulgadas, tendo como base a análise psicanalítica de Bruno Bettelheim. Constatou-se que, não obstante ambas terem sido recolhidas de mulheres advindas da classe camponesa, são bem diferentes entre si, mas essas diferenças não impedem

que as duas tenham qualidades literárias compreendidas pela óptica infantil como nenhuma outra produção artística. Os contos são equiparados às obras de arte, não só pelo seu viés estético, mas também por eles permitirem à criança a possibilidade de se extrair deles diversos significados, nas várias etapas de seu desenvolvimento.

Vale ressaltar que os contos de fadas não se limitam aos estudos focados na psicanálise, mas sim em múltiplas interpretações pessoais, não só para as crianças mas também para os estudiosos de especialidades como a etnografia, a sociologia, a teologia, a história e a crítica literária.

Normalmente os contos iniciam-se remetendo a um lugar impreciso e a um tempo remoto, fazendo nascer desde aí uma atmosfera de magia e o enlaçamento necessário ao pacto ficcional para, nesse cenário, ser introduzida a personagem protagonista (neste caso, Cinderela), que vive feliz nos braços dos pais. Essa é a fase de "narcisismo primário", quando a criança se sente segura por acreditar ser amada, sem ninguém capaz de abalar o lugar que acredita ocupar. Dentro de sua imaginação ela vive no mundo perfeito.

Num segundo momento, quando a criança começa a se socializar, passa a ser repreendida pelos pais, aí surgindo a dúvida se é realmente amada, gerando o sofrimento. Essa dor provoca o ciúme edípiano e faz a criança

desejar se livrar do genitor do mesmo sexo que ela. Assim, frequentemente a genitora se transforma num ser ambivalente diante do olhar infantil, pois "embora a mãe seja a maioria das vezes a protetora dádiva, ela pode se transformar na madrasta se for má a ponto de negar ao menino algo que ele deseja". Logo, a figura da mãe é projetada na madrasta, que precisa ser digerida pela criança dentro de seus desejos e angústias edípianas.

*Cinderela* ou *O sapatinho de vidro* de Perrault, que adaptou ao gosto da corte os elementos necessários para sua aceitação e realidade, absteve-se de falar da fome existente no campo; muito pelo contrário, descreve a festa dada pelo príncipe com muitos doces finos e frutas. Preenche com vários valores burgueses toda a história: quartos bem decorados das filhas da madrasta, a importância das roupas e penteados, além das inovações do sapatinho de vidro, da carruagem feita de uma abóbora, de ratos transformados em cavalos e cocheiro e lagartos, em pajens. Essa *Cinderela* do mestre francês é a versão na qual ela é apresentada em contraposição com as irmãs e madrasta de forma mais maniqueísta. Enquanto Cinderela é a melhor pessoa do mundo, as irmãs e a madrasta são as piores, e é esse contraste percebido pela madrasta, que fazia destacar o quanto suas filhas eram detestáveis, que fez a mãe postíça afastar Cinderela e atribuir-lhe tarefas domésticas. Cinderela é cordata e não tenta mudar seu destino, nem cogita em reclamar com o pai sobre sua situação, pois sabe que ele é dominado pela mulher. Por isso mesmo, aceita sua condição degradante. É ela mesma quem escolhe viver entre as cinzas e, por iniciativa própria, aconselha as irmãs a se arrumarem da melhor forma possível para irem ao baile. E, mesmo depois de ter sido humilhada pelas irmãs – destaca-se aqui, que nesse conto a rivalidade fraterna se sobressai às maldades da madrasta – Cinderela, no final do conto, acaba perdendo-as e patrocina-lhes casamentos com nobres da corte. Isso tudo faz de Cinderela uma personagem mais fictícia que humana. Talvez tenha sido toda sua resignação e bondade extremada, com a posterior recompensa de ter casado com o príncipe, sob

nítidos valores cristãos, que tenha levado Walt Disney a escolher essa versão para ser a base de sua produção cinematográfica. A apresentação de personagens com caráter tão polarizados faz com que a criança compreenda as diferenças entre o bem e o mal de forma mais clara, do que se fossem retratadas como na vida, ou seja, com as complexidades de uma personalidade que ninguém é somente uma ou outra coisa, mas que o destino encarrega-se de ser mais prodigioso para os bons. Isso imprime a moralidade passada por Perrault.

Nos Grimm, Cinderela não é passiva. Ela age perante as dificuldades, mesmo com um pai conivente com a madrasta, de ser obrigada a dormir entre as cinzas, de ter que pentear as irmãs para o baile (o que faz chorando, e não de boa vontade), de implorar para a madrasta deixá-la ir ao festejo, o que é permitido só depois de realizar tarefas impossíveis, que são executadas com a ajuda de pássaros e, mesmo assim, o consentimento não lhe é dado. Cinderela consegue ir ao baile com a ajuda do ente mágico, e é ela quem decide a hora de retornar para casa, não havendo imposição do horário nem a advertência de que sua identidade seria revelada pela quebra da mágica à meia-noite, como é retratado por Perrault. Essa Cinderela mais independente, retratada pelos Grimm, pode ser compreendida diante do processo de amadurecimento pelo qual ela passa nessa versão. Logo após as segundas núpcias do pai, este viaja e pergunta às enteadas e à filha o que desejam de presente, diante do que as primeiras pedem objetos de valor, enquanto que a filha encomenda-lhe o ramo de uma árvore que lhe esbarre no chapéu quando estiver retornando para casa. Esse ramo é cultivado no túmulo da mãe com lágrimas e orações, denotando o processo de amadurecimento do tempo decorrido entre a infância a adolescência, e "só depois de crescida e transformada em árvore é que ela lhe fornece aquilo de que necessita para ir ao baile", ou seja, as roupas e o sapatinho. Durante o crescimento da árvore, Cinderela sofre, como a criança ouvinte acredita sofrer, e isso lhe proporciona o consolo de que um dia o final feliz ocorrerá em sua vida, tal como o destinado

à Cinderela. Essa árvore, que simboliza a mãe morta e transmite à Cinderela poderes mágicos, representados como se fossem uma fada madrinha, faz parte de uma experiência sustentada nas adversidades da vida, tornando a criança capaz de sobreviver a essas circunstâncias e, assim, adquirir autonomia necessária para a vida adulta.

Mesmo não sendo possível delimitar com precisão a gênese do conto popular, pode-se dizer que Perrault inovou mais que os Grimm, que se ativeram sobretudo às fontes dos registros orais, mas em ambas as versões tem-se uma magia própria e um encanto que se perpetua por gerações. Seja qual for a versão, esses contos são "uma explicação geral da vida, nascida em tempos remotos e alimentada pela lenta ruminação das consciências camponesas até nossos dias".

Subjugar os contos de fadas, subsidiando-se na irrealidade neles contida, é ignorar seu valor artístico de criação literária. Quem poderia afirmar serem verossímeis as narrativas inquestionavelmente destinadas aos adultos, nas mais diferentes épocas. Luciano de Samósata, no século II, já alertava para as mentiras contadas por Odisseu de Homero; na sua obra *Das narrativas verdadeiras*, diz que contará fatos inventados, mas com o diferencial do reconhecimento de criação para entretenimento, sem apego à realidade. Nos *Lusiadas*, Camões cria o gigante Adamastor, classificado como parte alegórica, mas nunca como absurdo. Franz Kafka, na *Metamorfose*, faz um homem, ao acordar, ver-se na condição de um inseto, permitindo inúmeras interpretações dos adultos. São alguns poucos exemplos, dentre tantas outras obras que poderiam ser lembradas como fantasiosas, das quais os adultos recebem, sem se questionar, a possível veracidade, aceitando-a tal como a assinatura de um pacto, que Umberto Eco define como leitor-modelo, ou seja, aquele que está disposto a aceitar a ficção e interpretá-la diante das inúmeras facetas que uma boa obra deve permitir.

"NO MOMENTO EM QUE A CRIANÇA SE SENTE SOBREPUJADA, AO OUVIR UMA NARRATIVA COMO A DE CINDERELA, PASSA A ACREDITAR QUE UM DIA IRÁ SUPERAR TODA A SITUAÇÃO DE DOR EXISTENTE EM SUA CRENÇA."

Assim, tentar diminuir a importância literária dos contos de fadas sob a justificativa de serem destinados às crianças, por lhes faltarem a capacidade crítica e aceitarem passivamente os absurdos, é desconhecer multifária linguagem simbólica que está presente em toda a literatura, tanto a destinada às crianças quanto aquela destinada aos adultos. Friederich Schiller chega a afirmar que "há

um significado mais profundo nos contos de fadas que me contaram na infância do que na verdade que a vida ensina". Senão pelo ensinamento, os contos de fadas valem pelo deleite de ouvir, como dito por Goethe, ao falar das histórias contadas por sua mãe: "O prazer de viver e a paixão por construir fantasias".

**Sandy Sueila Margotto (PR).**

*Referências:* TOLKIEN, J.R.R. *Sobre histórias de fadas*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2006, p. 89. / ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 15. / YUTANG, Lin. *A deusa de Jade e outros contos chineses famosos*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1953, p. 223. / Bruno Bettelheim, citando M. R. Cox, fala em 345 versões catalogadas desse conto (*A psicanálise dos contos de fadas*. 21ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007, p. 336). / DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos*. Rio de Janeiro: Graal, 1986, p. 44. / COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas: símbolos, mitos, arquétipos*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 29. / ARIÈS, Philippe. *História social de criança e da família*. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006, p. 22. / ARIÈS, p. 105. / Darnton cita uma versão do séc. XIV dos romances do ciclo arturiano de Cinderela, divulgada em 1547 em *Propos rustiques*, de Noel du Fail, sendo essa a versão escocesa de Cinderela, denominada *Rashin Coatie*, também sendo referida por Bettelheim. / BETTELHEIM, p. 331/332. / BETTELHEIM, p. 98. / BETTELHEIM, p. 346. / PROPP, Vladimir. *As raízes históricas do conto maravilhoso*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 23. / CALVINO, Italo. *Fábulas italianas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 14. / BETTELHEIM, p. 12. / BETTELHEIM, p. 216.

## Receita de Doutor

**"Cada qual sabe amar a seu modo; o modo, pouco importa; o essencial é que saiba amar."  
(Machado de Assis)**

**Embora o ato de cozinhar vise satisfazer a** necessidade imperiosa da sobrevivência, talvez seja uma das manifestações humanas que mais demonstre o ato de servir e cuidar do outro.

Quanto amor está colocado no momento em que a mãe prepara a papinha do filho? Quem não teve uma simpática avó a desrespeitar todas as regras para satisfazer os desejos dos netos por guloseimas? O que falar sobre a amizade que nos leva a convidar os amigos para um churrasco ou um jantar pelo puro prazer de servir?

A vinda para uma refeição em nossa casa é sempre um momento de sublime acolhimento do outro.

Não pude deixar de me emocionar quando em um concurso gastronômico entre médicos me foi apresen-

tada a história da receita que estamos publicando nesta edição. Assim pedi para dividi-la com todos os leitores. A história é clara, a premiada receita.

Não deixem de prová-la, é uma delícia.

**Dr. José Clemente Linhares (PR).**

### TROUXINHA DE LINGUADO

#### *História da Receita*

Essa seria mais uma história de como conquistar um homem pelo estômago se não fosse pelo imprevisto da receita que foi feita às pressas. Meu namorado viria jantar em casa, naquele sábado, que eu estava de plantão. Cheguei tarde e não sabia o que preparar. Analisando o que estava disponível na geladeira e na despensa, separei meio quilo de linguado cortado em pequenos filés

de mais ou menos 60 gramas: alcaparras que triturei no liquidificador formando uma pasta; e pimenta do reino moída. Pequei os filés de linguado e temperei somente com a pimenta, mescliei na pasta de alcaparras e selei em uma frigideira com pouco azeite. Cogumelos paris e shitake que, após amaciados na manteiga, adicionei um bom copo de champagne. E depois de reduzidos, esperei esfriar um pouco, pois não tinha muito tempo, e cortei em finas fatias.

Tinha um pouco de camarão limpo, tamanho médio, que foi temperado com uma pitada de limão, sal e pimenta e levemente aquecido em azeite e manteiga com um fundo de cebola picada. Claro que a cebola pedi para minha mãe cortar; era noite de namoro. Aproveitei também para cozinhar algumas batatas pequenas com casca e tudo, pois não tinha mais tempo pra fazer nenhum acompanhamento. Comecei a pensar como poderia montar um prato único que fosse à mesa e ainda surpreendesse. Eu ainda tinha que arrumar a mesa e me aprontar para recebê-lo. Seguindo os conselhos da mamãe, que falou "junta tudo e serve", eu coloquei em um pedaço de papel alumínio um filé de linguado, uma porção dos cogumelos e, por cima, uma guarnição de camarão. Fechando tudo com outro filé de linguado, coloquei duas batatas no murro com um pouco de manteiga e fechei o papel alumínio em forma de trouxinha.

Coloquei no forno baixo só para não esfriar e fui me arrumar. Depois de vinte minutos tirei do forno e servi. A surpresa veio logo no primeiro desembulhar, com diversos aromas se espalhando no pelo ar: o peixe e o camarão ficaram com uma textura incrível por terem sido cozidos em seu próprio vapor enquanto estavam no forno. Tudo ficou uma delícia e, por sorte, mamãe foi dormir cedo naquela noite.

**Dra. Rosane do Rocio Johnsson (PR).**

### A RECEITA (4 PORÇÕES)

- 500 g de filé de linguado cortado em pequenos files de mais ou menos 60 gramas.
- 5 colheres de sopa de alcaparras.
- 200 g de cogumelos paris.

- 200g de cogumelos shitake.
- 200g de camarões médios sem casca.
- 2 cebolas médias.
- 10 batatas pequenas.
- 1 copo de espumante tipo brut .
- 2 colheres de sopa de azeite.
- 2 colheres de sopa de manteiga.
- Sal, pimenta e limão a gosto.
- Papel de alumínio.

### MODO DE FAZER

- Triture as alcaparras no liquidificador formando uma pasta.
- Tempere os filés com esta pasta e pimenta do reino moída.
- Sele os filés em uma frigideira com pouco azeite.
- Corte os cogumelos paris e shitake em fatias finas.
- Pique as cebolas em cubos.
- Salteie os cogumelos e metade da cebola em manteiga, adicione o espumante e deixe reduzir e então reserve.
- Tempere os camarões como um pouco de limão, sal e pimenta.
- Em outra frigideira salteie o restante da cebola e os camarões em uma mistura de azeite e manteiga e também reserve.
- Cozinhe as batatas com casca.

### MONTAGEM DO PRATO

- Corte 4 folhas de papel alumínio com 30 X 30 cm.
- Sobre cada uma coloque 1 filé de linguado, uma porção dos cogumelos, uma porção dos camarões e termine com o outro filé de linguado.
- Junte duas batatas levemente amassadas (ao murro), um pouco de manteiga e feche completamente a trouxinha de papel alumínio para que tudo cozinhe no vapor.
- Coloque tudo em uma assadeira e leve ao forno por 15 a 20 minutos.
- Cuidado ao abrir a trouxinha para não se queimar.
- Bom apetite!



# Médicos de Curitiba homenageados com a nomeação de logradouros públicos

O culto, a devoção, adoração, veneração ou reverência por homens, deuses, animais ou acontecimentos são comuns a todos os povos, épocas, cidades ou países, pelos mais variados motivos, que os perpetuam através de meios comemorativos para que os relembrem, exaltem constantemente e exemplifiquem com o nome ou fato. Já antes do império brasileiro, isto tem sido realizado.

Assim, surgem as placas, estátuas, medalhas, diplomas, selos, parques, jardins e mais ainda, as ruas, avenidas, travessas e alamedas denominadas.

A identificação destes logradouros públicos é uma necessidade e a simbologia procura traduzir e representar uma homenagem, embora nem sempre a população que transita conheça os atributos de quem e do porque está sendo promovida pelos idealizadores da amabilidade, qua-

se sempre devido à falta de manutenção da informação histórica de sua biografia.

Muitos acreditam que nos casos de vias públicas, seria conveniente, ao invés de nominar a identificação do ponto geográfico, fazê-lo através de numeração racionalmente distribuída, como algumas cidades já o fazem.

A maioria das localidades escolhe para as ruas o nome

de um personagem representativo da comunidade local, nacional ou internacional, ou fatos e acontecimentos históricos significativos.

É importante despertar na população o interesse em

conhecer, o que e o porquê da atitude homenageadora e retribuidora que está sendo prestada em vida ou após a morte – mais frequentemente – ou ainda, após o acontecimento em passado recente.

De todas as formas de homenagear as vias ou logradouros públicos, distingue-se a denominação, embora ela não exteriorize na placa padronizada que a identifica um mínimo de informações. Há também centenas de ruas, avenidas, travessas e alamedas sem identificação, para alegria de todos os homenageadores, inclusive dos verdadeiros, cuja atividade pública é das mais comuns e preferidas: propor nomes aos logradouros.

Verdadeiramente, a maioria das homenagens enceram méritos, cabendo sempre a demonstração e a justificativa ao propositor por ocasião de sua saudação, com o respeito, reconhecimento, agradecimento ou retribuição à realização de um bem, atitude ou ato público.

Em Curitiba, quase todos conhecem por algum meio de informação ou pela placa que identifica o nome, a Avenida Visconde de Guarapuava. Embora conheçam a via e placa, poucos sabem quem foi este ilustre Visconde, o que ele representou socialmente e porque seu nome foi outorgado e distinguido.

Os nomes são de pessoas ou fatos, ocorridos mais recentemente, mas outros há dezenas ou centenas de anos. À escolha do nome ou fato, o louvor determina uma referência, uma localização geográfica, cuja posição às vezes depende do grau, do mérito e prestígio de quem homenageia e da relevância ou importância do homenageado. Muitas famílias não sentem o prestigiamento do ato em si, principalmente quando a localização geográfica da rua está situada mais distante do centro da cidade. Esta posição de localização depende muito da época da escolha

"EM CURITIBA, QUASE TODOS CONHECEM POR ALGUM MEIO DE INFORMAÇÃO OU PELA PLACA QUE IDENTIFICA O NOME, A VISCONDE DE GUARAPUAVA. EMBORA CONHEÇAM A VIA E PLACA, POUCOS SABEM QUEM FOI ESTE ILUSTRE VISCONDE, O QUE ELE REPRESENTOU SOCIALMENTE E PORQUE SEU NOME FOI OUTORGADO E DISTINGUIDO."

das distantes, pois, as mais antigas são mais centrais no perímetro urbano.

A identificação, com a divulgação do mérito do reverenciado em solenidade pública, é necessária e fundamental, pois há uma constante renovação da população local que, em regra, desconhece os antigos homenageados, pois até as ruas mudam de nomes.

Na placa identificadora, elemento mais usual nas esquinas, deveria constar pelo menos a função ou atividade principal, que informe o fato: engenheiro, pintor, prefeito, cidadão, professora, médico ou proclamador da República. O que representaria um número afora, talvez, a facilidade de localização. O nome, o número e a condição profissional, dignificação ou recompensa, lembra um exemplo.

O encantamento da homenagem mereceria ser mantida e repetida através de uma renovação festiva, em alguma data significativa da vida do cidadão ou fato enaltecidos pela população da rua ou bairro, seja por iniciativa da prefeitura, moradores ou da família com uma prévia programação com banda ou por uma associação ou sociedade médica, para nós médicos (relembrando os méritos, pois, são ícones, beneméritos da comunidade, cuja lembrança e recordação é uma satisfação contínua, uma vez que as suas raízes o ligam com os lugares na cidade). A localização geográfica é apenas mais um detalhe na designação. Sua vida foi e é parte histórica da cidade.

A representação ou significação que o homenageado tem para aqueles que a fazem, devem ser oferecidos e lembrados à comunidade os motivos dos méritos e não servir apenas para saber onde moramos para o carteiro entregar a correspondência ou a visita de amigos, o que é importante.

Sabemos que a retribuição honrosa é destinada a glorificar como agradecimento a ações que, no conjunto, também representam exemplos e estímulos.

Lembrando que ninguém, nem o homenageado, é só santo ou demônio, o fundamental foi sua posição ética ou de mérito na dimensão social. Como ser humano, o ato ou fato pode ter também questionamentos, mas cabe ao idealizador da homenagem informar, analisar e justificar

a consagração. O critério precisa ter um pente fino, para não impedir ou facilitar homenagens. Uma comissão de direitos humanos pode ser consultada. O critério pode ter seus erros com escolha de ditadores, políticos safados, a empresários exploradores do povo. Para estes casos, esperamos que uma nova decisão futura de cassar ou não a denominação fora do conteúdo de homenagens, quando o calor dos "puxa-sacos" e o peso do poder é maior na balança dos julgamentos. Não vamos ter só defensores da democracia dos julgadores justos.

A denominação de logradouros públicos com o nome de médicos é uma condição justa àqueles que destinaram parte de sua vida à atividade do bem comum e atitudes corretas no cumprimento dos seus deveres, de salvar e melhorar vidas.

Os médicos estão entre os profissionais que têm na população em geral ou na comunidade o melhor índice de credibilidade, reconhecimento pelo comportamento ético e social. São suas referências.

A gratificação ou gratidão emocional pela homenagem tem um sabor especial, sendo uma recompensa muito grande, principalmente quando obtida por reconhecimentos espontâneos, tanto eventualmente para a memória do homenageado ou sua imagem pública, como para sua família.

O nome em um bem público, como uma rua, representa a síntese emocional de uma vida que reflete atos e gestos singulares. Um ato de retribuição, de cordialidade e solidariedade: respeito à perpetuação de um exemplo. É entendida pela população, colegas médicos ou não, como um ato significativo.

Estaremos homenageando colegas com o batismo de seu nome em alguma rua de Curitiba. Expoentes da classe e da sociedade, as ruas passam a ser personalizadas. Parabenizamos os familiares, cujas homenagens meritariamente participam. Espero que a lista que consegui este-

"OS MÉDICOS ESTÃO ENTRE OS PROFISSIONAIS QUE TÊM NA POPULAÇÃO EM GERAL OU NA COMUNIDADE, O MELHOR ÍNDICE DE CREDIBILIDADE, RECONHECIMENTO PELO COMPORTAMENTO ÉTICO E SOCIAL. SÃO SUAS REFERÊNCIAS."

ja completa, mas aceitamos a colaboração de nomes que faltam e estejam omitidos involuntariamente. Notamos que temos ainda poucos representantes colegas médicos neste conjunto, o que faz com que as associações ou sociedades de classe lembrem aos vereadores esta lacuna.

Temos observado que as mulheres raramente têm sido distinguidas nestes louvores, cabendo também às associações e sociedades de classe motivar esta distinção, pois os seus méritos são evidentes.

Esperamos que a Associação Médica do Paraná, o Conselho Regional de Medicina, o Sindicato dos Médicos, a Sociedade Paranaense de Médicos Escritores, a Academia Paranaense de Medicina e outras entidades médicas estimulem suas regionais a novas homenagens locais.

Vamos manter esta tradição e homenagear os logradouros públicos com o nome, número e atividade profissional.

**Dr. Ehrenfried O. Wittig (PR).**

*Referências:* 1 - Almas das Ruas, Cidade de Curitiba, 1º volume 1969, 2º volume 1974, 3º volume 1981. Maria Nicolas (Poetisa e escritora). Composto e impresso: Editora Litero-Técnica. R. Alferes Poli, 299 - Curitiba - Paraná. / 2 - Arquivo do CRM/PR 2009 / 3 - Curitiba - Mapa e Índice de Ruas e Loteamentos 2008, IPPUC

MÉDICOS JÁ DISTINGUIDOS COM SEUS NOMES					
NOME	CRM	SITUAÇÃO	NOME	CRM	SITUAÇÃO
Alameda Dr. Muricy (José C. Silva Muricy)	X	Falecido	Rua Dr. Itamar Cortes	2265	Falecido
Avenida Erasto Gaertner	X	Falecido	Rua Dr. Jaime Ricardo Paciornik	2328	Falecido
Avenida Victor Ferreira do Amaral	X	Falecido	Rua Dr. Jayme Gasparin	126	Falecido
Farol do Saber (Iberaba) Cesar Pernetá	10348	Falecido	Rua Dr. Antonio Ferreira	403	Falecido
Jardim Abib Caloto	1765	Falecido	Rua Prof. João Átila Rocha	82	Falecido
Largo José Knopholtz	19193	Ativo	Rua Dr. João Luiz Bettiga	525	Falecido
Praça Dr. Antonio Gomes	66	Falecido	Rua Dr. João Maria da Silveira	5348	Falecido
Praça Dr. Fortunato Yelada Bermudez	745	Falecido	Rua Dr. João Nassif	521	Falecido
Praça João Cândido Ferreira	X	Falecido	Rua Joaquim de Freitas	1265	Falecido
Praça Dr. Jorge Troc Hinczuk	1304	Falecido	Rua José Alexandre de Moura Negrini	392	Falecido
Praça Dr. Luíseli Rodrigues da Silva	16383	Falecido	Rua José Augusto Santana	17882	Ativo
Praça Miguel Couto	X	Falecido	Rua José Carlos de Oliveira	8598	Ativo
Rua Abrão Mansur	78	Falecido	Rua José Carlos Puppi	1666	Falecido
Rua Albino Farracha de Castro	4	Falecido	Rua José Leite	2525	Ativo
Rua Dr. Álvaro Teixeira Pinto	60	Falecido	Rua José Lobato da Costa	363	Falecido
Rua General Anor Pinho	173	Falecido	Rua José Manoel Ribeiro dos Santos	371	Falecido
Rua Ver. Antenor Pamphilo dos Santos	549	Falecido	Rua José Rebelato	5786	Ativo
Rua Antonio Coebi	9421	Ativo	Rua Juarez de Oliveira	2683	Ativo
Rua Antonio Paulino Teixeira de Freitas	81	Falecido	Rua Dr. Lauro Genio Portugal Tavares	769	Falecido
Rua Aramis Taborda Athayde	616	Falecido	Rua Dr. Lauro Wolff Valente	8	Falecido
Rua Gen. Aristides Athayde Junior	504	Falecido	Rua Dr. Leão Mocellin	7300	Ativo
Rua Prof. Arnaldo Alves de Araújo	151	Falecido	Rua Dr. Levino Bornaocin	2611	Falecido
Rua Arnaldo Moura	23	Falecido	Rua Dr. Levy Miro Carneiro	325	Falecido
Rua Dr. Augusto Cantergiani	1001	Falecido	Rua Dr. Levy de Brito Buquera	420	Falecido
Rua Benedito Ferreira de Souza	3073	Ativo	Rua Dr. Libanio Estanislau Cardoso	2048	Falecido
Rua Bernardo Leinig	640	Falecido	Rua Dr. Lourival Schwansce Torres	124	Falecido
Rua Dr. Brasílio Vicente de Castro	61	Falecido	Rua Dr. Manoel Macedo Loyola	53	Falecido
Rua Dr. Carlos Vicente Laynes de Andrade	590	Falecido	Rua Marcos Mocellin	5164	Ativo
Rua Dr. Cezar Luiz Teixeira	3130	Falecido	Rua Dra. Maria Falca de Macedo	226	Falecida
Rua Daniel Egg	314	Falecido	Rua Dep. Mario de Barros	31	Falecido
Rua Dante Luiz Junior	509	Falecido	Rua Dr. Mario Esmanhoto	428	Falecido
Rua Darcy Alves de Souza	783	Falecido	Rua Mario João Scaramuzza	21	Falecido

## MÉDICOS JÁ DISTINGUIDOS COM SEUS NOMES (CONTINUAÇÃO)

NOME	CRM	SITUAÇÃO	NOME	CRM	SITUAÇÃO
Rua Davi Xavier da Silva	651	Falecido	Rua Marlus Chesnaulens César	67	Falecido
Rua Décio Dossi	2594	Falecido	Rua Martiniano Ceccon Parolin	951	Falecido
Rua Djalma Ferreira Lopes	46	Falecido	Rua Máximo Pinheiro Lima	1523	Falecido
Rua Domicio Costas	286	Falecido	Rua Prof. Milton de Macedo Munhoz	1	Falecido
Rua Durval Pinto Cordeiro	1515	Falecido	Rua Dr. Mohty Domit	743	Falecido
Rua Dr. Edemar Ernsen	5294	Falecido	Rua Nagib Daher	1519	Falecido
Rua Edilton Trevisan	1501	Falecido	Rua Napoleão Lyrio Teixeira	45	Falecido
Rua Prof. Eduardo Correia Lima	337	Falecido	Rua Prof. Octávio da Silveira	435	Falecido
Rua Esc. Edvino Donato Tempiski	519	Aposentado	Rua Prof. Orlando Sprenger Lobo	99	Falecido
Rua Dr. Egon Armando Krueger	121	Falecido	Rua Oscar Aisengart	137	Falecido
Rua Dr. Ennio Marçal	5	Falecido	Rua Dr. Paulo Júlio Fonseca Bittercourt	291	Falecido
Rua Dr. Ernani Arzua Pereira	229	Falecido	Rua Dr. Polan Duszczyk	146	Falecido
Rua Dr. Ernani Bengli	597	Falecido	Rua Dr. Rafi Salum	506	Falecido
Rua Dr. Ernani Simas Alves	143	Falecido	Rua Dr. Raul Carneiro Filho	274	Falecido
Rua Dr. Ernesto Esserfelder Traub	683	Falecido	Rua Dr. Reynaldo Machado	X	Falecido
Rua Dr. Euripedes Garcez do Nascimento	244	Falecido	Rua Dr. Ricardo Lemos	15285	Transf.
Rua Dr. Evaristo Franco Ferreira	527	Falecido	Rua Drª. Rosina Sanson Pereira Pinto	904	Falecida
Rua Dr. Fabiano Siqueira Cunha	1089	Falecido	Rua Dr. Ruy Leal	361	Falecido
Rua Dr. Faivre	XXX	Falecido	Rua Dr. Salomão Guelmann	6885	Ativo
Rua Dr. Faruk Abrão Kalil	2719	Falecido	Rua Dr. Saul Brofman	447	Falecido
Rua Fernando Meyer	13034	Ativo	Rua Dr. Saul de Carvalho Chaves	572	Aposentado
Rua Flavio Mariano Ribas	1165	Falecido	Rua Dr. Sebastião Farajata Bacila	996	Falecido
Rua Prof. Francisco Bassetti Junior	607	Falecido	Rua Dr. Silvio da Maia Moreira	3778	Falecido
Rua Gastão Naital Simone	1403	Falecido	Rua Dr. Simão Kossobudski	X	Falecido
Rua Gláucio Bandeira	311	Falecido	Rua Dr. Thadeu Olesko	26	Falecido
Rua Dr. Hamilton Dybowitz	2301	Falecido	Rua Dr. Urbano Toniolo	778	Falecido
Rua Prof. Haroldo Trevisani Beltrão	214	Falecido	Rua Moj. Virgolino Esmarhoto	108	Falecido
Rua Dr. Helena da Silveira	168	Falecido	Rua Dr. Waldemiro Pereira	511	Falecido
Rua Helly de Macedo Souza	1386	Falecido	Rua Dr. Walôyr Obayashi	2812	Falecido
Rua Dr. Hugo Camargo	11	Falecido	Rua Yone Bussi de Paula Xavier	349	Falecida
Rua Dr. Irineu Antunes	333	Falecido	Rua Dr. Zerbini	XX	Falecido

Legenda CRM: X - Período anterior à criação do CRM-PR / XX - Médicos de outros estados / XXX - Médico francês.

## DA TRADIÇÃO

“QUANDO FALARES, CUIDA PARA QUE TUAS PALAVRAS SEJAM MELHORES DO QUE O TEU SILÊNCIO.”  
DITADO INDIANO.

“É MELHOR ACENDER UMA VELA DO QUE AMALDIÇOAR A ESCURIDÃO.”  
DITADO CHINÊS.

“O PERIGO E O PRAZER ANDAM DE MÃOS DADAS.”  
PROVÉRBIO ESCOCÊS.

# Pioneiros da Medicina do Paraná

## 1654-1822

## Os Pioneiros

No seu livro, *"História da Medicina no Paraná 1654-1822"* o Dr. Júlio Moreira relaciona alguns pioneiros da medicina paranaense. Admite-se que os primeiros colonos aportados em Paranaguá fossem acompanhados de curiosos da arte de curar. Sabe-se que *"os jesuítas, no seio dos índios, eram os médicos da alma e do corpo"*.



**DR. JÚLIO MOREIRA**

Júlio Estrela Moreira, nasceu em Curitiba, no dia 6 de outubro de 1899. Morreu em Curitiba no dia 24 de julho de 1975.

Em 1921 graduou-se em odontologia na Faculdade de Medicina da Universidade do Paraná. Em 1929 formou-se médico na mesma faculdade. Teve a carreira sempre vinculada à universidade. De 1958 a 1959 dirigiu a Faculdade de Odontologia.

Júlio Moreira projetou-se no Paraná como um dos grandes intelectuais de seu tempo. Publicou o clássico *"Dicionário Bibliográfico do Paraná"*.

Pertenceu e dirigiu as mais importantes entidades culturais do Estado, como o Circulo de Estudos Bandeirantes, o Museu Paranaense, o Centro de Letras do Paraná, a Sociedade Paranaense de Escritores Médicos e o Instituto Histórico e Geográfico do Paraná. Ocupou a cadeira 14 da Academia Paranaense de Letras.

### PASCOAL FERNANDES LEITE

Possivelmente o decano dos cirurgiões nos Campos de Curitiba. Foi ele *"um dos primeiros povoadores do Bairro de Tindiquera (Araucária). Exercia a medicina e praticava as sangrias com sucesso. O mais antigo auto-cível existente no segundo cartório de Curitiba, versa sobre a semaria que Garcia Rodrigues Velho lhe cedeu por conta da cura de sua mulher Maria Benita."* Ele e seu filho, Felix Leite Fernandes foram signatários dos célebres provimentos deixados em Curitiba no ano de 1721, pelo Ouvidor Pardinho. Pascoal Leite faleceu em 1746, com mais de 80 anos.

### JOÃO GUILHOTE

Figura o seu nome como a testemunha número vinte e dos em processo instaurado na Vila de Paranaguá, em 1726, onde ele declara, ser *"morador da vila de Paranaguá e viver de Cirurgião"*. Residira anteriormente em São Paulo onde exercia a função de *"cirurgião barbeiro na Vila"*

### DONA LUÍSA DA CUNHA

O mais antigo registro encontrado sobre parteiras foi o de Dona Luísa da Cunha, datado de 1745. No dia 6 de maio de 1745 os oficiais da Câmara da Vila de Curitiba despacharam *"uma petição de Luísa da Cunha, na qual arbitrou o que deve levar por seu trabalho de partejar, como melhor consta do despacho de sua petição."*

# Pioneiros da Medicina do Paraná

## 1835

## Santa Casa de Paranaguá

### Primeira Santa Casa do Paraná

O Comendador Manoel Francisco Correia Júnior, o Correia Moço, pai do Barão do Serro Azul, foi o fundador, em 9 de outubro de 1831, da "Sociedade Patriótica dos Defensores da Independência e Liberdade Constitucional". Ele mesmo, em sessão de 26 de julho de 1835, propoz que essa sociedade fosse convertida em Santa Casa de Misericórdia de Paranaguá. A proposta foi aprovada e o Comendador Correia Júnior eleito seu primeiro provedor.

Em 1836 instalou-se provisoriamente, na rua da Ordem, um hospital em prédio alugado ao próprio Comendador. Com o auxílio da Maçonaria foi construído o primeiro Hospital da Santa Casa, terminado em 1841, em terreno contíguo à Capela do Senhor Bom Jesus dos Perdões. Ali funcionou o hospital durante sessenta anos.

Nos últimos anos do século XIX, já sob regime republicano, a representação política dos paranaguenses no governo do Estado facilitou a obtenção de recursos para a construção de um novo hospital. Colaboraram o vice-presidente Santos Andrade, o secretário de finanças Coronel Luiz Xavier e o engenheiro Cândido Ferreira de Abreu, que supervisionou a obra. A inauguração do prédio aconteceu em 3 de junho de 1900. Era provedor o prefeito João Guilherme Guimarães e o diretor do Hospital era o Dr. Petit Carneiro.

O primeiro médico a trabalhar na Santa Casa, no Hospital provisório da rua da Ordem, foi o irlandês Guilherme Wyle, que em 1838, ofereceu-se "para assistir aos enfermos com sua presença e remédios". No ano seguinte o Dr. Wyle requereu à Irmandade quantia anual de duzentos mil réis, pelo seu trabalho. Prestou serviços até a sua morte em 1846.

Outros médicos que trabalharam na Santa Casa de Paranaguá: Ricardo Killer (1850) Alexandre Bousquet (1854), Ricardo Augusto da Silva Rego, Leocadio José Corrêa (1874) João Evangelista Espindola (1885), José Justino de Mello (1886), Randolpho Serzedello, Abdon Petit Carneiro Guimarães (1899) Caetano Munhoz da Rocha (1903), Belmiro Saldanha da Rocha (1908) e Roque Vernalha (1925), primeiro médico formado no Paraná, a fixar-se em Paranaguá.



Comendador Manoel Francisco Correia Junior, o principal fundador da Santa Casa.

Paranaguá, PR

04/03/1809 - 26/02/1857



Primeiro Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Paranaguá, edificado em 1841, e a Capela do Senhor Bom Jesus dos Perdões, erecta em 1711.

# O valor da poesia em minha vida

A poesia me contou sobre

A brevidade da vida  
A inutilidade do esforço  
A fugacidade dos sentimentos  
A impotência do homem frente ao seu destino

A poesia me mostrou

Que o conhecimento é breve  
Que o medo domina o ser humano  
Que um sorriso se apaga  
Mas que a esperança sobrevive e é eterna

A poesia me falou

Que do medo se fazem provocações  
Que do efêmero se constroem sonhos  
Que as emoções immortalizam o tempo  
Que o valor do ser humano está nos seus sentimentos

A poesia me ensinou

Que o céu é azul  
Que o amor remove montanhas  
Que a capacidade humana desafia os seus limites  
E que viver é maravilhoso!

**Dr<sup>a</sup>. Thelma Skare (PR).**

Uma vida vivida em sua plenitude é capaz de gerar em seu redemoinho de esperanças e fracassos, de conquistas e frustrações, uma síntese de verdade; a verdade de uma vida. Contada nas cores vivas do arco-íris, sem desprezar as tormentas do acaso. Vale uma vida!



CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO PARANÁ

[www.crmpr.org.br](http://www.crmpr.org.br)